UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS,
LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

ELEN DE AMORIM DURANDO

**Uma obra crioula em prisma:
a tradução de *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau**

SÃO PAULO

2012

ELEN DE AMORIM DURANDO

**Uma obra crioula em prisma:
a tradução de *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mario Laranjeira

SÃO PAULO

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Durando, Elen de Amorim.

Uma obra crioula em prisma: a tradução de *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau / Elen de Amorim Durando; orientador: Mario Laranjeira – São Paulo, 2012.

161f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2012.

1. Patrick Chamoiseau. 2. Literatura Caribenha. 3. Tradução. 4. Crioulo.
5. Francês

Nome: DURANDO, Elen de Amorim

Título: Uma obra crioula em prisma: a tradução de *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao meu pai, *in memoriam*

À minha mãe, Irene

Irene preta,

Irene boa,

Irene sempre de bom humor

[...]

M. Bandeira

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mario Laranjeira, não somente pela atenção dispensada ao longo de todo o trabalho, mas principalmente por compartilhar comigo suas preciosas histórias de vida.

À Prof^a. Dr^a. Diva Barbaro Damato, a quem devo todo o meu interesse por literatura caribenha e a possibilidade de realizar esta pesquisa. Agradeço por todo o apoio recebido desde o início.

Ao Prof. Dr. Alain Mouzat, sempre muito solícito, pelas preciosas contribuições à dissertação.

Ao amigo Ciro Shia, por todo o carinho, pelas inúmeras sugestões, pelas incontáveis leituras deste trabalho e, principalmente, pelo encorajamento constante.

Às amigas Érica Oliveira, Melissa Scanhola e Claudia Santos, companheiras de jornada, com as quais pude dividir as alegrias e as dores de ser uma pós-graduanda.

À amiga-irmã Valdirene Honório, pelo incentivo e pelo ombro amigo ao longo de todo o processo.

Aos colegas da Editora Perspectiva, que me ouviram falar exaustivamente sobre Patrick Chamoiseau e literatura caribenha.

À Edite e ao Júnior, do Departamento de Letras Modernas, por toda a ajuda com a burocracia acadêmica.

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido a esta pesquisa.

RESUMO

DURANDO, Elen de Amorim. **Uma obra crioula em prisma: a tradução de *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau**. 2012. 161f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Este trabalho apresenta ao leitor de língua portuguesa a tradução da obra crioula *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau. Para melhor compreensão dos aspectos linguísticos e extralinguísticos do livro, desenvolvemos um estudo inicial, dividido em três capítulos, que obedece ao percurso: contexto histórico, autor e obra. O primeiro capítulo contempla a história da Martinica, desde os primeiros habitantes até a colonização francesa, evidenciando as principais consequências do movimento colonizador no que diz respeito ao ser, ao espaço e à língua. No segundo capítulo, traçamos um perfil do autor, apresentando um pouco da sua produção intelectual, sua participação no movimento literário da criouldade e seu projeto literário, de maneira a ressaltar suas peculiaridades estilísticas. O terceiro capítulo destina-se a refletir sobre as competências necessárias ao tradutor de obras culturalmente marcadas, analisando não somente as nossas principais escolhas tradutológicas, como a característica mais elementar de *Antan d'enfance*: o enraizamento na tradição oral.

Palavras-Chave: Patrick Chamoiseau, literatura caribenha, tradução, crioulo, francês.

ABSTRACT

DURANDO, Elen de Amorim. **A Creole work in perspective: translating *Antan d'enfance*, by Patrick Chamoiseau**. 2012. 161f. Master's dissertation – Faculty of Philosophy, Literature and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

This paper presents to Portuguese-speaking readers the translation of the Creole work *Antan d'enfance*, by Patrick Chamoiseau. For better understanding of linguistic and extralinguistic aspects of this book, we developed an initial study, divided into three chapters, which follows this path: historical context, author and work. The first chapter covers the History of Martinique, from the earliest inhabitants to the French colonization, highlighting the main consequences of the colonization movement to the individuals, the space and the language. In the second chapter, we have compiled a profile of the author, where we introduce some of his intellectual production, his participation in the créolité literary movement and his literary project, in order to emphasize his stylistic peculiarities. The third chapter intends to examine the skills necessary to translate culturally marked works, by analyzing not only our main choices of translation, but also the most elementary aspect of this work: rooting in oral tradition.

Keywords: Patrick Chamoiseau, Caribbean literature, translation, creole, french.

RÉSUMÉ

DURANDO, Elen de Amorim. **Un ouvrage créole en prisme: la traduction d'*Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau**. 2012. 161f. Mémoire de maîtrise. Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, São Paulo, 2012.

Ce travail présente au lecteur de langue portugaise la traduction de l'ouvrage créole *Antan d'enfance*, de Patrick Chamoiseau. Pour une meilleure compréhension des aspects linguistiques et extralinguistiques du livre, nous avons développé une étude initiale, divisée en trois chapitres, qui suit le parcours: contexte historique, auteur et ouvrage. Le premier chapitre traite de l'histoire de la Martinique, depuis les premiers habitants jusqu'à la colonisation française, mettant en évidence les principales conséquences du mouvement colonisateur par rapport à l'individu, l'espace et la langue. Dans le deuxième chapitre, nous traçons un profil de l'auteur, en présentant un peu de sa production intellectuelle, sa participation dans le mouvement littéraire de la créolité et son projet littéraire, afin de souligner ses particularités stylistiques. Le troisième chapitre est destiné à une réflexion sur les compétences nécessaires pour les traducteurs d'œuvres culturellement marquées, en analysant non seulement nos principaux choix de traduction, mais aussi la caractéristique plus élémentaire d'*Antan d'enfance*: l'enracinement dans la tradition orale.

Mots-Clés: Patrick Chamoiseau, littérature caribéenne, traduction, créole, français.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo I: Martinica: um espaço-mosaico.....	13
1.1. <i>Nos ancêtres les Arawaks</i> : dos primeiros habitantes à colonização francesa.....	14
1.2. A dialética do ser: identidade x aculturação.....	17
1.3. A dialética do espaço: lugar x território.....	20
1.4. A dialética da língua: bilinguismo x diglossia.....	23
Capítulo II: Patrick Chamoiseau: <i>Le marqueur de paroles</i>.....	27
2.1. A produção intelectual.....	28
2.2. <i>Éloge de la créolité</i> : o movimento da criouldade e suas implicações.....	30
2.2.1. Os precursores.....	30
2.2.2. O livro-manifesto.....	32
2.2.3. A criouldade como instrumento de criação.....	34
2.3. O universo crioulo revivificado: o projeto literário do autor.....	35
Capítulo III: <i>Antan d'enfance</i>: uma obra crioula em prisma.....	40
3.1. O leitor-tradutor e a competência intercultural: um breve interlúdio.....	41
3.2. Lendo <i>Antan d'enfance</i> : a irrupção da oralidade na escrita.....	45
3.3. Traduzindo <i>Antan d'enfance</i> : as escolhas tradutológicas.....	49
Considerações Finais.....	58
Referências Bibliográficas.....	60
Apêndice: <i>Tempos de Infância</i>.....	64
ANEXO.....	159

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar ao leitor de língua portuguesa a tradução da obra crioula *Antan d'enfance* (1990), de Patrick Chamoiseau. A escolha do objeto de estudo está intrinsecamente ligada à constatação de que a literatura caribenha, extremamente rica e que muito tem a nos oferecer, ainda permanece incógnita entre o público leitor brasileiro e pouco prestigiada pela comunidade científica, conquanto se observem esforços na tentativa de dirimir ou, ao menos, minimizar essa omissão.

Patrick Chamoiseau é, atualmente, um dos escritores mais representativos da língua e da cultura crioulas, haja vista sua produção intelectual, essencialmente enraizada nesse universo. Entretanto, embora figure entre os escritores mais importantes das Antilhas, suas obras ainda são muito pouco traduzidas, sobretudo pelas dificuldades impostas por seu estilo literário. No Brasil, apenas o romance *Texaco* (1992) foi contemplado com uma tradução, empreendida por Rosa Freire d'Aguiar, o que nos motivou ainda mais a levar adiante esse projeto, não obstante os entraves tradutológicos que teríamos que transpor.

Considerando a grande importância de suas obras no cenário literário contemporâneo, pareceu-nos bastante relevante a escolha de *Antan d'enfance*, ganhadora do *Prix Carbet de la Caraïbe*, em 1990. Mais do que uma autobiografia de infância, essa obra se revela um singular manual da arte de viver e sobreviver em uma região colonizada. Sob um olhar infantil, Chamoiseau retrata a rica cultura crioula por meio das situações cotidianas, promovendo ao mesmo tempo uma reflexão oblíqua, porém incisiva, acerca do colonialismo francês nas Antilhas, bem como das heranças culturais desse processo.

Diante das especificidades linguísticas e extralinguísticas de *Antan d'enfance* e das dificuldades impostas à tradução de textos culturalmente marcados, algumas questões se

fazem imperativas: como refletir, na tradução, uma realidade cultural distinta da nossa? Ou ainda, como transpor, para uma outra língua-cultura, no caso, o português do Brasil, experiências sensoriais que, ligadas ao cheiro, ao sabor, ao tato, à emoção, transcendem o âmbito linguístico? São essas algumas das questões que o tradutor deverá considerar ao aventurar-se na tradução de textos culturalmente marcados. E foi com base nessa problemática que nos propusemos aqui a inserir o leitor nesse universo tão singular, apresentando, além da tradução, alguns elementos-chaves fundamentais que possam ajudá-lo a compreender não somente os aspectos culturais da obra como os princípios e mecanismos que regem a escrita de Chamoiseau.

Nesse sentido, desenvolvemos um estudo inicial, dividido em três capítulos, que obedece à sequência: contexto histórico, autor e obra. O percurso se inicia com a história da Martinica, terra natal de Patrick Chamoiseau e cenário da obra que escolhemos traduzir. Além de um viés histórico, julgamos pertinente acessar camadas mais abissais, empreendendo uma reflexão sobre as consequências socioculturais da colonização francesa na região, o que será feito em nosso Capítulo I. O objetivo principal é trazer à tona algumas questões que, de certa forma, subjazem à literatura antilhana e, por extensão, às obras literárias e teóricas de Chamoiseau.

No Capítulo II, traçaremos um perfil do autor, evidenciando aspectos de sua produção intelectual, sobretudo de seus romances e ensaios teóricos. A seguir, analisaremos sua participação no movimento literário da criouldade, fortemente influenciado pelas ideias de Édouard Glissant, a quem Chamoiseau deve grande parte de seu repertório literário e filosófico. Ao final do capítulo, apresentaremos o projeto literário do autor, ressaltando ao mesmo tempo certos aspectos estilísticos fulcrais recorrentes em suas obras.

O Capítulo III, por sua vez, destina-se a explorar a obra literária em duas instâncias: leitura e tradução. Na primeira, explicitaremos o traço mais contundente da narrativa, qual seja, a oralidade, com a qual o leitor se defronta já no processo de leitura. Na segunda, ressaltaremos os principais desafios à tradução, bem como as soluções encontradas, analisando, ao mesmo tempo, em que medida foi respeitada a Carta aos Tradutores, anexada ao final do trabalho, na qual Chamoiseau elenca alguns procedimentos destinados à tradução de suas obras. Essas análises virão precedidas de uma reflexão a respeito das competências necessárias ao leitor-tradutor no trabalho de leitura, decodificação e tradução de textos culturalmente marcados.

Ao final do trabalho, apresentaremos a tradução integral de *Antan d'enfance*, que constitui, sem dúvida, não uma mera transposição entre línguas, mas um exercício de alteridade social e cultural que, esperamos, seja de grande valia para futuros estudos na área de literaturas francófonas, mais especificamente, de literatura antilhana.

Capítulo I

Martinica: um espaço-mosaico

*Ni Européens, ni Africains, ni Asiatiques,
nous nous proclamons Créoles*

(J. Bernabé, P. Chamoiseau
e R. Confiant, *Éloge de la créolité*)

1.1. *Nos ancêtres les Arawaks: dos primeiros habitantes à colonização francesa*

Localizada no centro das Pequenas Antilhas, entre a Dominica, ao norte, e Santa Lúcia, ao sul, a Martinica está historicamente atrelada ao restante do arquipélago, sobretudo no que concerne à colonização europeia aí empreendida e à escravidão praticada durante dois séculos por espanhóis, franceses, ingleses e holandeses. No entanto, muito antes da chegada dos europeus, acredita-se que a ilha da Martinica tenha sido habitada pelos índios Arawaks, vindos das costas venezuelanas por volta de 300 ou 400 d.C. Embora não haja tantos indícios que atestem a existência desses ameríndios, algumas pesquisas arqueológicas dão mostras de que os Arawaks

[...] eram um povo de pescadores, daí terem se instalado na costa Atlântica, cujas águas rasas facilitavam a pesca com rede e com cesto. Embora eles não conhecessem a roda, suas cerâmicas são bem executadas e pacientemente decoradas, o que revela a existência de um certo desenvolvimento tecnológico na agricultura, trabalho reservado em geral às mulheres [...], segundo revelam as pesquisas arqueológicas realizadas em Santa Maria, na Martinica [...], onde teria existido uma comunidade Arawak de talvez milhares de pessoas (DAMATO, 1995, p. 37).

Por volta de 900 d.C., uma nova civilização ameríndia, proveniente da América do Sul, chegou à ilha: os Caraíbas ou Kalinas, de tradição guerreira e supostamente ferozes. Atribui-se aos Caraíbas o desaparecimento dos índios Arawaks, que teriam sido subjugados e devorados, à exceção das mulheres, tomadas como esposas pelos novos habitantes da ilha. Conquanto não se tenha comprovação desse fato, o caráter bélico e antropofágico dos Caraíbas já está de tal forma enraizado no imaginário coletivo que é comum a associação, em dicionários enciclopédicos e manuais de história e antropologia das Antilhas¹, entre as

¹ Cita-se, como exemplo, a obra *Races Humaines et leur répartition géographique* (1930), de Alfred. C. Haddon, da qual extraímos a seguinte asserção: “Os Caraio ou Caraíbas tinham costume de comer seus inimigos do sexo

palavras *caraïbe* e *cannibale*: do indígena *karib*, a palavra *caraïbe* teria dado origem à palavra francesa *cannibale*, que ressalta, como pretendem alguns historiadores, o traço mais característico desse povo – a antropofagia.

No entanto, na contracorrente dessas conjecturas históricas, há quem afirme que essa associação é, antes, uma tentativa europeia de justificar o massacre empreendido mais tarde pelos colonizadores franceses a essas tribos supostamente canibais. Nesse sentido, fazer crer que os Caraíbas eram naturalmente cruéis e de tradição antropofágica tornaria a ofensiva europeia menos condenável:

Os motivos econômicos da colonização explicam em grande parte que seja forjada uma história largamente lendária, em que as populações “caraíbas”, termo que poderia vir do espanhol e que teria dado lugar à nossa palavra *cannibale*, selvagens comedores de homens, teriam exterminado hipotéticas populações arawaks pacíficas, sequestrando e reduzindo suas mulheres a escravas. Numerosos trabalhos recentes tendem a demonstrar que esse esquema foi evocado com frequência na história para justificar o extermínio de uma população por outra².

Antes, porém, da chegada dos franceses à Martinica, Cristóvão Colombo desembarcou na ilha, em 15 de junho de 1502, quando de sua quarta e última expedição à América. Entretanto, a passagem dos espanhóis pelas Pequenas Antilhas foi breve, uma vez que eles se concentraram inicialmente nas Grandes Antilhas e só mais tarde no restante do continente. Se

masculino; é do seu nome que vem a palavra *cannibale* [Les Caraïbo ou Caraïbes avaient coutume de manger leurs ennemis mâles; c'est de leur nom que vient le mot *cannibale*]” (p. 261 – grifo nosso).

² Tradução nossa do original: “Les enjeux économiques de la colonisation expliquent en grande partie que se soit forgée une histoire largement légendaire où des populations ‘caraïbes’, terme qui pourrait venir de l'espagnol et ayant donné lieu à notre mot *cannibale*, sauvages mangeurs d'hommes, auraient exterminé d'hypothétiques populations arawaks pacifiques enlevant et réduisant en esclavage leurs femmes. De nombreux travaux récents tendent à démontrer que ce schéma a souvent été évoqué dans l'histoire pour justifier l'extermination d'une population par une autre”.

Disponível em: <<http://archeonavale.org/martinique/pages/martiniq.html#extermination>>. Acesso em: 11 abr. 2011. Oportuno salientar que, no século XVII, o primeiro etnógrafo dos ameríndios, o Padre Raymond Breton, autor de um dicionário francês-caraíba publicado em 1665, já havia refutado essa associação. Cf. LARA, Oruno. “Karib et Arawak”. *Traites négrières et système esclavagiste*. Disponível em: <<http://en.calameo.com/read/0000078821a68a6ea486e>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

durante essa incursão Colombo deixou algum legado, acredita-se que tenha sido o nome – Martinica – atribuído à ilha em homenagem a seu patrono Saint Martin.

A conquista definitiva da região só ocorreu, pois, com a chegada do francês Pierre Belain d'Esnambuc, em 15 de setembro de 1635. D'Esnambuc teria criado, com o incentivo do cardeal Richelieu, a *Compagnie des Isles d'Amérique*, no intuito de impulsionar a colonização das regiões francesas da América, o que mudaria radicalmente a história da Martinica. Segundo as crônicas da época, o primeiro contato entre os Caraíbas e os franceses desenvolveu-se pacificamente, contudo a incessante subjugação dos índios e a espoliação gradativa de suas terras pelos colonos suscitaram conflitos irremediáveis na ilha, culminando no extermínio dos Caraíbas, por volta de 1658. “Esse fato será o responsável pela ruptura entre a cultura pré-colonial e colonial. Haverá na ilha uma substituição total da população. O passado começa na colônia” (DAMATO, 1995, p. 43).

Mesmo antes desse massacre, o tráfico negreiro na Martinica já havia sido organizado, dada a escassez de mão-de-obra destinada principalmente aos engenhos de cana-de-açúcar, que havia se tornado então a principal cultura das Antilhas. Os escravos vinham sobretudo de Angola, Cabo Verde e da costa ocidental da África. É a exploração da mão-de-obra africana que permitirá aos colonos avultar sua produção de açúcar, com consequente enriquecimento da Metrópole. Tal exploração se estendeu até 23 de maio de 1848, quando finalmente foi abolida a escravidão na Martinica.

Em substituição à mão-de-obra escrava, recorreu-se então à mão-de-obra vinda sobretudo do Oriente, o que intensificou ainda mais a mescla cultural da ilha, transformando-a em um espaço-mosaico:

A partir de 1853, 30 mil imigrantes, entre europeus, chineses, japoneses (em pequeno número), africanos (9 mil) e indianos (grande maioria) chegam às Antilhas Francesas. Desses, após dois decênios, restarão alguns africanos, 5 mil indianos e uns raros chineses. Os outros morreram ou voltaram a seus países de origem (DAMATO, 1995, p. 69).

Todo esse processo de diluição das características primevas da Martinica, que teve início com a chegada dos franceses às Antilhas, atingiu seu ponto mais crítico com a departamentalização da ilha em 6 de maio de 1946. Afora as questões políticas, a anexação da Martinica ao território francês trouxe consequências socioculturais profundas e irreversíveis, sobretudo no que concerne à tríade ser-espaco-língua – as três instâncias para as quais o ônus da colonização francesa foi mais incisivo. Nesse sentido, analisaremos, a seguir, de que maneira esses três domínios foram afetados no decorrer do movimento colonizador, a fim de compreendermos não só o processo de formação sociocultural da ilha, como certos questionamentos e inquietações que, direta ou indiretamente, figuram na obra de Patrick Chamoiseau, sobretudo em seus ensaios teóricos. Tal análise nos permite entender, outrossim, o esforço empreendido por muitos escritores antilhanos para fazer do texto literário um espaço privilegiado de resgate da memória e das tradições crioulas, relegadas ao esquecimento e condenadas a desaparecer.

1.2. A dialética do ser: identidade x aculturação

De todas as investidas colonialistas da França em regiões americanas, a colonização da Martinica foi, sem dúvida, a mais singular. Segundo Affergan (2006), uma das razões dessa especificidade é histórica: “Os franceses chegaram um pouco antes dos deportados africanos, para finalmente formar com eles, sobre os resquícios das velhas culturas indígenas (arawaks e caraíbas) que eles se obstinaram a reduzir, um verdadeiro *melting-pot* crioulo³” (p. 20). Nesse sentido, todas as diferenças iniciais (de cultura, religião, costumes etc.) se esfacelaram, para

³ Tradução nossa do original: “Les Français sont arrivés peu avant les déportés africains, pour finalement former avec eux, sur les débris des vieilles cultures indiennes (arawaks et caraïbes) qu’ils s’acharnèrent tous à réduire, un véritable melting-pot créole”.

formar um único e mesmo conjunto. Essa homogeneização social não figura, como assinala o autor, num processo colonial clássico, uma vez que

[...] a especificidade cultural e, portanto, a visão da história que os povos conquistados podiam encarnar e desdobrar com todos os seus princípios e valores particulares (mitos, cultos, ritos, costumes) eram, se não sempre respeitados, em todo caso preservados [...] ⁴ (AFFERGAN, 2006, p. 19).

Saliente-se que, nesse processo de homogeneização, os valores franceses, sobretudo aqueles que se julgará legítimos no século XVII, serão impostos à sociedade martinicana, ainda em formação, seja por meio de sua ciência, de sua filosofia, de sua literatura ou de uma retórica bastante contundente. Nessa perspectiva, a força brutal que se exerce sobre os escravos nas plantações e nas habitações será acompanhada da força do espírito e do pensamento.

Trata-se de uma “dominação silenciosa” (CHAMOISEAU, 1997, p. 248) que transcende tudo aquilo que é puramente exterior, pautado na força ou na violência físicas. Insinuando-se, pois, na mente e no espírito, os valores franceses tornam-se, então, a única verdade na qual os martinicanos podem se fiar: “Verdade de sua raça. Verdade de sua língua. Verdade de sua cultura. Verdade de sua religião. Verdade de sua bandeira...” ⁵ (CHAMOISEAU, 1997, p. 29), processo que Affergan (2006) chama de “deslocamento identitário” e que se inicia, segundo Damato (1995), já na primeira infância:

[...] os escravos aprendem desde a infância que sua cor é um estigma de inferioridade e o branco detém o monopólio do Belo, do Bom e da Verdade. Progredir, melhorar é necessariamente aproximar-se do padrão europeu, renegar a origem africana. E quando alguns poucos privilegiados conseguem emergir desse povo esmagado (graças sobretudo à escola), o seu sonho não mais será a volta à África, mas o acesso à cidadania francesa (p. 150).

⁴ Tradução nossa do original: “[...] la spécificité culturelle et, partant, la vision de l’histoire que les peuples conquis pouvaient incarner et déployer avec tous leurs principes et valeurs particuliers (mythes, cultes, rites, coutumes) étaient, sinon toujours respectées, en tous cas préservées [...]”.

⁵ Tradução nossa do original: “Vérité de sa race. Vérité de sa langue. Vérité de sa culture. Vérité de sa religion. Vérité de son drapeau [...]”.

Para um povo que foi despojado de sua história, torna-se ainda mais difícil reconstruir o passado – que até então não é mais do que uma sucessão de eventos nebulosos –, na tentativa de resgatar sua legítima identidade, bem como um sentimento de pertença:

O problema é ainda mais grave quando se trata de um povo que foi constituído a partir do ato colonial, que nunca teve condições de exercer sua soberania. A Martinica só conseguiu se libertar do estatuto de colônia quando passou a ser um departamento francês, o que significa que ela nunca deixou de estar incorporada a outro país, nunca deixou de estar inserida numa outra história (DAMATO, 1995, p.173).

No caso específico dos martinicanos, o resgate ou a tentativa de resgate dos elementos constitutivos de sua identidade é um processo demasiadamente difícil, uma vez que esbarra na história e nos valores metropolitanos, dos quais eles não podem ou não querem se desvencilhar.

Essa relação entre o eu e o Outro – ou, ainda, entre dominador e dominado – carrega em si mesma uma contradição, na medida em que o dominado é, de certa forma, seu próprio dominador. Affergan (1983) salienta que o poder colonial-assimilador é exercido não de fora, mas de dentro, o que explicaria, talvez, o fato de um mesmo indivíduo em posição de dominação apresentar, em relação ao dominador, súbitas explosões de violência, bem como súbitos sentimentos de afetividade: “Essa viagem em si consiste no vai-e-vem incessante entre a busca do Outro e a retomada imediata e culpabilizada de sua autonomia⁶” (p. 235).

Esse conflito imanente, no qual os martinicanos estão imersos, compõe uma grande teia ou um grande emaranhado de difícil desarticulação, no qual se encontram, imbricados: “complexos diversos, desejo de se tornar branco, problemas mentais, desvalorização de si, brutalidades internas, despersonalizações invalidantes, mimetismos [...] Uma ejeção de si

⁶ Tradução nossa do original: “Ce voyage en soi consiste dans le va-et-vient incessant entre la demande à l’Autre et la reprise immédiate et culpabilisée de son autonomie”.

mesmo, de suas realidades biológicas, geográficas, culturais, mentais⁷” (CHAMOISEAU, 1997, p. 247). A clássica frase “nos ancêtres les gaulois” (nossos antepassados os gauleses), ensinada nas escolas francesas e repetida pelos antilhanos desde seus primeiros anos escolares, sintetiza muito bem esse estado de esfacelamento das raízes culturais crioulas.

Daí a dificuldade mórbida que eles encontram em discernir, em meio a essa dialética interna, tudo aquilo que os definem, que os particularizam; tudo aquilo que não está atrelado à visão do dominador; tudo aquilo que não os esterilize e não os projete num universo de total alienação. Em face dessa situação caótica, a única certeza que se tem é que o martinicano tornou-se um estranho para si mesmo.

1.3. A dialética do espaço: lugar x território

Além da complexa relação entre dominador e dominado, o processo de colonização da Martinica afeta também a relação do homem com seu espaço. Essa simbiose, inerente a toda e qualquer sociedade, revela-se essencial, na medida em que desempenha um papel na “constituição do imaginário, da cultura e, portanto, da identidade dos indivíduos que o habitam⁸” (MILNE, 2006, p. 15). Damato (1995) atenta para o fato de que, na Martinica, após o massacre dos índios Caraíbas, a população que ocupou a ilha era oriunda de outros continentes, sobretudo do continente africano, o que significa que, para esses recém-chegados, a terra que ocuparam nunca foi “seu espaço ancestral, berço dos seus mitos, de sua cultura, forjador de suas técnicas de trabalho” (p. 148).

⁷ Tradução nossa do original: “complexes divers, désir de se blanchir, troubles mentaux, dévalorisation de soi, brutalités internes, dépersonnalisations invalidantes, mimétismes [...] Une éjection de soi-même, de ses réalités biologiques, géographiques, culturelles, mentales...”.

⁸ Tradução nossa do original: “constitution de l’imaginaire, de la culture et, partant, de l’identité des individus qui l’habitent”.

Nessas condições, a relação estabelecida entre o homem e o espaço não foi senão uma relação de estranhamento, de não pertencimento – ressaltando-se que nessa sensação de pertencimento é preciso que o homem se sinta pertencente a tal lugar e que tal lugar lhe pertença, de maneira que ele possa não somente interferir na rotina e no destino desse lugar, como respeitá-lo e preservá-lo, visando a continuidade de vida na região⁹. Tal relação constitui o que Max Weber (1999) denominou de “comunidade de sentido”, isto é, uma comunidade na qual se observa uma legítima identificação do homem com o espaço e com os demais indivíduos que aí habitam, havendo ou não consanguinidade entre eles. Situação diversa operou-se, entretanto, na Martinica, uma vez que

O africano que chega à América como escravo não traz seus objetos de culto, nem seus instrumentos de trabalho, nem suas vestes tradicionais, enfim nada do que se cercava na sua vida cotidiana em sua terra natal. Privado de sua família, de seus companheiros, impossibilitado até mesmo de falar sua língua, ele é o “*migrante nu*”: sua relação com a terra desconhecida será mediatizada por objetos que lhe são “estranhos”. Isso terá como consequência imediata seu desinteresse inicial pela possibilidade de melhoria de suas condições de vida, alheamento que deverá marcar o inconsciente coletivo martinicano (DAMATO, 1995, p. 152 – grifos do autor).

Num contexto fortemente marcado pelas estruturas coloniais, o que se tem é obviamente um espaço de dominação, de cerceamento, de estabelecimento de fronteiras. Em contraposição à noção de *lugar*, que abarca a ideia de diversidade, de aceitação e manutenção das diferenças (CHAMOISEAU, 1997, p. 227), a Martinica foi convertida, após a chegada dos colonizadores franceses, em *território*, o qual, apoiando-se em uma raiz única – a francesa – se reveste de unicidade: “Desembarcando, o primeiro gesto desses ‘Descobridores’ foi reproduzir o espírito-de-aldeia continental: fincar bandeira e cruz, tomar posse do solo,

⁹ Cf. Dicionário de Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

nomear, assentar capela, erigir fortins [...] O colono europeu *cria um Território*¹⁰, (CHAMOISEAU, 1997, p. 266 – grifos do autor).

Anexado à metrópole francesa e por ela gerenciado, o *território* martinicano passa a ser visto superficialmente como um espaço exótico, pitoresco, bem em conformidade com o imaginário europeu. Seus contornos paradisíacos são ressaltados, ao passo que as problemáticas e sequelas advindas da empresa colonialista são, em larga medida, folclorizadas. Essa exotização da Martinica revela uma atitude de distanciamento da França em relação a um espaço que não lhe é familiar e com o qual ela não se identifica culturalmente. Nesse sentido, tudo aquilo que se refere ao território de além-mar é contraposto à metrópole europeia, que se coloca então como paradigma de desenvolvimento social, cultural e econômico, de maneira que a relação estabelecida com a ilha é “simbolizada espacialmente pelas relações inferior-superior ou centro-periferia¹¹” (MILNE, 2006, p. 17). Dessa incongruência, conclui-se que o espaço martinicano, tornado *território*, constitui

[...] o produto acabado e consumível de uma metrópole vivida a um só tempo como íntima e estrangeira. O que nos parece ser o essencial: a intimidade quase familiar, mas ausente ao mesmo tempo, ou cega e transparente, que estreita os laços entre a metrópole colonizadora e a Martinica assimilada e dependente¹² (AFFERGAN, 1983, p. 46-47).

Uma vez que os martinicanos enxergam o mundo através dos filtros franceses, verifica-se, não raro, atitudes de autoexotização¹³ na ilha, que não revelam senão um intenso

¹⁰ Tradução nossa do original: “Débarquant, le premier geste de ces ‘Découvreurs’ fut de reproduire l’esprit-village continental: planter drapeau et croix, prendre possession du sol, nommer, poser chapelle, dresser fortins [...] Le colon européen *crée un Territoire*”.

¹¹ Tradução nossa do original: “symbolisée spatialement par les rapports inférieur-supérieur ou centre-périphérie”.

¹² Tradução nossa do original: “[...] le produit fini et consommable d’une métropole vécue comme intime et étrangère en même temps. Ce qui nous paraît être l’essentiel: l’intimité quasi familiale mais absente à la fois, ou aveugle et transparente, qui noue les liens entre la métropole colonisatrice et la Martinique assimilée et dépendante”.

¹³ Em termos literários, o maior exemplo de autoexotização verifica-se nas obras dos primeiros escritores antilhanos – os “poètes-doudous” –, que Patrick Chamoiseau (1997) acusa de praticarem, em plena miséria pós-escravagista e colonial, “uma museografia de si mesmos” (p. 51), deixando-se assimilar à cultura e à literatura da

desconhecimento do espaço e da realidade circundante. Tal falta de percepção e de domínio do território entrava ainda mais o processo de resgate da identidade antilhana, porquanto o espaço é um dos elementos que a constituem: “O indivíduo, a comunidade, o país são indissociáveis no episódio constitutivo de sua história. A paisagem é um personagem dessa história. É preciso compreendê-la nas suas profundezas”¹⁴ (GLISSANT, 1981, p. 199). Assim sendo, quanto mais frágil é a relação de um povo com seu espaço, mais longe ele está de se constituir como nação – enfatizando-se aqui o conceito de nação cultural¹⁵ –, e mais entregue, portanto, às armadilhas da alienação: “Toda coletividade que prova a dura impossibilidade de dominar seu entorno é uma coletividade ameaçada”¹⁶ (GLISSANT, 1981, p. 276).

1.4. A dialética da língua: bilinguismo x diglossia

Do ponto de vista linguístico, a colonização conferiu à Martinica uma situação de tensão e assimetria entre duas línguas: o francês, língua do colonizador, de prestígio internacional e eminentemente literária, a língua “dos decretos e relatórios, dos livros e dos insígnias viajantes, a língua oficial, a da cultura, a da Metrópole”; e o crioulo, “que a população local (brancos, negros e mulatos) forjou, modulando-a de acordo com o seu espaço

metrópole: “Ils ne voyaient leur pays qu'à travers le tramé des chroniques coloniales, de haut, de loin, sans épaisseur et profondeur. Les mornes et les ruées végétales seront coulées dans l'icône des collines, des clairières, des sources [...] L'inclassable chaotique, vu de loin, vu en vrac, sera versé au sac d'un 'tropical' distant et d'un 'haut en couleur'. S'envisageant avec l'œil des dominants, ils seront exotiques à eux-mêmes” (p.118).

¹⁴ Tradução nossa do original: “L'individu, la communauté, le pays sont indissociables dans l'épisode constitutif de leur histoire. Le paysage est un personnage de cette histoire. Il faut le comprendre dans ses profondeurs”.

¹⁵ Nação cultural é uma noção socioideológica mais subjetiva, que faz referência a uma comunidade humana com determinadas características culturais comuns. A concepção cultural de uma nação indica que os seus membros têm consciência de que constituem um corpo ético-político diferente do restante, pelo fato de partilharem certas características (etnia, língua, religião, tradição ou história comum). Disponível em: <<http://conceito.de/nacao>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

¹⁶ Tradução nossa do original: “Toute collectivité qui éprouve la raide impossibilité de maîtriser son entour est une collectivité menacée”.

e com o seu modo de viver dentro deste espaço, a língua da oralidade” (DAMATO, 1995, p. 194), nascida a partir da superposição de diferentes línguas, quais sejam, o francês, por necessidade de se estabelecer comunicação com os colonos; algumas línguas africanas, como o wolof e o bambara; e a língua de outros imigrantes.

A consequência – de certa forma previsível – decorrente desse contexto linguístico foi a supervalorização da língua francesa em detrimento da língua crioula, que se manteve (e ainda se mantém) marginalizada:

Uma língua domina a outra porque ela é o apanágio de uma classe social privilegiada, notadamente de colonos num contexto de opressão imperialista. Ademais, ela se beneficia muitas vezes do prestígio de uma literatura antiga e reconhecida, bem como de uma ortografia fixada. Essa língua, mais erudita, mais estudada é, portanto, valorizada no plano socioeconômico. A língua dominada, em compensação, não dispõe necessariamente de uma ortografia normalizada ou de uma literatura escrita. Ela se caracteriza por uma maior expansão popular, mas é percebida como familiar¹⁷.

Bebel-Gisler (2000, p. 111) salienta, ainda, que o crioulo nunca recebeu o estatuto de língua, sendo considerado, antes, uma forma corrompida da língua francesa:

Em 1934, o dicionário *Quillet* dá como definição do crioulo: ‘francês corrompido falado pelos habitantes das colônias francesas’ e o *Robert*, em 1955: ‘dialeto falado por alguns negros nas colônias’. Essas definições recusam ao crioulo o estatuto de língua (‘dialeto’, ‘jargão’) e veem nele uma forma inferior (‘corrompida’) do francês¹⁸.

¹⁷ HEURTEBISE, Clairvie. La diglossie littéraire chez Chamoiseau. *Écrire en pays dominé*, de la pétrification engendrée par la conscience diglossique à la résolution dans l'écriture de la ‘pierre-monde’. Disponível em: <<http://malfini.ens-lyon.fr/document.php?id=148>>. Acesso em: 21 jun. 2011. Tradução nossa do original: “Une langue domine l'autre parce qu'elle est l'apanage d'une classe sociale privilégiée, notamment de colons dans un contexte d'oppression impérialiste. En outre, elle bénéficie souvent du prestige d'une littérature ancienne et reconnue ainsi que d'une orthographe fixée. Cette langue, plus savante, plus recherchée est donc valorisée sur le plan socio-économique. La langue dominée en revanche ne dispose pas nécessairement d'une orthographe normalisée ou d'une littérature écrite. Elle se caractérise par une plus grande expansion populaire mais est perçue comme familière”.

¹⁸ Tradução nossa do original: “En 1934, le dictionnaire *Quillet* donne comme définition du créole: ‘français corrompu que parlent les habitants des colonies françaises’ et le *Robert* en 1955: ‘patois parlé par certains Noirs aux colonies’. Ces définitions refusent au créole le statut de langue (‘patois’, ‘jargon’) et voient en lui une forme inférieure (‘corrompue’) du français”.

Nesse sentido, não se pode falar em bilinguismo na Martinica, uma vez que não se trata da coexistência pacífica de dois sistemas linguísticos diferentes – uma língua de tradição escrita e uma língua essencialmente oral –, mas da imposição da língua francesa como língua de cultura, como portadora da noção de civilização.

E é no âmbito escolar que essa imposição se configura de forma mais contundente, porquanto a língua crioula sempre foi rigorosamente rechaçada do sistema de ensino martinicano, o que reafirma ainda mais a situação diglósica da ilha: “Há alguns anos, somente, utilizava-se uma prancheta na qual estava inscrita a proibição de falar crioulo. Suspendia-se essa prancheta no pescoço do aluno que havia esquecido; este último devia, por sua vez, vigiar e denunciar os companheiros que esqueciam para lhes passar a prancheta¹⁹” (LAURIER apud GÉLINAS, 2006, p. 101).

Assim sendo, para que um indivíduo possa ascender socialmente, é preciso renegar sua língua materna e entregar-se ao aprendizado da língua francesa, que figura então, desde os primórdios da colonização antilhana, como um instrumento de opressão cultural. Prescindir da língua materna implica, todavia, prescindir da própria identidade e da identidade do grupo a que se pertence. Implica, pois, renunciar às raízes e ao sistema de representação que unem um indivíduo a uma determinada coletividade – comportamento que não revela senão um sentimento de autodepreciação diante do Outro.

Não se pode ignorar, ainda, o fato de que, na formação da identidade individual e coletiva, a língua desempenha um papel fundamental, uma vez que ela “é um veículo de transmissão e de propagação dos símbolos que rememoram as lembranças da memória

¹⁹ Tradução nossa do original: “Il y a quelques années encore seulement, on utilisait une planchette sur laquelle était inscrite l'interdiction de parler créole. On suspendait cette planchette au cou de l'élève qui s'était oublié; ce dernier devait, à son tour, surveiller et dénoncer les compagnons qui s'oubliaient pour leur passer la planchette”.

coletiva, provocam as fortes emoções da comunhão com o mesmo sistema de valores e de crenças, evocam o vivo sentimento da identidade coletiva²⁰” (LAPIERRE, 1988, p. 38).

Para que uma língua sobreviva, é preciso, no entanto, que haja não somente um número significativo de falantes, mas um desejo destes em transmitir a língua às próximas gerações. Uma vez que na Martinica a língua francesa, idolatrada pelos pais, representa a única possibilidade de seus filhos evoluírem na hierarquia social, a língua crioula, relegada ao uso doméstico, não escapa do risco de cair no esquecimento: “Por um lado, os jovens fariam um pouco menos o crioulo do que as gerações anteriores (descrioulização quantitativa), por outro lado, seu vocabulário se afrancesaria vivamente (descrioulização qualitativa; cf. Bernabé, 1983)²¹” (MARCH, 1996, p. 78).

E é em razão desse risco iminente que surgem esforços de grupos universitários, políticos e culturais²² na tentativa de reavivar e revalorizar a língua crioula, de conceder-lhe um espaço nas instituições escolares, de conferir-lhe uma escrita, de eternizá-la por meio da literatura e de propiciar aos martinicanos a redescoberta da língua como parte integrante de sua memória, de sua história e, portanto, de sua identidade.

²⁰ Tradução nossa do original: “est un véhicule de transmission et de propagation des symboles qui remémorent les souvenirs de la mémoire collective, provoquent les fortes émotions de la communion au même système de valeurs et de croyances, évoquent le vif sentiment de l'identité collective”.

²¹ Tradução nossa do original: “D'une part, les jeunes parleraient un peu moins le créole que les générations antérieures (décréolisation quantitative), d'autre part, leur vocabulaire se franciserait vivement (décréolisation qualitative; cf. Bernabé, 1983)”.

²² Um dos grupos de estudos crioulos mais expressivos das Antilhas é o GEREK-F (Groupe d'Études et de Recherche en Espace Créole et Francophone), criado em 1976 por Jean Bernabé, professor emérito de Línguas e Culturas Regionais na Université Antilles-Guyane. Foi a partir dos estudos do GEREK que surgiu o conceito de *créolité*, cujas especificidades foram desenvolvidas no livro-manifesto *Éloge de la créolité* (1989), sobre o qual falaremos no capítulo a seguir.

Capítulo II

Patrick Chamoiseau: *Le marqueur de paroles*

*Non, pas écrivain: marqueur de paroles [...]
l'écrivain est d'un autre monde, il rumine,
élabore, ou prospecte, le marqueur de paroles
refuse une agonie: celle de l'oraliture,
il recueille et transmet.*

(P. Chamoiseau, *Solibo Magnifique*)

2.1. A produção intelectual

Nascido em Fort-de-France, na Martinica, em 3 de dezembro de 1953, Patrick Chamoiseau é, sem dúvida, um dos maiores expoentes da literatura antilhana. Com uma vasta produção intelectual, composta por romances, contos, ensaios e produções para teatro e cinema, o autor figura entre aqueles que fizeram do universo crioulo o *leitmotiv* de suas obras.

Seu primeiro romance, *Chronique des sept misères*, publicado em 1986, inaugura uma escrita a meio caminho entre duas línguas: o francês e o crioulo. Em *Solibo Magnifique*, de 1988, Chamoiseau vai ainda mais longe na tematização da problemática linguística: apresentando-se como um *marqueur de paroles*²³, ele se incumbiu de transcrever os contos orais que ainda circulam pela comunidade, registrando de maneira quase etnográfica uma tradição que, não tendo mais condições de se sustentar, está em vias de desaparecer.

É com seu terceiro romance, *Texaco*, publicado em 1992 e ganhador do prêmio Goncourt, que Chamoiseau obtém a consagração literária. Reconhecida como uma das maiores obras antilhanas do século XX, *Texaco* narra o combate do povo martinicano para salvaguardar certos modos de vida essencialmente crioulos.

Suas autobiografias de infância, *Antan d'enfance* (1990), *Chemin d'école* (1994) e *À Bout d'enfance* (2005), revelam igualmente aspectos dialéticos entre o francês e o crioulo. Em *Chemin d'école*, notadamente, o autor faz uma reflexão sobre o papel da escola na formação de uma consciência linguística. Em *Antan d'enfance*, que aqui nos interessa particularmente, os dois registros linguísticos coexistem no próprio ambiente doméstico, como será analisado no terceiro capítulo do trabalho.

²³ Em entrevista concedida em 2008, Chamoiseau define *marqueur de paroles* como aquele que tenta pensar a unificação entre o oral e o escrito, sem afirmar, no entanto, que um é superior ao outro. Disponível em: <<http://www.africultures.com/php/index.php?nav=article&no=7396>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

Os ensaios teóricos de Chamoiseau – nos quais as fronteiras que separam a teoria e a prática literárias são bem tênues – revelam uma preocupação em refletir sobre o papel da criouldade na literatura, tanto no nível temático como estilístico. Em *Lettres créoles, tracées antillaises et continentales de la littérature* (1991), em coautoria com Raphaël Confiant, o autor propõe um mergulho nas raízes do crioulo, não somente como forma de recusa do afrancesamento cultural, mas como critério para uma expressão literária autenticamente antilhana. Na obra *Écrire “la parole de nuit”: La Nouvelle littérature antillaise* (1990), que agrupa textos de diferentes autores, sob organização de Ralph Ludwig, Chamoiseau reflete sobre as formas de transposição da oralidade crioula para o texto literário, sugerindo a investigação das táticas e procedimentos utilizados pelos contadores de histórias, bem como a análise das características da língua crioula: ritmo, léxico, entonações etc.

Outro importante ensaio de cunho metadiscursivo é *Écrire en pays dominé* (1997), no qual o autor mescla teoria e prática, retrazando, por meio de uma viagem interior, seu percurso intelectual e literário, ao mesmo tempo que analisa o papel do escritor, que deve expandir seus horizontes e desenvolver um imaginário pluricultural. Paralelamente a isso, o autor não deixa de tecer uma dura crítica ao movimento colonizador empreendido pelos europeus nas Antilhas.

Dentre as influências literárias e filosóficas de Patrick Chamoiseau, o escritor martinicano Édouard Glissant figura, sem dúvida, entre as mais significativas. Suas reflexões sobre identidade antilhana, a partir das quais desenvolveu certos conceitos, como antilhanidade (*antillanité*) e identidade-rizoma (*identité-rhizome*), inspiraram não somente Chamoiseau, mas toda uma geração de escritores, dentre os quais Ernest Pépin e Raphaël Confiant. No entanto, longe de uma aplicação mecânica dos princípios e da estética de

Glissant, o que se verifica na obra de Chamoiseau é, antes, um diálogo com seu “mestre”, tanto na amplificação como na reelaboração de certos conceitos.

Essa relação é particularmente visível no movimento literário da criouldade, idealizado por Chamoiseau, Raphaël Confiant e pelo linguista e escritor Jean Bernabé nos anos de 1980. Como assinala Kemedjio (1999, p. 276), “o impacto da produção teórica de Glissant pode ser lida [...] no movimento da Crioulidade, que representa um comentário, uma materialização e uma continuação não mimética dessa obra²⁴”. E é sobretudo dessa filiação e da discussão em torno de certos aspectos glissantianos que nasce a criouldade, tal como analisaremos no tópico a seguir.

2.2. *Éloge de la créolité*: o movimento da criouldade e suas implicações

2.2.1. Os precursores

Antes mesmo que o movimento da criouldade tomasse forma, outros nomes da literatura martinicana lançaram as bases para esse movimento literário que se tornaria, mais tarde, o mais importante das Antilhas francesas. Três deles são particularmente apontados por Chamoiseau, Confiant e Bernabé por suas irrefutáveis contribuições literárias e teóricas: os martinicanos Gilbert Gratiant, Aimé Césaire e Édouard Glissant.

Gilbert Gratiant (1895-1985) é tido como um visionário da autenticidade antilhana por buscar a síntese entre duas línguas e duas culturas – a francesa e a crioula –, sobretudo na obra *Fab’ Compè Zicaque* (1958), na qual empreende uma investigação da realidade que o

²⁴ Tradução nossa do original: “l’impact de la production théorique de Glissant peut se lire [...] dans le mouvement de la Créolité, qui représente un commentaire, une matérialisation et une continuation non mimétique de cette oeuvre”.

circunda, seja no léxico, nas expressões, nos provérbios ou na mentalidade. Gratiant foi um dos primeiros escritores antilhanos do século XX a utilizar a língua crioula nos seus textos.

Aimé Césaire (1913-2008), um dos fundadores do movimento da negritude, juntamente com Léopold Sédar Senghor (1906-2001) e Léon-Gontran Damas (1912-1978), exerceu um importante papel, não só literário como político, ao denunciar as estruturas de dominação cultural e valorizar o componente negro da cultura antilhana. O conceito de negritude por ele forjado visava promover a África e sua cultura, depreciados pelo racismo advindo da ideologia colonialista. Conquanto tenha rejeitado o uso da língua crioula em suas obras, seu legado intelectual é inestimável, tendo influenciado autores como Frantz Fanon (1925-1961), Édouard Glissant e Daniel Maximin. Dentre seus trabalhos mais elementares, merecem especial destaque a obra poética *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), na qual ele exprime sua revolta e sua busca identitária, e o ensaio *Discours sur le colonialisme* (1950), um panfleto que reflete toda sua hostilidade ao colonialismo europeu.

Édouard Glissant (1928-2011), por sua vez, aderindo primeiramente aos princípios da negritude, acabou por reconhecer seus limites, desenvolvendo, no final dos anos de 1960, o conceito de antilhanidade, que assume contornos de uma identidade aberta e plural. Na busca da verdadeira identidade antilhana, o autor ressalta a importância de reconstituir as fissuras sociais, reapropriando-se do espaço e da história, e de resgatar a memória coletiva. Influenciado pelas ideias de Deleuze e Guattari no que concerne à distinção entre raiz e rizoma, o autor desenvolveu também o conceito de identidade-rizoma (*identité-rhizome*), fundamentada no diverso, na aceitação do outro e de suas diferenças. Nesse sentido, a identidade passa a ser concebida não mais como regional e única, mas como múltipla e decorrente da relação com o outro – princípio fundador da *Poétique de la relation* (1990).

Uma obra que figura entre as mais importantes de sua vasta produção poética, ficcional e ensaística é, sem dúvida, *Le Discours antillais* (1981), na qual Glissant não só reafirma o estado de alienação cultural no qual os antilhanos se encontram, como apresenta suas teorias sobre o fazer literário crioulo, sugerindo um retorno à oralidade e à cultura popular. De seus romances, *Malemort* (1975) é considerado pelos fundadores da criouldade como aquele que, de fato, “operou o singular desvelamento do real antilhano²⁵” (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 23).

2.2.2. O livro-manifesto

Surgido durante a década de 1980, num momento de evolução da consciência literária antilhana, o movimento da criouldade recebeu um livro-manifesto, *Éloge de la créolité* (1989), assinado por Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Jean Bernabé. Nele, os autores definem o movimento da criouldade como uma forma de resgate e valorização do mundo crioulo, caracterizado pela diversidade, isto é, pela combinação de elementos de diferentes culturas:

Declaramos que a Criouldade é o cimento de nossa cultura e que ela deve reger as fundações de nossa antilhanidade. A Criouldade é o *agregado interacional ou transacional* dos elementos culturais caraíbas, africanos, asiáticos, levantinos, que o jugo da história reuniu sobre o mesmo solo²⁶ (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 26, grifo dos autores).

Denunciando a exterioridade da literatura antilhana, fortemente influenciada pelos valores ocidentais e pelo olhar do Outro, os autores do manifesto veem na criouldade um instrumento estético do conhecimento de si mesmos e do mundo. Nesse sentido, preconizam o

²⁵ Tradução nossa do original: “opéra le singulier dévoilement du réel antillais”.

²⁶ Tradução nossa do original: “Nous déclarons que la Créolité est le ciment de notre culture et qu’elle doit régir les fondations de notre antillanité. La Créolité est l’agrégat interactionnel ou transactionnel des éléments culturels caraïbes, africains, asiatiques, levantins que le joug de l’histoire a réuni sur le même sol”.

desenvolvimento de uma visão interior, sem a qual não se pode criar as condições para uma expressão autenticamente antilhana:

A visão interior desfaz primeiro o velho imaginário francês que nos recobre, e nos restitui a nós mesmos em um mosaico renovado pela autonomia de seus elementos, sua imprevisibilidade, suas ressonâncias tornadas misteriosas. [...] percebemos que não podia haver visão interior sem uma prévia aceitação de si. Poder-se-ia mesmo dizer que a visão interior é resultante dela²⁷ (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 24).

Se a antilhanidade proposta por Glissant é considerada por eles primeiramente um conceito geopolítico, que “nada revela da situação humana dos martinicanos, dos guadalupenses ou dos haitianos²⁸” (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 32), a criouldade “visa a acentuar o aspecto mais cultural, mais antropológico, fundamentando-se nessa cultura popular tradicional crioula (contos, provérbios, ditos, cantos, adivinhas, expressos em língua crioula) que se quer resgatar através de uma escrita irrigada por ela” (FIGUEIREDO, 1998, p. 52).

Além de apresentar as convicções literárias, filosóficas e sociopolíticas que regem o movimento da criouldade, o manifesto fornece também certas diretrizes metodológicas que o próprio Glissant já havia definido para a expressão da antilhanidade. No entanto, o objetivo não é reproduzir suas diretivas, mas “irrigar e reforçar de maneira inteiramente nova as exigências transitórias²⁹” (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 34) definidas por ele, tal como veremos a seguir.

²⁷ Tradução nossa do original: “La vision intérieure défait d’abord la vieille imagerie française qui nous tapisse, et nous restitue à nous-mêmes en une mosaïque renouvelée par l’autonomie de ses éléments, leur imprévisibilité, leurs résonances devenues mystérieuses. [...] nous nous aperçûmes qu’il ne pouvait pas y avoir de vision intérieure sans une préalable acceptation de soi. On pourrait même dire que la vision intérieure en est la résultante”.

²⁸ Tradução nossa do original: “[...] ne révèle rien de la situation humaine des Martiniquais, des Guadeloupéens, ou des Haïtiens”.

²⁹ Tradução nossa do original: “[...] irriguer et renforcer de manière toute nouvelle les exigences transitoires [...]”.

2.2.3. A criouldade como instrumento de criação

Chamoiseau, Confiant e Bernabé distinguem cinco princípios fundamentais que devem nortear os escritores antilhanos, a saber:

1. o *enraizamento no oral*, a ser feito por meio de uma pesquisa sistemática dos contos, provérbios, adivinhas e canções crioulas;
2. a *divulgação da verdadeira memória*, isto é, da memória coletiva, que não deve ser confundida com a história da colonização das Antilhas;
3. a *temática da existência*, cujo objetivo é identificar tudo aquilo que caracteriza o universo antilhano, como as crenças populares, as práticas mágico-religiosas, o realismo maravilhoso etc., liberando os escritores de um militantismo literário anticolonialista;
4. a *irrupção na modernidade*, que possa colocar a literatura antilhana em contato com as questões da atualidade, livrando-a de um perigoso anacronismo;
5. a *escolha da sua fala*, de maneira que haja uma integração entre o crioulo – a língua primeira dos antilhanos – e as demais línguas: o francês, o espanhol, o inglês etc.

A questão da oralidade é particularmente importante no movimento da criouldade, uma vez que nas Antilhas coabitam, desde o início e de maneira conflitante, uma “escrita dominante de uso restrito e uma oralidade dominada de uso generalizado³⁰” (CONFIANT apud PERRET, 2001, p. 83), de maneira que os escritores vão buscar soluções na tentativa de integrar os dois elementos, explorando no texto literário as potencialidades da língua crioula. Nesse sentido, criar uma literatura que se situe no limite entre o oral e o escrito é um dos objetivos fundamentais do movimento da criouldade. Patrick Chamoiseau, notadamente, é

³⁰ Tradução nossa do original: “écriture dominante d’usage restreint et une oralité dominée d’usage généralisé”.

um dos que se propõem a levar adiante esse projeto, que constitui também seu maior desafio, como será explicitado a seguir.

2.4. O universo crioulo revivificado: o projeto literário do autor

Na contramão de todo o processo de depreciação da língua e da cultura crioulas, Patrick Chamoiseau busca, por meio de um viés sociopolítico bastante contundente, a afirmação da identidade cultural da Martinica e, por extensão, das Antilhas, bem como a incorporação do crioulo francês à literatura. Nesse sentido, o uso da língua crioula nos textos literários não só ratifica a insubordinação do escritor aos postulados franceses, como propõe uma imersão nas singularidades e na realidade cultural do universo caribenho, tal como ele já havia explicitado em *Éloge de la créolité*, supracitado:

Temos visto o mundo através do filtro dos valores ocidentais, e nosso fundamento foi “exotizado” pela visão francesa que tivemos que adotar [...] Isso determinou uma escrita para o Outro, uma escrita emprestada, apoiada nos valores franceses, ou, em todo caso, fora desta terra.
[...]
Era preciso lavar nossos olhos: retomar a visão que tínhamos de nossa realidade para surpreender o verdadeiro. Um olhar novo que ergueria nosso natural do secundário ou da periferia, a fim de recolocá-lo no centro de nós mesmos³¹ (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 14 e 23).

Resgatar a memória e as tradições crioulas não implica, entretanto, que se pretenda escrever inteiramente em crioulo, uma vez que falta à língua – essencialmente oral, como já dissemos – os recursos narrativos necessários à produção literária. Assim sendo, qualquer

³¹ Tradução nossa do original: “Nous avons vu le monde à travers le filtre des valeurs occidentales, et notre fondement s’est trouvé ‘exotisé’ par la vision française que nous avons dû adopter [...] Cela détermina une écriture pour l’Autre, une écriture empruntée, ancrée dans les valeurs françaises, ou en tout cas hors de cette terre. [...] Il fallait nous laver les yeux: retourner la vision que nous avions de notre réalité pour en surprendre le vrai. Un regard neuf qui enlèverait notre naturel du secondaire ou de la périphérie afin de le replacer au centre de nous-mêmes”.

tentativa de escrever um romance em crioulo francês concorreria para seu esvaziamento, como ratifica Raphaël Confiant:

O crioulo é uma língua rural, habituada a designar realidades imediatas. Seu nível conceitual é muito limitado. Quando nos submetemos a escrever um romance em uma língua oral e rural, temos muitas dificuldades, porque um conceito deve ser expresso por meio de perífrases. A liberdade para os escritores crioulos paradoxalmente é o francês, pois o francês já é uma língua constituída com a qual se pode brincar³² (CONFIANT apud CROSTA, 1998, p. 142).

Nesse sentido, o que Chamoiseau pretende é, antes, erigir uma literatura crioula de expressão francesa que, apropriando-se das estruturas linguísticas do francês, revestir-se-ia de elementos próprios do crioulo, tais como³³:

- o ritmo e a entonação: “Eu diria que o que é importante para mim é a música da frase. Mas uma música que é informada pela música da língua crioula. Sacrifico uma bela imagem crioula se a música não me agradar [...] Portanto, não me preocupo com a combinação. Me preocupo com a harmonia, com a estética³⁴” (p. 165).
- o léxico: “Tento utilizar um léxico que corresponde a nosso léxico mental. Por exemplo, eu não diria ‘la forêt’, eu diria ‘les bois’, porque em crioulo se diz ‘les bois’ [bwa]. Eu

³² Tradução nossa do original: “Le créole est une langue rurale, habituée à designer des réalités immédiates. Son niveau conceptuel est très limité. Lorsqu’on s’exerce à écrire un roman dans une langue orale et rurale, on a beaucoup de difficultés, parce qu’un concept doit être exprimé à travers des périphrases. La liberté pour les écrivains créoles paradoxalement, c’est le français, parce que le français est déjà une langue constituée avec laquelle on peut jouer”.

³³ No que concerne ao processo criativo e às escolhas linguísticas de Chamoiseau, o próprio autor nos fornece alguns indicativos que revelam certas peculiaridades estilísticas que ele imprime com frequência em seus textos literários. As citações foram extraídas de *La Créolité*, de Delphine Perret, 2001.

³⁴ Tradução nossa do original: “Je dirai que ce qui est important pour moi, c’est la musique de la phrase. Mais c’est une musique qui est informée de la musique de la langue créole. Je vais sacrifier une belle image créole si la musique ne me plaît pas [...] Donc je n’ai pas de préoccupation de combinaison. J’ai une préoccupation d’harmonie, d’esthétique”.

não diria ‘l’île’ falando da Martinica, eu diria ‘le pays’, porque em crioulo não se diz ‘l’île’³⁵” (p. 165).

- a opacidade³⁶: “Portanto, o desejo pela transparência e a pulsão pela transparência é terrível e nos comprime [...] Decidimos não colocar glossário e respeitar as coisas que são opacas, mesmo para nós. Aceitar a opacidade é um dos princípios de aceitação do outro³⁷” (p. 176).
- o jogo de imagens: “Tenho uma escrita muito imagética, muito recortada. Eu visualizo muito bem as coisas, as cenas. Eu li tantas histórias em quadrinhos que apresento efeitos de história em quadrinhos nos meus romances³⁸” (p. 213).

Todos esses elementos visam transpor para a narrativa a oralidade dos velhos contadores de história das Antilhas:

Nos princípios narrativos do conto crioulo, encontramos as aventuras da literatura, a disponibilidade linguística, o distanciamento permanente, o humor, a ironia, a festa constante, o tremor da dúvida quanto à sua própria condição. Nunca tive o sentimento de me fechar num velho princípio tradicional, ao contrário, eu abordo a modernidade pelas vias da oralidade³⁹ (CHAMOISEAU apud PERRET, 2001, p. 214).

³⁵ Tradução nossa do original: “J’essaie d’utiliser un lexique qui correspond à notre lexique mental. Par exemple, je ne dirai pas ‘la forêt’ je dirai ‘les bois’, parce qu’en créole on dit les bois [bwa]. Je ne dirai pas ‘l’île’ en parlant de la Martinique je dirai ‘le pays’ parce qu’en créole on ne dit pas ‘l’île’”.

³⁶ Termo utilizado por Chamoiseau – e retomado de Édouard Glissant – para definir um elemento narrativo implícito, pouco claro, que por vezes apresenta ambiguidades ou suscita dúvidas, demandando trabalho por parte do leitor.

³⁷ Tradução nossa do original: “Donc le désir de la transparence et la pulsion de la transparence, c’est terrible et cela nous comprime [...] On avait décidé de ne pas mettre de glossaire et de respecter des choses qui sont opaques, mêmes à nous-mêmes. Accepter l’opacité, c’est un des principes d’acceptation de l’autre”.

³⁸ Tradução nossa do original: “J’ai une écriture très imagée, très découpée. Je visualise assez bien les choses, les scènes. J’ai tellement lu de bandes dessinées que j’ai des effets de bande dessinée dans mes romans”.

³⁹ Tradução nossa do original: “Dans les principes narratifs du conte créole, on retrouve les aventures de la littérature, la disponibilité linguistique, la distanciation permanente, l’humour, l’ironie, la fête constante, le tremblement du doute quant à sa propre condition. Je n’ai jamais eu le sentiment de m’enfermer dans un vieux principe traditionnel, au contraire, j’aborde la modernité par les voies de l’oralité”.

Embora haja um cuidadoso trabalho com a linguagem⁴⁰, o autor não pretende reproduzir fielmente a realidade linguística martinicana, uma vez que, ao invés de nos oferecer uma “reprodução mimética da poliglossia antilhana, Chamoiseau forja uma interlíngua na qual ele integra certos elementos plurilíngues para representar simbolicamente essa poliglossia⁴¹” (BLEEKER, 2008, p. 94), o que torna sua linguagem altamente pessoal.

Construindo, então, uma linguagem literária própria, Chamoiseau imprime frequentemente em seus textos um *je* metamorfoseado em *nous*, porquanto seus personagens são porta-vozes de uma coletividade: “[...] o *eu* e o *nós* são indissociáveis. O *nós* é indissociável do *eu* e o *eu* está no *nós* [...] Quando eu me nomeio, eu nomeio minha comunidade⁴²” (CHAMOISEAU apud PERRET, 2001, p. 251, grifos do autor).

Assim sendo, é por intermédio desses personagens que o autor reflete sobre a transformação da sociedade, do seu espaço, da sua língua, e sobre o processo de assimilação e apagamento dos traços culturais, empreendendo ao mesmo tempo um trabalho de revivificação do universo crioulo no âmbito literário.

Ressalte-se, ainda, que todo o empenho intelectual de Patrick Chamoiseau tem como propósito não somente a construção de uma literatura essencialmente crioula, mas a inscrição dessa produção literária dentre aquelas já consagradas, desvencilhando-a assim das amarras da dominação cultural e da marginalização em que se encontra: “A literatura antilhana ainda não existe. Ainda estamos em um estado de pré-literatura: o de uma produção escrita sem

⁴⁰ Cf. também o Anexo (Carta aos Tradutores), na qual Chamoiseau expõe alguns procedimentos estilísticos que norteiam sua escrita.

⁴¹ Tradução nossa do original: “reproduction mimétique de la polyglossie antillaise, Chamoiseau forge une interlangue dans laquelle il intègre certains éléments plurilingues pour représenter symboliquement cette polyglossie”.

⁴² Tradução nossa do original: “[...] le *je* et le *nous* sont indissociables. Le *nous* est indissociable du *je* et le *je* est dans le *nous* [...] Quand je me nome, je nome ma communauté”.

audiência em seu próprio país, desconhecendo a interação autores/leitores onde se elabora uma literatura⁴³” (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 14).

⁴³ Tradução nossa do original: “La littérature antillaise n’existe pas encore. Nous sommes encore dans un état de pré littérature: celui d’une production écrite sans audience chez elle, méconnaissant l’interaction auteurs/lecteurs où s’élabore une littérature”.

Capítulo III

Antan d'enfance: **uma obra crioula em prisma**

*Enfance, c'est richesse dont jamais tu n'accordes
géographie très claire. Tu y bouscules les époques et
les âges, les rires et l'illusion d'avoir ri, les lieux
et les sensations qui n'y sont jamais nées.*

(P. Chamoiseau, *Antan d'enfance*)

3.1. O leitor-tradutor e a competência intercultural: um breve interlúdio

Entre os autores que se propuseram a estudar mais detidamente o ato de leitura, parece haver um consenso no que diz respeito à importância dos conhecimentos de mundo do leitor – enfatizando-se aqui o leitor-tradutor – no processo de construção de sentidos (KLEIMAN, 2000; SOUZA, 2003; KOCH, 2003, e outros). Assim sendo, a leitura de textos, e mais especificamente a leitura de textos em língua estrangeira, doravante LE, solicita ao sujeito-leitor não somente competências linguístico-textuais – capacidade de identificar e distinguir categorias gramaticais, de reconhecer a organização morfosintática do texto, de classificá-lo do ponto de vista de sua estrutura etc. – como seu repertório sociocultural ou, em outros termos, seu conhecimento de mundo. É a conjugação desses fatores, e não a utilização de uma ou outra competência, que possibilita ao leitor construir um sentido para o texto (KLEIMAN, 2000); de outra forma, produz-se apenas “leituras precárias” (PIETRARÓIA, 1997, p. 91).

Nessa perspectiva, é lícito afirmar que o sentido de um texto está alicerçado em grande parte nos conhecimentos de mundo do sujeito-leitor, uma vez que, “além de ser uma construção”, o sentido “é também uma representação diretamente ligada às vivências e experiências” desse leitor (PIETRARÓIA, 1997, p. 102). Jouve (2003, p. 24) corrobora essa asserção ao postular que o texto, quando fora de seu contexto de origem, se franqueia a uma infinidade de interpretações, isto é, a novos sentidos, visto que “cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época”, dos quais é difícil se dissociar. Ponto de vista análogo verifica-se também em Souza (2003, p. 97), segundo o qual “o leitor, ao construir o sentido do texto, o faz baseando-se em seus valores sociais, seus conhecimentos prévios e suas experiências de vida”.

Em textos culturalmente marcados – caso específico de *Antan d'enfance*, que escolhemos traduzir – os conhecimentos de mundo são mais frequentemente requisitados, dadas as dificuldades de penetrar a cultura do outro e de apreender-lhe as significações e os recortes da realidade tão somente pelas marcas formais aí presentes. No entanto, embora o conhecimento de mundo ou enciclopédico seja elemento fulcral no processo de construção de sentidos, Mary Kato (1982), citada por Pietraróia (1997), atenta para o perigo de o leitor apoiar-se demasiadamente nesse conhecimento, uma vez que tal postura pode resultar em interpretações não validadas pelo texto:

Da mesma forma que abordar o texto apenas do ponto de vista formal abstrai-nos perigosamente de seu sentido global explícito e implícito, procurar depreender o sentido do texto sem uma interpretação criteriosa de sua forma pode levar-nos a imprecisões, distorções e equívocos igualmente indesejáveis (MARY KATO apud PIETRARÓIA, 1997, p. 98).

Diante do choque cultural, e da complexidade linguística, sintática e semântica de alguns textos, sobretudo aqueles nos quais as marcas de determinada cultura são mais contundentes, uma outra tendência do leitor é recorrer aos elementos de sua própria cultura e aos do seu grupo de referência, na tentativa de suprir a lacuna que o separa de uma realidade extralinguística distinta da sua. Nesse sentido, Pietraróia (1997) afirma que, se os leitores apresentam dificuldades com o vocabulário, não reconhecendo uma palavra ou um grupo de palavras, ou, ainda, dificuldades com a sintaxe, “eles podem ser incapazes de confirmar ou rejeitar suas hipóteses e, conseqüentemente, só podem entender a história por intermédio de sua cultura” (PIETRARÓIA, 1997, p. 87). Ancorados nesses argumentos, podemos afirmar então que os textos culturalmente marcados estão entre os que mais frequentemente obrigam “o leitor a duvidar de sua capacidade de deciframento” (JOUVE, 2003, p. 22), situação

resultante do estranhamento do leitor diante do desconhecido ou, ainda, da tensão que se estabelece entre o eu e o Outro.

Nesse sentido, para que a leitura de textos em LE seja profícua, é preciso que o leitor desenvolva uma competência intercultural ou, em outros termos, uma capacidade de distanciar-se da sua própria cultura, de maneira que lhe seja possível “aceitar outros ‘recortes’ da realidade, reconhecendo como legítimos outros pontos de vista, outros valores [...]” (PIETRARÓIA, 1997, p. 312). O trabalho de Almeida (2008) vem corroborar a importância da competência intercultural no processo de construção de sentidos, bem como a necessidade de se promover um distanciamento da cultura de origem para que se possa, efetivamente, reconhecer e internalizar o patrimônio cultural do outro. Segundo a autora, faz-se necessário, então um

distanciamento da cultura onde se foi socializado para que, por um lado, o indivíduo seja auto-reflexivo em relação à sua própria cultura e, por outro, chegue a compreender o ponto de vista de outras culturas (ALMEIDA, 2008, p. 45).

Tal movimento em direção ao desconhecido se revela essencial, na medida em que “supõe uma incursão no imaginário cultural do outro” (ALMEIDA, 2008, p. 131), permitindo ao leitor desconstruir os estereótipos enraizados em sua percepção de mundo. São muito frequentemente esses estereótipos que impedem o leitor de textos em LE de compreender o Outro em todas as suas especificidades e de abarcar a totalidade dos textos a partir dos marcadores culturais aí presentes.

Diante do desconhecido e cedendo, pois, aos imperativos das representações mentais cristalizadas, facilmente convertidas em estereótipos, o leitor é levado muitas vezes a atribuir um caráter exótico a tudo aquilo que se contrapõe radicalmente à sua própria cultura. No entanto, longe de ser um fator de aproximação entre culturas, “o exótico é geralmente percebido como algo exterior, em que se trava conhecimento sem se entrar em contato com a

‘alma’ ou intimidade de um povo ou de uma cultura” (ALMEIDA, 2008, p. 51). Daí a importância, aqui ressaltada, do desenvolvimento de uma competência intercultural que faculte ao leitor a compreensão crítica da alteridade, de forma que ele seja capaz não somente de interpretar adequadamente os marcadores culturais presentes nos textos em LE, como também de administrar as situações de incongruências e de conflitos culturais.

Visto que “toda diferença implica dificuldade e potencial impedimento da intercompreensão” (AUBERT, 2003, p. 152), podemos afirmar, ancorados nos argumentos acima expostos, que a competência intercultural é condição fulcral para que se possa transpor as barreiras impostas pelas diferenças linguísticas e extralinguísticas. É essa competência que permite ao leitor de textos em LE:

[...] reconhecer que a cultura de origem influi nas observações empreendidas, nas interpretações e no comportamento; aprender a lançar um olhar empático para as culturas, estando consciente de que os critérios utilizados estão determinados culturalmente, de que nosso modo de ver o mundo não é o único possível [...]; manter uma atitude crítica aprendendo a enfrentar a dificuldade, o que implica manter o equilíbrio entre a empatia e a distância emocional [...]; habilidade para se tornar mediador entre as culturas por meio da negociação de significados [...] (ALMEIDA, 2008, p. 127)

Explicitados, pois, alguns pressupostos teóricos pertinentes à questão da leitura de textos culturalmente marcados, bem como à competência intercultural necessária ao leitor-tradutor, salientamos que tais propostas nos fornecem subsídios para que pensemos a tradução não como uma mera transposição entre línguas, mas como um exercício de alteridade social e cultural. A partir daí, estaremos mais atentos aos entraves linguístico-culturais presentes na obra *Antan d'enfance* e mais conscientes das nossas escolhas tradutológicas, para as quais o tópico a seguir também nos servirá de alicerce.

3.2. Lendo *Antan d'enfance*: a irrupção da oralidade na escrita

Exemplo incisivo de texto culturalmente marcado, a narrativa autobiográfica *Antan d'enfance* (1990) traduz não só a realidade – e profusão – cultural dos antilhanos, como os anseios de um autor que busca a consolidação da criouldade, empenhando-se em reavivar-lhe as tradições e a história. Escrita em terceira pessoa, para a surpresa do leitor, a narrativa apresenta o universo crioulo não por meio de uma descrição estéril de suas paisagens – o que poderia conferir-lhe um tom exótico, do qual Chamoiseau procura se desvencilhar –, mas da riqueza da vida cotidiana, a florada a partir das relações da criança com o mundo: na primeira parte da narrativa (*Sentir*), o *négrillon* explora o mundo pelos sentidos, no interior de sua casa; na segunda parte (*Sortir*), ele deixa o ambiente doméstico, para vivenciar as experiências do mundo exterior.

Desenvolvendo, pois, sua própria construção da infância, “período refeito e filtrado pelo adulto testemunha”⁴⁴ (CROSTA, 1998, p. 118), Chamoiseau deixa explícito que é nesse espaço do cotidiano que se articulam os princípios da criouldade e de onde o homem antilhano extrai tudo aquilo que lhe define: seus meios de subsistência, sua sabedoria, seus provérbios e expressões, sua poesia e sua visão de mundo.

Veiculando uma ideologia de resistência aos valores franceses, a obra traz o crioulo como língua materna – sendo Man Ninotte, a mãe do *négrillon*, seu maior expoente –, tanto mais que é ele o propagador dos valores antilhanos: “Se o francês é respeitado, é definitivamente o crioulo que é valorizado como língua materna, tanto mais que ele veicula seus sentimentos e sua cultura”⁴⁵ (CROSTA, 1998, p. 142).

⁴⁴ Tradução nossa do original: “période refaite et filtrée par l’adulte témoin”.

⁴⁵ Tradução nossa do original: “Si le français est respecté, c’est en définitive le créole qui est valorisé comme langue maternelle, d’autant plus que celle-ci véhicule ses sentiments et sa culture”.

Nessa perspectiva, sem prescindir de sua função de *marqueur de paroles*, Chamoiseau busca na tradição oral subsídios para seu projeto literário de reconstrução da identidade crioula – “a oralidade é nossa inteligência, ela é nossa leitura deste mundo”⁴⁶ (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 33) –, transformando o que seria apenas uma narrativa das memórias de infância em um espaço privilegiado de expressão da memória coletiva.

No intuito de transpor para o texto literário a oralidade própria do crioulo, Chamoiseau se utiliza de recursos linguísticos específicos, os quais serão explicitados a seguir, forjando, como já dissemos, uma linguagem literária própria, tal como ratifica Hazael-Massieux (1993, p. 235-236):

[...] o autor constrói uma língua particular para a narração, um certo francês regional que não aparece senão nas sequências narrativas, ao passo que as trocas entre os personagens são feitas seja em francês padrão, seja em francês oral (oralidade tradicional, se assim podemos dizer, em todo caso emblemática, mas não especificamente antilhana), seja em crioulo (traduzido, então, em nota)⁴⁷

Em *Antan d'enfance*, são abundantes os mecanismos utilizados pelo autor para revivificar, na escrita, a oralidade dos velhos contadores de histórias, reafirmando assim seu enraizamento na tradição oral. Dentre esses recursos, destacamos:

a) *Léxico ou sentenças em crioulo*

“baboule” (p. 25); “yen-yen” (p. 29); “kalazaza” (p. 75); “bankoulélé” (p. 145)

“Eti man te ké pwan lajan pou trapé loto-a?” (p. 23)

“La Syrie siguine siguine andiète...!” (p. 42)

⁴⁶ Tradução nossa do original: “l’oralité est notre intelligence, elle est notre lecture de ce monde”.

⁴⁷ Tradução nossa do original: “[...] l’auteur construit une langue particulière pour la narration, un certain français régional qui n’apparaît que dans les séquences narratives, alors que les échanges entre les personnages se font soit en français standard, soit en français oral (oralité traditionnelle si l’on peut dire, en tout cas emblématique, mais non spécifiquement antillaise), soit en créole (alors traduit en note)”.

b) *Repetição estrutural*

“[...] pour elles qu’il se fit captureur de mouches [...]. Pour elles, qu’il emprisonna dans des boccas mille peuplades de moustiques [...]. Pour elles, il vécut l’oeil rivé à la poussière des persiennes [...]” (p. 30)

c) *Onomatopeias e interjeições*

“tiouf” e “flap” (p. 29); “hamg hamg hamg” (p. 106); “Pipipipipinaise” (p. 177)
 “hébin!...” (p. 55); “oh quel fer!” (p. 46)

d) *Criações lexicais (verbos, substantivos, advérbios, adjetivos)*

- simples: “surnommeur” (p. 40); “horlogeait” (p. 85)
- justapostas: “caisses-morue”; “marron-caca-poule” (p. 38); “koulis-couliours” (p. 75);
 “marchandes-poissons-frits” (p. 75); “légumes-soupe” (p. 85)

e) *Verbos compostos*

“prit-courir” (p. 45); “faire-cuire” (p. 85); “descendre-chercher” (p. 85); “aller-voir-au-marché” (p. 85)

f) *Expressões idiomáticas crioulas*

“[...] cet enfant-là prend la vie pour un bol-toloman [...]” (p. 107)

g) *Acumulação ou enumeração*

“[...] les gâteaux, les sikdôj, les filibos, les torsades colorées fondantes sur la langue, les macawon, les lotchios câpresses, les la-colle-pistaches” (p. 90)

h) *Marcadores conversacionais*

- pré-posicionados: “Héé, qu’est-ce qu’il y a pour la gorge?” (p. 81 – grifo nosso)
- pós-posicionados: “C’est quoi, han?” (p. 136 – grifo nosso)

i) *Redundância*

“Je me souviens de l’icaque/
 oh je me souviens de l’icaque” (p. 182)

j) *Supressão do pronome “il” impessoal*

“[...] ya pas pièce loup ici” (p. 154 – grifo nosso)

“Ya un problème, manman a dit” (p. 155 – grifo nosso)

k) *Negações sem a partícula “ne”*

“J’ai pas bien compris” (p. 154)

“Je sais pas” (p. 155)

l) *Sentenças curtas e gramaticalmente simples*

“Il fermait les fenêtres une à une./

Chaque fermeture était saluée comme un exploit d’Hercule./

La salle perdait lentement de sa lumière./

L’ombre instillait un silence relatif dans un hoquet des respirations” (p. 170)

m) *Elementos da literatura oral (contos, mitos etc.)*

“diabliesse” (p. 75); “dorlis” (p. 75); “Manman Dlo” (p. 125); “cheval-trois-pattes” (p. 175)

n) *Estruturas de gêneros orais tradicionais (pequenas canções ou “comptines”)*

“Chocolat-première-communion/

l’écrire c’est saliver/

y penser c’est souffrir/

communier c’est chocolat” (p. 93)

Ao exame mais sistemático de *Antan d’enfance*, percebe-se que a narrativa, longe de ser construída tão somente por elementos próprios de uma linguagem escrita ou por coloquialismos, apresenta um *continuum*⁴⁸ entre as duas modulações, de maneira que a oralidade ocupa espaço na composição do texto escrito não somente como recurso construtor de sentido, mas como parte do processo de transposição do mosaico linguístico antilhano.

⁴⁸ Retoma-se aqui a expressão que Marcuschi (2001, p. 35) utiliza para referir-se à “relação escalar ou gradual em que uma série de elementos se interpenetram, seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contextos sociais, nível de organização, seleção de formas, estilos, estratégias de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante”.

Nessa perspectiva, as marcas da oralidade manifestam-se a partir da composição híbrida do texto, que une a tradição oral e a cultura escrita, num processo de amálgama linguístico bastante singular. O resultado desse processo é a inscrição, no texto, de uma incisiva opacidade – própria do crioulo –, que torna obscuras e impenetráveis certas palavras, expressões ou mesmo sentenças inteiras. Ao tradutor cabe, pois, a tarefa de identificar os elementos característicos do texto, preservando-os, quando possível, como será analisado mais detidamente no tópico a seguir.

3.3. Traduzindo *Antan d'enfance*: as escolhas tradutológicas

Que traduzir é um trabalho árduo, não nos resta dúvidas. O texto literário, mais especificamente, apresenta uma série de peculiaridades que se transmutam, na atividade tradutória, em obstáculos muitas vezes de difícil superação. A polissemia que lhe é inerente (ou a plurivocidade, para usar outro termo), as agramaticalidades, o ritmo, as marcas de oralidade e o efeito estético são algumas das barreiras que se interpõem entre o tradutor, que desempenha um papel de mediador intercultural, e o texto original. Tais especificidades não só assinalam a predominância, no texto literário, do significante sobre o significado, como o diferenciam do texto informativo, pragmático, cuja função é estritamente referencial. Laranjeira (2003) corrobora essa asserção ao postular que no texto literário

[...] a língua, o código, deixa de ser apenas um suporte, um veículo, para fazer parte integrante da própria mensagem. O significante ganha terreno sobre o significado, prepondera sobre ele, gera-o. O signo deixa de ser arbitrário e, com frequência, o significante sofre profundas perturbações na sua linearidade (p. 21-22).

Outro fator que se afigura como um desafio à tradução literária é a presença de marcadores culturais extralinguísticos⁴⁹ que, embora permeiem todo e qualquer tipo de texto, são mais claramente percebidos no âmbito da literatura. Isso porque há textos cujo propósito é refletir um universo idiossincrático, particularizado, no qual as marcas de determinada cultura são mais recorrentes e explicitamente impressas. É o caso, por exemplo, das obras regionalistas, que propõem uma composição de texto ou, em outras palavras, uma recriação ficcional ou poética da linguagem que valorize os traços étnicos, linguísticos, sociais e culturais de um povo, reproduzindo-lhe a ambiência e os tipos humanos.

Em *Antan d'enfance*, os marcadores culturais extralinguísticos são mais facilmente perceptíveis no léxico, uma vez que ao francês das Antilhas – que em certos aspectos difere do francês da França⁵⁰ – Chamoiseau mescla palavras (e algumas frases) em língua crioula, que não somente reforçam o hibridismo linguístico antilhano como ressaltam as singularidades culturais da região. Para que esses fatores não se perdessem na tradução, optamos então por manter os termos culturalmente marcados no original e em itálico no texto – salvo nos casos em que foi possível fazer uma tradução literal –, utilizando notas explicativas como elemento de mediação entre o leitor e a obra.

Conquanto o próprio autor desaprove o uso de glossários e notas explicativas na tradução⁵¹, o procedimento se justifica aqui por se tratar de um contexto complexo, linguística e culturalmente. Sem um paratexto que possa oferecer o significado e as características de certos elementos que fazem parte do cotidiano dos personagens, o leitor

⁴⁹ Termo utilizado por Aubert (2006) para referir-se às marcas que “[...] dizem mais diretamente respeito à dimensão referencial das línguas, remetendo aos universos ecológico (flora, fauna, topografia, hidrografia, etc.), da cultura material (objetos e espaços criados pelo homem), da cultura social (relações sociais de toda ordem) e da cultura religiosa (nos termos de Nida, 1945), ou, talvez mais precisamente, ideológica (referências a sistemas de crenças)” (p. 24-25).

⁵⁰ Chamoiseau já havia salientado essa diferença, afirmando que “[...] na língua francesa utilizada nas Antilhas, há derivações de sentido, amplificações e mesmo polissemias [dans la langue française utilisée aux Antilles il y a des dérivations de sens, des amplifications et même des polysémies]” (PERRET, 2001, p. 145).

⁵¹ Cf. Anexo (Carta aos Tradutores).

precisará fazer um esforço de abstração ainda maior para distanciar-se de sua própria cultura e para que as representações mentais já cristalizadas em seu imaginário não o impeçam de construir novas representações, mais fidedignas ao universo caribenho. Caso contrário, ficará apenas na superfície do texto, comprometendo, de certa forma, o processo de construção de sentido. Ademais, as notas explicativas constituem um instrumento válido de ampliação dos conhecimentos de mundo do leitor, daí por que insistimos no seu uso.

Para o estabelecimento das notas, foi realizada uma consulta sistemática em obras de referência nas três línguas: francês, crioulo e português. Foram consultados dicionários, glossários, enciclopédias eletrônicas e *sites* especializados⁵² para a pesquisa dos seguintes domínios:

a) Fauna e flora

A partir dos vocábulo do texto original, realizamos uma pesquisa do nome científico de cada espécie, mantendo em *itálico* apenas aqueles que não apresentam, no português, um correspondente para o nome taxonômico. Os elementos pertencentes a esse domínio são tão recorrentes no texto que podemos organizá-los em subgrupos:

▪ Árvores e plantas

“[...] immortels désormais, aptes aux pérennités dont l’**acoma** cèle la maîtrise” (p. 112).

“[...] comme une vieille poule dans une racine de **fromager**” (p. 123).

▪ Frutas e legumes

“Les saisons de l’**igname**, de la **couscouche**, de l’**avocat** [...]” (p. 180).

⁵² Para o crioulo, especificamente, foram utilizados os dicionários de Raphaël Confiant e Pierre Pinalie, indicados nas Referências Bibliográficas. Conferir também a Sitografia, na qual foram elencados os *sites* especializados em língua e cultura crioulas.

“[...] **pommes-cannelle** à defaire point par point [...]” (p. 182).

- Peixes, moluscos e crustáceos

“[...] **coulirous** obligés, deux trois **lambis** s’il te plaît, petits **thons** [...]” (p. 145).

“[...] **poissons-coffres**, **homards**, **langoustes**, **requins** noirs, **poissons armés**, gros **crabes**, toutes bizarreries négligées [...]” (p. 146).

- Insetos

“[...] des **blattes** rouges et des gros **ravets** sombres que l’on criait **klac**” (p. 25).

“[...] **moucheron** roses, de **moustiques**, de tout petits **ravets**, de **yen-yen**, de **papillons** nocturnes [...]” (p. 29).

- Mamíferos

“des bougres bouffis à tête de **manicou**” (p. 75).

“[...] en lui ordonnant d’aller-coucher comme on le fait aux **chiens-fer**” (p. 168).

- Aves

“[...] dessous de deux **coqs** et de six ou sept **poules**” (p. 54).

“[...] sans doute comme le **colibri-madère** frappé de soleil [...]” (p. 95).

b) Mitologia

Em *Antan d’enfance*, Chamoiseau resgata a tradição antilhana de contar histórias nas quais o plausível e o não plausível se mesclam. Frequentemente essas histórias são

protagonizadas por personagens míticas, como a *diabliesse*, mulher branca de cabelos compridos, que possui um pé de burro e um pé de cavalo. A informação de que se trata de uma personagem da mitologia antilhana não está presente no texto. No entanto, ela é tão comum nas histórias dos personagens que algumas vezes torna-se difícil distinguir o real do imaginário. Para o leitor que não conhece essa tradição de contar histórias nas quais o elemento mitológico ou sobrenatural é a mola propulsora, e tampouco conhece as características de algumas entidades, será mais difícil compreender as relações de causa e efeito nos trechos em que esse tipo de situação aparece. Como exemplo, citamos os excertos:

“Nous guettions **Manman Dlo** dans l’ombre de l’escalier” (p. 125).

“Un **engagé** se mêlait à quelques chauves-souris, mais le bruit de son aile, lourde d’un plein tristesse, se distinguait quand même” (p. 175).

c) Culinária

Para a elaboração das notas referentes aos pratos típicos, foi consultado, além dos dicionários e glossários, o livro *Les meilleures recettes de la cuisine antillaise* (Christiane Roy-Camille; Annick Marie), que não somente nos forneceu as características e a forma de preparo e consumo de certos alimentos da região como nos ajudou a evitar equívocos⁵³, enriquecendo ainda mais a pesquisa. Os elementos pertencentes a esse domínio também são bastante recorrentes no texto:

“Elle se préoccupait des pelures d’oranges de son **schrubb**” (p. 70).

“[...] des suceurs-de-**souskay**” (p. 75).

“Durant le poisson blanc, temps de **blaff**, de fritures, les urgences étaient autres” (p. 181).

⁵³ Cf., por exemplo, a nota 80 da tradução.

d) Tipos sociais

Para retratar o cotidiano da Martinica, Chamoiseau recorre frequentemente a certos tipos sociais crioulos que, por suas especificidades, também carecem de notas explicativas que possam ajudar o leitor a entender a função desses personagens na história:

“De Gros-Carette qui fréquentait les **femmes-manawa** dans une rue douteuse” (p. 98).

“[...] un peu comme les personnes **koulies**” (p. 115).

“Il bouleverse les affaires des **békés** et mulâtres, il écorce la vie [...]” (p. 120).

e) Outros elementos

A obra apresenta, ainda, outros termos culturalmente marcados, como danças típicas, brinquedos, sistema de medidas etc., além de certas expressões idiomáticas:

“Oh, les libellules menaient **calenda** autor des gouttes!” (p. 36).

“Régnait um vacarme **sans manman**” (p. 172).

“[...] lui mesurait dans une autre bouteille une **roquille** de rhum” (p. 156).

Além das explicações, optamos por incluir nas notas, quando possível, algumas informações adicionais de teor linguístico, como variantes, sinônimos e etimologias:

- **Variantes:** como a língua crioula não possui uma grafia oficial⁵⁴, é comum encontrarmos oscilações de grafia para um mesmo vocábulo, o que torna a pesquisa ainda mais laboriosa.

⁵⁴ Jean Bernabé criou, nos anos de 1970, um conjunto de normas destinadas a fixar uma grafia para a língua crioula, intitulado Standard-GEREC 1, e atualizado mais tarde como Standard-GEREC 2. Embora essas normas

Assim sendo, as grafias utilizadas por Chamoiseau nem sempre são as mesmas encontradas nos dicionários de Confiant e Pinalie. Mesmo na comparação entre essas duas obras, das quais fizemos uso, são encontradas certas diferenças. Na tabela abaixo, relacionamos alguns exemplos dessa flutuação:

Chamoiseau	Confiant	Pinalie
zouc; malcadi	zouk; malkadi	zouk; malkadi
tiak; razié	tyak; razié	tyak; razyé
angagé	angajé	angajé
lotchio	lotjo	lotjo
têbê	tèbè	tèbè
molocoye	mòlòkoy	mòlòkoy

Em geral, Chamoiseau grafa com **c** e com **i** aquilo que Confiant e Pinalie grafam com **k** e com **y**, respectivamente. São vários os exemplos no texto, no entanto isso não é uma regra, como a própria tabela demonstra. Nesse sentido, optamos por incluir nas notas todas as variantes encontradas não apenas nos dicionários como nos *sites* especializados, para que o leitor perceba que os vocábulos adotados por Chamoiseau possuem outras formas de realização na escrita, o que ressalta também a dificuldade de transpor para o texto literário uma língua de tradição oral, sem grafia estabelecida.

sejam, em larga medida, adotadas por escritores, artistas, publicitários etc., ainda há certas relutâncias no seu uso. No texto literário, mais especificamente, em que se tem uma liberdade maior com relação à língua, as variações são bem recorrentes. Por questões estilísticas, o próprio Chamoiseau adota, de um livro para outro, grafias diferentes para um mesmo vocábulo. Assim, por exemplo, se em *Antan d'enfance* ele escreve **soucognan**, em *L'esclave vieil homme et le molosse* (1997, p. 61), o mesmo vocábulo é grafado **soukouyan**.

- **Sinônimos:** em alguns casos, incluímos também um sinônimo, sobretudo em vocábulos de origem onomatopaica, no intuito de reforçar o caráter oral da língua crioula. Ex.:
 - p. 29: *yen-yen* (sin. *zon-zon*)
 - p. 33: *dek-dek* (sin. *tok-tok*)

- **Etimologias:** nas notas explicativas de alguns termos foi acrescentada, além das acepções, a etimologia, quando fornecida pelos dicionários e glossários consultados. Ex.:
 - p. 26: *djobeur* (do ing. *job*)
 - p. 98: *manawa* (do ing. *man of war*)

Cumpramos justificar, em última instância, as escolhas tradutológicas feitas em três casos mais específicos do texto, a saber:

- **Verbos compostos:** uma vez que essa construção verbal é própria da língua crioula⁵⁵ e constitui um traço estilístico de Chamoiseau, procuramos mantê-la na tradução, sempre que possível:
 - p. 90: “Il **beurrerait-farinait** les moules, recueillait leurs débords [...]”
 “**Untava-enfarinhava** as formas, retirava as bordas [...]”
 - p. 168: “[...] lui ordonnant d’**aller-coucher** comme on le fait aux chiens-fer”
 “[...] ordenando-lhe para **ir-deitar** como se faz com os *chiens-fer*”

- **Criações lexicais com hífen:** o mesmo procedimento foi adotado com relação aos demais vocábulos justapostos por hífen:

⁵⁵ Como ratificado por Bernabé e Pinalie em *Grammaire du Créole Martiniquais*, p. 93.

- p. 75: “des **planteurs-de-dachines**”

“**plantadores-de-dachines**”

- p. 80: “[...] Ce qui n’était pas crépu était appelé **beau-cheveu** [...]”

“O que não era crespo era chamado de **cabelo-bom** [...]”

- **Sentenças em crioulo:** o texto apresenta algumas sentenças em língua crioula, frequentemente seguidas de uma tradução em francês. No entanto, como em alguns casos o autor optou por não traduzi-las – o que constitui outro traço estilístico – julgamos pertinente fazer o mesmo na tradução, uma vez que esse procedimento não compromete o entendimento do texto pelo leitor. É o caso, por exemplo, das sentenças:

- p. 39: “(...A-a fout la pli-a ka fésé ko’y jodi-a!...)”

- p. 42: “La Syrie siguine siguine andiète”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado neste trabalho buscou apresentar ao leitor os principais elementos que compõem o universo crioulo, tanto do ponto de vista linguístico como sociocultural. Ao longo do trajeto, foi possível observar as complexidades advindas do movimento colonizador empreendido nas Antilhas, bem como seus reflexos na literatura, sobretudo no movimento literário da criouldade, do qual Chamoiseau é um dos fundadores.

O objetivo era mostrar como a obra do autor está inserida em um contexto mais amplo, de colonização e alienação cultural, do qual os martinicanos e, por extensão, os antilhanos, não conseguem se dissociar. Nesse sentido, a análise das dialéticas do ser, do espaço e da língua nos permitiu entender não só o processo de formação sociocultural da ilha, como certos questionamentos e inquietações subjacentes à obra de Chamoiseau.

A partir dessa análise, foi possível compreender também o esforço empreendido por muitos escritores antilhanos para fazer do texto literário um espaço privilegiado de resgate da memória e das tradições crioulas, condenadas ao desaparecimento. Construindo uma linguagem literária própria, enraizada no universo crioulo, o autor busca transpor para o texto literário a oralidade dos velhos contadores de história das Antilhas, o que torna ainda mais laborioso o processo de tradução de suas obras.

Além da oralidade, constatamos que o texto literário e, mais especificamente, as obras com enfoque regionalista, como *Antan d'enfance*, apresentam outros tantos entraves, muitos dos quais de difícil superação. Os marcados culturais extralinguísticos, mais perceptíveis nesse tipo de obra, respondem por boa parte das dificuldades do tradutor, que se encontra, não raro, impossibilitado de encontrar em sua língua palavras que possam refletir uma realidade extralinguística distinta da sua.

Na tradução de *Antan d'enfance* procuramos, na medida do possível, respeitar o projeto literário do autor, fortemente ancorado na língua e nas tradições crioulas, evitando o apagamento de alguns traços estilísticos mais específicos, como a utilização do léxico crioulo e de alguns elementos próprios dessa língua, tais como os verbos compostos e as criações lexicais com hífen.

Importa salientar, no entanto, que os aspectos linguísticos e socioculturais, que em princípio figuram como barreiras intransponíveis, inviabilizando qualquer possibilidade de tradução, constituem, antes, desafios necessários e estimulantes ao trabalho do tradutor. Ressalte-se, ainda, que o objetivo maior era produzir não um texto idêntico, mas homólogo ao texto original, tendo sempre em vista uma tradução que valorizasse os traços étnicos, linguísticos, sociais e culturais das Antilhas.

Longe de esgotar o assunto, o presente trabalho apresentou tão somente os elementos necessários para que se reflita sobre a tradução de obras crioulas em todas as suas especificidades. Tal como o prisma geométrico, que tem a propriedade de decompor a luz branca no espectro de cores, a obra *Antan d'enfance* é aberta a diversas possibilidades de leitura e a diversas possibilidades de tradução. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado constitui apenas uma dentre tantas possibilidades. Trata-se, então, de um convite para que outros pesquisadores se aventurem nessa rica literatura que urge se expandir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFERGAN, Francis. **Anthropologie à la Martinique**. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1983.

_____. **Martinique: Les Identités remarquables**. Paris: PUF, 2006.

ALMEIDA, Alcinéia E. **Por uma perspectiva intercultural no ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AUBERT, Francis. Traduzindo as diferenças extralingüísticas – procedimentos e condicionantes. **TradTerm**, São Paulo, n. 9, p. 151-172, 2003.

_____. Indagações acerca dos Marcadores Culturais na Tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo, n. 5, p. 23-36, 2006.

BEBEL-GISLER, Dany. **La Langue créole force jugulée**. Paris: L'Harmattan, 2000.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. **Éloge de la créolité**. Paris: Gallimard, 1989.

BERNABÉ, Jean ; PINALIE, Pierre. **Grammaire du créole martiniquais**. Paris: L'Harmattan, 1999.

BLEEKER, Liesbeth de. Scénographie postcoloniale et surconscience traductive dans Solibo Magnifique, de Patrick Chamoiseau. In: GYSSELS, Kathleen; LEDENT, Bénédicte (eds). **The Caribbean Writer as Warrior of the Imaginary. L'Écrivain caribéen, guerrier de l'imaginaire**. New York: Editions Rodopi, 2008.

CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. **Lettres créoles: Tracées antillaises et continentales de la littérature, Haïti, Guadeloupe, Martinique, Guyane (1635-1975)**. Paris: Gallimard, 1999.

CHAMOISEAU, Patrick. **Antan d'enfance**. Paris: Gallimard, 1996.

_____. **Écrire en pays dominé**. Paris: Gallimard, 1997.

_____. **L'esclave vieil homme et le molosse**. Paris: Gallimard, 1997.

_____. La création contemporaine est un processus expérimental. Entretien de Savrina Parevadee Chinien avec Patrick Chamoiseau, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.africultures.com/php/index.php?nav=article&no=7396>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

CONFIANT, Raphaël. **Dictionnaire créole martiniquais-français**. Guyane: Ibis Rouge, 2007

CROSTA, Suzanne. **Récits d'enfance antillaise**. Québec: GRELCA, 1998.

DAMATO, Diva Barbaro. **Édouard Glissant: Poética e Política**. São Paulo: Annablume, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de Identidades Pós-Coloniais na Literatura Antilhana**. Niterói: Ed. da Univ. Federal Fluminense, 1998.

GÉLINAS, Sophie. **Routes et tracées de l'identité: Analyse du discours martiniquais et réflexions sur le parcours de l'identité collective**. Université du Québec, 2006.

GLISSANT, Édouard. **Le Discours antillais**. Paris: Seuil, 1981.

HAZAEI-MASSIEUX, Marie-Christine. **Écrire en créole**. Paris: L'Harmattan, 1993.

HADDON, Alfred C. **Races Humaines et leur répartition géographique**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1930.

HEURTEBISE, Clairvie. La diglossie littéraire chez Chamoiseau. *Écrire en pays dominé*, de la pétrification engendrée par la conscience diglossique à la résolution dans l'écriture de la 'pierre-monde'. Disponível em: <<http://malfini.ens-lyon.fr/document.php?id=148>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

JOUBE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

KEMEDJIO, Cilas. **De la Négritude à la créolité: Édouard Glissant, Maryse Condé et la malédiction de la théorie**. Hamburg: LIT, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

LAPIERRE, Jean William. **Le pouvoir politique et les langues**. Paris: PUF, 1988.

LARA, Oruno. Karib et Arawak. **Traites négrières et système esclavagiste**. Disponível em: <<http://en.calameo.com/read/0000078821a68a6ea486e>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

LARANJEIRA, Mario. **Poética da Tradução: Do Sentido à Significância**. São Paulo: Edusp, 2003.

LUDWIG, Ralph (ed.). **Écrire la parole de la nuit**. Paris: Gallimard, 1994.

MARCH, Christian. **Le discours des mères martiniquaises – Diglossie et créolité: un point de vue sociolinguistique**. Paris: Harmattan, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês. **Investigando a relação oral/escrito**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

MILNE, Lorna. **Patrick Chamoiseau: Espaces d'une écriture antillaise**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2006.

PERRET, Delphine. **La Créolité: Espace de création**. Martinique: Ibis Rouge Éditions, 2001.

PIETRARÓIA, Cristina M. C. **Percursos de Leitura: Léxico e Construção do Sentido na Leitura em Língua Estrangeira**. São Paulo: Annablume, 1997.

PINALIE, Pierre. **Dictionnaire Élémentaire Français-Créole**. Paris: L'Harmattan, 1992.

SOUZA, L.V. de. **As Proezas das Crianças em Textos de Opinião**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília/São Paulo: Editora UnB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

Sitografia:

<<http://www.potomitan.info>>
<<http://www.montraykreyol.org/>>
<<http://creoles.free.fr/Cours/glossai.htm>>
<<http://ecrit.creole.free.fr/lexique.html>>
<<http://www.vodou.org/herbier.htm>>
<http://caribfruits.cirad.fr/fruits_des_antilles>

Apêndice

Tempos de Infância

Abreviaturas

afr.= africano

cr.= crioulo

fr.= francês

ing.= inglês

orig.= original

sin.= sinônimo

var. = variante

*Encontrar em si não, pretensiosamente, o sentido
daquilo que visitamos,
mas o lugar disponível onde tocá-lo.*

Édouard Glissant

Partilhadores, ô
Vocês conhecem esta infância!
(não resta nada,
mas nós guardamos tudo)

Sentir

Você pode dizer da infância o que não se sabe mais? Pode, não descrevê-la, mas palmilhá-la nos seus estados mágicos, reencontrar seu arcano de barro e de nuvens, sombras de escada e vento enlouquecido, e testemunhar esse invólucro construído à medida que, desfolhando o sonho e o mistério, você inventariava o mundo?

Memória, oh, essa busca é por você.

E qual é esse esconderijo, o que quer dizer essa ruína, essas paisagens vazias, falsamente deslocadas? O esquecimento, no mesmo lugar, ainda agarra (impotente) e encurrala a emoção persistente da lembrança morta. De que serve ele, que desnuda seus altos galhos, esse novo desfolhador?

Infância é riqueza à qual você jamais concede geografia muito clara. Você põe aí em desordem as épocas e as idades, os risos e a ilusão de ter rido, os lugares e as sensações que jamais nasceram. Conduz bacanal de rostos e de sons, de dores e de rendas, de pedacinhos de histórias das quais ninguém conhece a origem, e de seres ambíguos, amados ou odiados. Eles foram importantes, e ainda são, de tal modo você os desenha, os transporta, os preserva –, memória, por que você admite essa riqueza sem, entretanto, oferecê-la?

E quando se escoia para além dos olhos, sem anúncio nem apelo, uma porção de lembranças, quando se eleva em baforada a falaciosa estima de um tempo feliz, que reinveste esse período mágico onde cada pedacinho do mundo dava leitura das possibilidades do mundo, onde a própria realidade do mundo era nicho indefinido de formigas, todas muito loucas, e que se sente aí não estrangeiro, mas em humor de exilado – memória, sou eu que me recordo ou é você que se recorda de mim?

Memória, façamos um pacto pelo tempo de um esboço, diminua paliçadas, acalme os selvagens, inspire o segredo dos traços invocados na margem de suas moitas. Eu não levo nem saco de rapto, nem facão de conquista, nada senão uma embriaguez e uma alegria bem dócil ao gosto (escoamento do tempo) de seu escoamento.

Façamos um pacto.

Onde começa a infância? Na lembrança da visão do mundo sob o primeiro olhar? No respingo do país-visto em oposição à primeira consciência? A alta confidente evoca uma noite iniciada em dores. A mala estava pronta desde o pós-Dia de Todos os Santos. A viagem foi feita a pé ao longo do canal Levassor, em direção ao hospital civil. Às 21 horas, numa quinta-feira, sim, sob a bola das chuvas e dos ventos de dezembro, a parteira colheu o primeiro grito, e a confidente de hoje acolheu “o último pedaço de suas tripas”. Essa era sua maneira crioula de nomear o quinto e – em resolução – o último de seus filhos.

Quando, hoje, vem deste o espanto mais ou menos imbecil: Mas mamãe, por que você subiu a pé? *Eti man té ké pwan lajan pou trapé loto-a?* De onde eu ia tirar dinheiro pra pagar o carro?, diz ela, a um só tempo orgulhosa e consternada.

Ocorreu ao homem refazer esse caminho de nascimento. Descer a rua François-Arago, ultrapassar a alegria cheirosa do mercado de peixes, depois costear o canal até o Pont de Chaînes. Ocorreu-lhe também degustar as noites de quinta-feira quando vinte e uma horas entregavam Fort-de-France aos cravos amarelados da iluminação pública. Ocorreu-lhe, enfim, examinar as tempestades noturnas de dezembro quando estas surgiam numa quinta-feira, com o desejo de perceber aí não um sinal, mas uma sensação familiar, um ressurgimento da sensação primordial. Foi em vão. O homem tem hoje um fraco melancólico pelos tempos de chuva, ventos úmidos e noites vindas em turbilhão. Talvez até tivesse sido poeta se não houvesse tanto mau gosto nessas preferências tão evidentemente belas.

Isso era, de toda forma, previsível: o negrinho não teve nada de muito especial. Pequeno, magricela, olhar sem muita luz, consumando a arte do capricho, ele desencadeava catástrofes em si mesmo à menor advertência. Tinha vocação para estar fora do mundo, para permanecer imóvel sobre o telhado das cozinhas, contando as nuvens, ou para seguir, por transparência, as secreções de suas pupilas. Frenéticos períodos o incitavam a escalar tudo, como esses saguis dos quais ele tinha a corpulência, um pouco do som de garganta e a mesma energia corruptora das paciências. Ele foi mesmo (afirma com frequência um rancoroso primogênito) mamador até uma idade desaconselhada pela razão. Ao longo dos dias, vocalizara este único grito com um ritmo canibal: *Titac tété!... Titac tété!...* Sem recorrer a essa última mentira, teria sido fácil

prever aí a ausência de um verdadeiro poeta. Somente suas ilusões lhe fizeram acreditar nessa *baboule*⁵⁶ durante as crises da adolescência.

Seu único talento foi ser um assassino. Foi consagrado rei (por si mesmo) das aranhas e formigas, das libélulas e minhocas, vítimas, entretanto, de seus massacres. Foi o Átila das baratas vermelhas e dos enormes *ravets*⁵⁷ escuros que chamávamos de *klac*⁵⁸. E conduziu campanha contra uma colônia de ratos impossível de arruinar. Esse assassino tem uma história – ei-la, enfim – é duvidoso que se orgulhe dela.

Tem origem nos períodos de solidão hoje inexplicáveis, pois a casa vivia cheia. Era um grande *cayo*⁵⁹ em madeira do norte, estendendo-se na rua François-Arago até a esquina da rua Lamartine. No nível-da-rua, os srios, proprietários do imóvel, haviam aberto suas lojas de tecidos. Bem ao lado da entrada, dando nas escadas dos quartos, havia um ateliê de marcenaria. O negrinho jamais o conheceu, mas soube, desde sempre, da sua existência: o marceneiro, que passou a trabalhar com artigos de esporte após um incêndio, permanecera ali, nostálgico de sua antiga arte. Invocava-a por reparos inúteis de cada porta e ostensivas ferramentas para entortar o menor prego. Conservara atrás da orelha um lápis obstinado. Em pé na soleira de sua loja, com o olhar perdido na multidão das cafetinas que procuravam o alvo, utilizava seu lápis para tirar medida do mundo. Nenhuma cafetina jamais reparou bem no objetivo dessa medida. No entanto, esta era precisa. O indivíduo consagrava tempo nisso: braço estendido, a ponta do lápis emergindo do polegar e do indicador, mensurando a medida, mensurando à medida, mensurando, sim... Quando o mensurador morreu de uma leve congestão, ninguém pensou em colocar-lhe o lápis na tumba. O negrinho não derramou nenhuma lágrima; único entre todos, ele sabia que o marceneiro era *djobeur*⁶⁰ de uma tristeza e mensurador de um excesso de cinzas.

⁵⁶ (var. *baboul*) Mentira, balela.

⁵⁷ (var. *ravèt*) Espécie de barata.

⁵⁸ (var. *klac*, *clac*) De origem onomatopaica, o nome *klac* vem do barulho que a barata produz quando é esmagada.

⁵⁹ (var. *caye*) Literalmente, ilhas de areia formadas em cima de corais, comum no Mar das Antilhas e no Golfo do México. Apresentam, geralmente, uma grande variedade de insetos e répteis.

⁶⁰ (do ing. *job*; var. *djobè*) Literalmente, biscateiro. A palavra crioula *djobeur* refere-se mais particularmente àqueles que trabalham nos mercados antilhanos carregando os produtos em carrinhos de mão.

A escada conduzia, portanto, ao andar onde ficavam as famílias, família Mãe Romulus, família Mãe Ninotte, família Mãe La Sirène, família Mãe Irénée, família invisível de uma sacoleira invisível, parceira de um aduaneiro pouco visível num amor esporádico, mas dos mais apaixonados. A sacoleira era rara. Vagueava pelas ilhas inglesas e pelas costas americanas, de onde trazia tecidos brilhantes, objetos nem franceses nem católicos, e perfumes capazes de agir sobre os espíritos e sobre os corações. Suas presenças no quarto eram tão discretas quanto suas ausências, mais discretas ainda do que as colônias de ratos que povoavam os labirintos da escada de madeira. A única coisa que assinalava sua presença era o frufu das mercadorias desembaladas à noite e reembaladas em pequenas medidas destinadas à venda. Isso enchia os sonos com uma missa de papel jornal, com badaladas de garrafas, e com o cheiro singular dos gênios em exílio. Sua presença era assinalada sobretudo pelo aduaneiro fiel, um pouco gordo, um pouco suado, um pouco mudo, muito gentil, que o negrinho, naquela época, acreditava ter visto escalar penosamente os degraus da escada. Na realidade, reflexão feita, ele jamais o viu. Soube o que lhe segredaram cerca de dez anos mais tarde. A sacoleira, ele também jamais viu (o quarto foi desocupado antes mesmo do nascimento do negrinho), mas sua imaginação pôde conceder-lhe uma existência igual à aura remanescente de sua longínqua passagem. As outras crianças eram numerosas, cada família tinha quatro ou cinco. Elas alimentavam um explosivo bando que, todo santo dia, descia rapidamente o longo corredor e a escada. Daí por que é duvidoso que o negrinho tenha conhecido momentos de solidão, mesmo se as lembranças de sua infância tenham se iniciado, inevitavelmente, por imobilidades solitárias. Estas o transformarão em observador de aranhas, de formigas e de *ravets*, antes – evidentemente – de torná-lo um assassino.

Debaixo da escada, perfilava-se uma zona de sombra favorável às existências suspeitas. Ali se amontoavam garrafões, garrafas, recipientes, saquinhos que não pertenciam a ninguém ou, sem dúvida, a famílias esquecidas. De tempos em tempos, pilhas de caixas de papelão assinalavam a chegada de produtos sírios. Encontravam-se, além disso, caixas, todos os modelos de caixas, caixas-de-bacalhau, caixas-de-arenque-defumado, caixa-de-batatas, guardadas por cada um à espera de uma necessidade. Tudo isso existia sob uma camada de poeiras, num universo indescritível, até o dia em que Mãe Ninotte (a mãe do negrinho) ou Mãe Romulus, ou Mãe La Sirène, ou ainda Mãe Irénée, se pegasse de um ímpeto profilático e se pusesse a lavar tudo abundantemente, a lavar tudo com alvejante, e a fornecer porções de

ruínas à via pública noturna. Essas limpezas súbitas provocavam muitas fofquinhas. O negrinho redescobria um mundo morto sob a arrumação. Sua atenta solidão acompanhava, então, o retorno progressivo desse mundo em direção ao depósito inicial, à medida que a vida, de caixas de porcarias, aí restabelecia a vida.

Aranhas, formigas e *ravets* agitavam-se ali. Tanta vida nessa sombra fascinou o negrinho. As teias de aranha estendiam-se em véus estáticos, brilhantes, carregados das cinzas de uma lua morta. Destruídas por cotidianas recuperações de garrafas, algumas se retorciam como tranças lamentáveis, porém as outras se abriam num bordado sutil, meio apagadas, cintilando na sombra, e revelando crueldade na confissão manifesta de suas armadilhas. Numerosos cadáveres penduleavam aí, troncos ressecados de mosquinhas rosas, de mosquitos, de quaisquer *ravets*, de *yen-yen*⁶¹, de borboletas noturnas presas no ardil de renda. Isso evocava um cemitério aéreo de insetos celestes. Os exterminadores não eram visíveis e nada parecia exercer domínio sobre aquilo. Esse enigma se desfez, tiuf, no incidente de uma mosca presa sob seus olhos. Essa mosca, ao debater-se, agitava a geometria elástica e viva. Produziu-se, então, o inacreditável. Uma diabinha de longos dedos, bem ligada aos fios que parecia tricotar, surgiu veloz de não se sabe onde, e precipitou-se sobre sua presa tão rápida quanto escorregadia.

A mosca viu-se encoberta e parou flap... de bater. A aranha teceu-lhe rápido-simplesmente uma camisola esbranquiçada, depois se imobilizou. A mosca transformou-se num casulo adaptado a uma indescritível forma de comer que a aranha praticava com admirável apetite. Terminado o banquete, ela foi postar-se sobre a espinha dorsal da teia, ligada à linguagem vibratória de sua armadilha. O negrinho a viu, daí em diante, ela e outras mais, e todo o bando, dizimar pequenos animais alados. Eram capazes de envolver vários deles quase ao mesmo tempo. Percorriam seus andrajos afilados cujos limites indiscerníveis eram de uma precisão maníaca. Ele aprendeu a atraí-las agitando a parte superior das teias. Elas se precipitavam, não encontravam nada, viravam, e giravam em torno de seu centro. Durante a espreita, remendavam a teia, lançando-se à ponta de um fio brilhante fiado do abdômen. Muitas vezes se agarravam em franjas desfeitas e as atavam sem costuras, sem nó. O negrinho, estupefato, via a ruína adquirir uma textura impecável, e já se perguntava como tal

⁶¹ (sin. *zon-zon*) De origem onomatopáica, o termo *yen-yen* refere-se a uma espécie de mosquito que pica sobretudo as pernas.

engenho podia servir somente para tanta crueldade. Fascinado por essa maldade alimentar, tornou-se rei das aranhas, fornecendo-lhes o que comer. Foi por elas que se tornou capturador de moscas com a ajuda de formas forradas de açúcar. Por elas, aprisionou em potes populações de mosquitos executados em teias negras. Por elas, viveu com o olho fixo na poeira das persianas, nas quinas do corredor, nos ângulos mortos da escada, encurralando o inseto digno do holocausto aracnídeo. Quando o hábito enfraqueceu o interesse por essas execuções, encontrou como criar um clima, pondo uma aranha na teia de outra, ou deixando-lhes insetos providos de uma carapaça. Elas tinham então que enfrentá-los por um longo tempo antes de ceder-lhes uma parte da teia. Para fazer isso, modificavam com paciência as linhas de força e o invasor preso na armadilha degradingolava sozinho. Em seguida, ele se pôs a trançar os fios, com pontos que arruinavam o equilíbrio sob a aranha enlouquecida. Enfim, antes da idade do fogo, pôs-se a matá-las.

Descobrira o milagre dos fósforos e o poder do fogo. A casa era de madeira. Os incêndios de Fort-de-France, com os ciclones e as inundações, constituíam o panteão dos horrores crioulos. Mãe Ninotte, que cozinhava no quarto com um fogareiro a querosene, praticava uma precaviosa cerimônia para acendê-lo. Começava por afastar em silêncio as crianças. Com gestos de senador, bombeava o combustível do fogareiro, depois, com o olhar aguçado, manipulando uma minúscula agulha, desentupia a abertura onde a chama devia se alimentar. Após um olhar circular, procedia ao acendimento do fogo. E aí residia o mistério. No tempo de meio segundo, o mundo ficava em suspenso ao redor do cruzamento onde tudo era possível, o desastre mais ainda. Cada ser se preparava para partir como uma flecha. Numerosos eram os casos de crianças despeladas, de cabanas desaparecidas sob a lima de uma chama, de fogareiros explosivos como as *chabines*⁶². Mãe Ninotte, a esse respeito, tinha discursos filosóficos sobre o poder do fogo. Sentenciava, para isso, em torno de quinze provérbios e de três belas palavras. Era o suficiente para incitar o negrinho a furtar um fósforo, em seguida caixas de fósforos.

Foi debaixo da escada que ele explorou a imprecisa realidade de uma chama: uma impaciência alaranjada, habitada de transparências e de vermelhos profundos, surgida do

⁶² Nas Antilhas francesas, *chabin* ou *chabine* (var. *chaben* e *chabin*, respectivamente) refere-se a um indivíduo afro-caribenho de pele e olhos claros. A *chabine*, particularmente apreciada por sua beleza, é considerada inquietante e predisposta a ações incontroláveis.

nada, alimentando-se da madeira do fósforo, e sufocando-se com seu próprio vigor. Contemplar uma faísca o precipitava nas antiguidades de um mundo-escondido, num fosso de memória subitamente despertado pelos temores mais secretos. O negrinho descobriu em si imemoráveis angústias. Sentia-as se agitarem e se calarem ao ritmo sagrado da chama em declínio. Cada fósforo, além de seu mistério, trazia-lhe uma baforada de plenitude, que ele procurava logo-logo no fósforo seguinte. A caixa desaparecia rápido, salvo se, antes do último fósforo, a embriaguez sonhadora havia autorizado alguma chama a lambê-lo o dedo. Então largava tudo, espantado, a imaginação retorcida, afastando-se da caixa como de um buraco do inferno. Retornava a ela bem depressa, como abelha a seu mel, e saboreava essa perigosa felicidade. Mas essa idade do fogo foi tardia, em todo caso sucedeu àquela dos massacres, nascida rapidamente das descobertas do poder do fogo. Foi mais tarde que ele aprendeu que essa força podia ser – para os tumultos da infância – fonte de serenidade.

A chama devastava tudo. Era milagre. As teias de aranha queimavam como palhas-de-cana. As aranhas se divinizavam como faíscas cadentes. O negrinho, mestre do fogo, arranjava espaço debaixo da escada. Embriaguez de tudo destruir. Embriaguez de saborear o enigma de uma aranha sobrevivente da carbonização das teias. As aranhas, embora regularmente queimadas, reproduziam-se segundo uma lei que ele gostava muito de conservar à altura de mistério (era uma de suas raras virtudes esse gosto por um pacto com os entes fantásticos; jamais se livrará disso). Impelido por uma escassez de aranhas, pôs fogo nas baratas e formigas. Colônias de formigas perseguiam, sobre as garrafas, algum resto de melado. Sob a chama, elas perdiam seu pastor invisível e permaneciam incapazes de uma convergência durante um *et caetera*⁶³ de minutos. Os nichos ficavam *dek-dek*⁶⁴, jorrando em todos os sentidos e, sobretudo, nas trevas de uma individualidade restituída. Nada é mais delirante do que uma formiga ejetada de seu condicionamento coletivo. Somente o fogo detém essa capacidade de atingir seu instinto e projetá-lo nelas mesmas, sobre elas, numa espécie de sistema oco e de vazio pleno. As baratas perdiam suas asas nas crepitações, ou então redescobriam aí um uso frenético. A criança deve ter fugido às pressas de debaixo da escada quando sua chama, tendo penetrado um interstício povoado, provocava, após a agitação das larvas, uma decolagem de *klaclac* taciturnas e de veneráveis baratas vermelhas. Elas vinham atacá-lo no rosto, saboreá-lo com suas patas espinhosas, e infligir-lhe a ofensa indelével de

⁶³ (var. *an ètsétéra*) Muitos.

⁶⁴ (sin. *tok-tok*) Louco, tantã.

seu almíscar intimidador. Impossível saber o número de fósforos consumidos para que as aranhas se tornassem raras, as baratas emigrassem em direção às cozinhas e as formigas se enterrassem sem desaparecer. O negrinho permaneceu sozinho com sua arma devastadora tornada irrisória. Então, inflamou rolhas de cortiça, rótulos de garrafas, plástico que ele gostava de ver se contorcer. Um dia, acendeu uma chama por acender, penetrando então, docemente, sim, na serenidade da idade mágica do fogo.

A idade da ferramenta foi a da lâmina Gillette. O Papai era um elegante. Barbeava-se rente e cultivava, segundo as modas, um bigode ou costeletas. Usava espuma e um barbeador desparafusável ao qual se devia adaptar a lâmina do dia. Essas lâminas, de curta duração, acumulavam-se, inúteis. O negrinho não demorou a descobrir sua capacidade de cortar tudo. Como não podia zebrear nem cortinas, nem colchões, nem os cadernos dos mais velhos (estes últimos já achavam sua existência no mínimo fatigante), o negrinho ia até o seu reino, debaixo da escada, cortar as patas das aranhas sobreviventes, das formigas um pouco raras. Operava as baratas (crucificadas por agulhas) de uma doença grave da qual nada se sabia, mas que justificava uma dissecação sistemática. Além da doença, procurava corações, pulmões, sangue, ossos, um cérebro, uma alma, ideias. Verificou se aranhas e baratas podiam viver sem cabeça, ou sem abdômen, ou sem nenhuma das patas, ou então se uma cabeça de aranha podia funcionar sem aranha, ou ainda se as asas de barata eram capazes de um voo órfão. Ele poderia ter feito a ciência avançar se o desejo de compreender não fosse tão frequentemente suplantado pelo gosto muito obscuro de cortar. A idade da lâmina fez também a infelicidade das minhocas, das quais não compreendia a obstinação em viver em trechos esparsos, e das libélulas capturadas nos varais onde as famílias estendiam sua roupa durante as calmarias úteis.

A hora da libélula precede a do sol. Ela acompanha o orvalho – uma unção evanescente ressumada da terra, pois ninguém a vê cair, e que cobria o mundo de cintilantes gotículas. O negrinho descobrira esse mistério quando um desejo de seguir Mãe Ninotte, lançada numa urgência matinal, havia-o precipitado de sua cama antes do amanhecer. Pela janela do corredor de onde se avistava o quintal interior, as bacias e o telhado das cozinhas, ele via o céu e a parte superior do muro coberta por um mato nascido do nada, por arbustos pensativos e flores minúsculas. E tudo surgia envernizado sob o ímpeto do sol muito pouco tépido. E o

vento dispersava odores marinhos e segredos da noite. Ele os respirava como se aspirasse em si mesmo, no seu espírito aberto, esses encantos que, para ele, estruturavam sozinhos o mundo. Uma maravilha das maravilhas eram as libélulas. Como crer que uma cidade, antes de seus calores, podia suscitar tantas dádivas imóveis no vento, tantas delicadezas cintilantes, de reflexos ocres, de reflexos verdes, de vida silenciosa e secreta, que se dissipa a partir da batida do sol? Asas cintilantes verticais, visíveis no momento das pausas, e de enormes olhos, aveludados sem luminosidade, por assim dizer, melancólicos. Oh, as libélulas dançavam *calenda*⁶⁵ em torno das gotas! Sobre o espelho das poças, vinham sacudir-se, enxugar-se, celebrar missa pela água como viajantes do deserto guardando lembrança da mais longa das sedes. Após tê-las capturado e cortado tudo o possível, o negrinho adotou os seus hábitos. Consagrando-se padre da cerimônia, tomou gosto por honrar o orvalho como um arcano dos humores noturnos da terra e do céu. Certas libélulas lhe sopraram que a essa mescla augusta era preciso acrescentar uma lágrima de estrela, porém ele jamais acreditou nisso, não por incredulidade, mas porque não era bom – acreditava – que um padre tivesse o ar de sorver as tolices de suas ovelhas, fossem elas, como concluía ao fim de seus devaneios, de uma impecável justeza.

Uma nuvem de libélulas anunciava (isso era frequente) um dia de enxurrada ou de chuva muito fina. Como o telhado do imóvel não estava mais muito vigoroso, Mãe Ninotte acompanhava esses dias de água do plano salve-se-quem-puder destinado a preservar o quarto da inundação. Havia, em primeiro lugar, as duas bacias colocadas na sala, uma ao lado do aparador, que perdia seu verniz, a outra abaixo de uma das duas janelas, onde as juntas de má qualidade autorizavam a descida de gotas de água, primeiramente hesitantes, depois quase contínuas, à medida que a chuva se eternizava. O teto da moradia escurecia de auréolas limitadas de um lado e de outro por placas de pintura ainda fresca do último Ano Novo. As paredes da fachada, rapidamente embebidas, liberavam um suor congelado que era preciso recolher com trapos na altura do teto. O teto do quarto, cujas janelas davam para a rua, era, por si só, uma catástrofe. Exigia tantas bacias, trapos, panelas, terrinas, copos e, às vezes, até mesmo guarda-chuvas, que Mãe Ninotte havia pendurado aí um extenso encerado. Ela o amarrara por um cordão sírio aos pregos colocados nos quatro cantos do cômodo. O negrinho, abandonando a escada ou o telhado das cozinhas, contemplava, durante a intempérie, a curva

⁶⁵ (var. *kalenda*, *kalemda*, *caleinda*) Dança erótica de origem africana.

progressiva do encerado sob o peso de uma poça d'água. Amarelada no início, a água assim recolhida envelhecia na tonalidade do marrom-titica-de-galinha. Durante os meses de chuva, Mãe Ninotte não esvaziava o encerado: a operação era delicada, arriscada, penosa. Exigia uma concentração que essa negra guerreira, em luta contínua com a vida, aplicava em outras urgências. A água estagnava então no seu cálice de plástico, escurecendo ao sabor das chuvas e dos dias. Nos tempos de calor, que sucedia os das águas, sua evaporação desprendia um resíduo poeirento e enegrecido, um arranjo medíocre para as lascas da pintura um *tac*⁶⁶ descolorida.

Assim, no início de cada chuva, Mãe Ninotte, seguida pelo negrinho, inspecionava a cozinha, a sala de jantar, os dois quartos, verificava o lugar das bacias, o grau de absorção dos trapos, a resistência do encerado. Às vezes, inclinava-se na janela para calcular a duração do temporal (...*A-a fout la pli-a ka fésé ko'y jodi-a!*...), depois retornava às suas panelas sem se preocupar desmedidamente com os espetáculos do céu. Anastácia, a mais velha das duas irmãs, ia esquentar sua cama em companhia de uma boneca confeccionada por Mãe Ninotte nos tempos de miséria. Ela não brincava mais com a boneca, porém não vivia mais sem ela. Anastácia era uma grande *câpresse-chabine*⁶⁷ de cabelos grossos, que assumia o comando na ausência de Mãe Ninotte. Tinha as mãos longas, afiladas, a ponto de tornar muito doloroso o menor tapa. Infringir suas leis dependia, portanto, de uma raridade de loucura. De uma autoridade invencível, herdara de Mãe Ninotte uma atitude de vencer a vida, de tudo prever, de tudo saber, de tudo organizar, a tal ponto que o Papai (manipulador de vocabulário francês, mestre na arte crioula do apelido) a havia apelidado de Baronesa. A segunda irmã, Marielle, espécie de *câpresse-madère*⁶⁸, vagamente indiana, aureolada da antiga prática de um basquete de competição, perdia-se nos fotorromances e nos livros sem figuras. Esta (o Papai a havia apelidado de Choune⁶⁹) parecia viver fora da casa, e fora do mundo, regulando sua vida em função de uma exigência cujo relógio estava no centro de si mesma. Para ela, cada um estava intimado a viver segundo seu próprio coração, a fazer ou a não fazer de acordo com a própria vontade, as únicas proibições decretadas seriam não dormir jamais em sua cama, não tocar em seu pente ou, ainda, em seus pertences. De um humor constante, talvez indiferente, mantinha-

⁶⁶ (var. *tak*, *titak*) Um pouco.

⁶⁷ Enquanto *chabine* é mestiça de negro e branco, *caprêsse* (var. *kapres*) é mestiça de negro e mulato. Uma *caprêsse-chabine* apresentaria, então, características dessas duas miscigenações.

⁶⁸ Referência à cor amarronzada do *madère* ou taro, variedade de inhame muito comum na região das Antilhas.

⁶⁹ Moça alegre ou adorável.

se difícil de surpreender ou de interessar. O primeiro dos dois irmãos mais velhos (um apelidado Jojo pelo Papai apelidador) ficava, durante as chuvas (e, aliás, o resto do tempo), sentado à mesa de jantar. No meio de um buquê de livros e cadernos, travava uma guerra contínua com fórmulas algébricas. Cobria centenas de folhas de livros em desordem por todo lugar. Cada um se aproveitava, na ocasião, para conhecer a angústia diante desses signos insensatos aos quais o adolescente genial (indiferente ao resto) parecia conferir todo poder de explicação do mundo. O segundo irmão mais velho, Paul, sempre em guerra com a Baronesa, ia sentar-se na escada no fim do corredor, exatamente diante do patamar de Mãe Romulus, a viúva. Aí, com o rosto entre os joelhos, rádio de pilha no ouvido, perdia-se numa espécie de hipnose ritmada em que apenas seus dedos do pé e da mão pareciam viver. Era um indivíduo que explicava o mundo pela música, mas parecia já ter perdido o ouvido pela melodia das chuvas. Fabricara um violão do qual tirava sons com fios de crina. E esses sons lhe eram suficientes para deixar a terra e ir em direção a lugares conhecidos somente por ele, plenos de um oxigênio inebriante. Isso lhe conferia o olhar opaco dos visionários e a mesma incapacidade de lavar a louça cotidiana. De fato – a Baronesa terminou por admitir – o menino era um músico. Perturbado pela silenciosa luta do encerado e da poça aérea, o negrinho se estendia embaixo, sobre a grande cama de Mãe Ninotte, se o Papai não estava em sesta. Fixava a bossa amarelada que se sobrecarregava, ao mesmo tempo inquieto e impaciente para vê-la estourar pelo efeito do peso. Imaginava, cheio de pavor e de deleite, essa ducha brutal que quase o afligia. Às vezes, subia numa cadeira para titilar a lona com a ponta de um dedo. O plástico parecia sempre demasiadamente mole, e a ducha sempre muito próxima. Então descia rápido para se estender, febril, exatamente ali embaixo.

Os quartos estavam submetidos aos mesmos inconvenientes. A casa era, ao que parece, velha de toda a eternidade: ninguém nunca dispôs, diante do negrinho, de memória suficiente para evocar algum tempo de esplendor. Ele se perguntava sempre, por exemplo, qual tinha sido a pintura inicial esquecida por todo mundo. Na época de seu nascimento, subsistia como cor uma química indefinível, descascada de acordo com suas relações com o sol, fonte de poeira e de um leve cheiro de vinagre. Em tempos de seca, parecia ser a memória de uma cinza. Sob a chuva, o ar se carregava de aromas de madeira, e a enigmática pintura, empanturrada de umidade, tomava uma aparência acinzentada, aveludada ou rugosa. Era, então, o alimento de

uma porção de insetos que saíam de não se sabe onde, espantados pela chuva, exaltados pela chuva, e que distraíam seu medo percorrendo as paredes transformadas em um doce viveiro.

Mãe Ninotte e Mãe Romulus eram as mais ocupadas nesse assunto. Assumiam a responsabilidade de ir descrever os aborrecimentos da chuva ao sírio, proprietário dos quartos. Diante delas, este último se refugiava numa meditação quase cataléptica. Somente seu lábio agitado em torno de um charuto fino assinalava que ele ainda estava presente. Mãe Ninotte e Mãe Romulus, desconcertadas, perdiam sua raiva. E quando o sírio as dispensava pela enésima vez, ressuscitando de repente (*Bom, eu vou ver isso um dia desses*), não pensavam jamais em reagir como haviam mil vezes imaginado: fazer-lhe voar as falésias de tecidos, agarrar-lhe a saariana pela gola, dizer-lhe cara a cara (como diziam pelas costas): *La Syrie siguine siguine andiète...!...*

Voltavam de lá sombrias, pretendendo, apesar de tudo, ficar tranquilas. Para Mãe Irénée, sentinela das notícias na soleira da porta, sentenciavam em duas vozes: *O sírio disse que vai ver isso um dia desses*. E a casa retomava o arrepio de madeira apodrecida pela água, a crepitação de telhas sob as chuvas de inverno, os cantos de negras diante de suas perigosas lâmpadas, os odores de açúcar queimado, as tagarelices de rádios abertas até a deterioração das pilhas, e a brusca debandada das crianças que iam sentar-se ao pé da escada, diante da rua, e que, uma meia hora mais tarde, lançavam-se na mesma debandada para sentar-se novamente no alto, embriagadas com seu estrondo sobre os degraus de madeira. Suas subidas e descidas eram tão regulares quanto Mãe Romulus costurando atrás de sua Singer, Mãe Irénée em sua cozinha, onde salgava suas fritas, Mãe Sirène na altura de seu terço, ou Mãe Ninotte no combate de suas panelas, podiam fazer uma ideia muito exata do escoamento do tempo. Se não fosse por isso, de agosto a novembro, entre as gotas, as auréolas, as bacias, os trapos e as meditações do sírio, o tempo não passaria mais.

Uma vez, essa é uma vaga lembrança, o sírio enviou-lhes um carpinteiro consertador de telhados. Esse áspero negro transportava suas ferramentas num saco de couro macio. Ele penetrou na casa com um ar de não acreditar muito nas pupilas de seus olhos. Avaliava com o dedo do pé a resistência um pouco esgotada da escada. Observando a junção das tábuas e das vigas (carpintaria impecável, de ciência antiga já coletivamente perdida), resmungava: *Joy bel*

kay!... bendita casa..., ficando consternado que se possa, nessas épocas de chuvas, de incêndios e de ciclones, persistir em viver numa outra coisa que não um *blockhaus*⁷⁰ de concreto. Os negros, explicava ele, já cumpriram seu tempo em cabanas de palha, depois cabanas de madeira, depois cabanas de fibrocimento... Visto sua predisposição em serem excluídas das superfícies de nosso lodo, essas qualidades de cabanas nunca foram verdadeiramente dádivas do Bom Deus. Havia lido em alguma obra filosófica um negócio sobre porquinhos e explicou a Mãe Romulus (mesmo não impressionada) que o cimento era não somente mensageiro do porvir, mas também de uma arte de viver. Carpinteiro por acaso, era hoje cimentador por vocação, isto é, por ter senso de modernidade e visão de futuro. E concluía: O único porquinho que escapou, então, do lobo foi o que construiu uma casa de cimento. *Que lobo?* rangeu Mãe Romulus, *não tem lobo nenhum aqui!*... *É uma alegoria*, respondeu ele, *you pode colocar uma cobra no lugar. Eu nunca vi*, protestou Mãe Ninotte, *uma cobra comer um porco*... O carpinteiro, aflito com tanta ignorância, parou de discutir, e pegou seu lápis de trabalho. Cada família lhe expôs suas misérias, mostrou-lhe os vazamentos, as auréolas, os estufamentos de suas paredes, cada um lhe deu um cálculo de litros por semana e de gotas por segundo. Ele escutou com ar de compreender. Depois subiu ao sótão para ter acesso ao telhado.

A abertura se encontrava no corredor, exatamente diante da porta de Mãe Irénée. Ele ergueu o alçapão, e diante do negrinho surpreendido, deixou a escada para o espaço sombrio sob os revestimentos. Houve um silêncio antes da agonia. O carpinteiro lá em cima se pôs a urrar, e depois a gemer, e depois a injuriar uma colônia de coisas que o agarravam, o mordiam, levantando em seu redor uma onda de poeiras. Ele desceu de-cabeça-para-baixo e pernas-pra-que-te-quero proferindo uma rara maldição. Retornou algum tempo depois, convencido pelo sírio, e tomou cuidado de evacuar antigos gatos desdentados, vinte e dois morcegos, e uma porção de ratos não tão cruéis quanto aqueles. Depois, pôs-se a trabalhar, instalando novas telhas, colmatando algumas, consertando as goteiras. Era visto suspenso na beirada da fachada, sem mesmo um fio para fechar seu túmulo, trabalhando com uma consciência de indiferente até o término da obra. Ao meio-dia, permanecia no sótão. Nós o ouvíamos festejar solitário e nomear cada um de seus bocados: *hum bacalhau*, *hum feijões vermelhos*, *hum pimentões*. Recusava os convites, mas não desprezava os pedaços de peixe frito içados à

⁷⁰ (var. *blok-kay*) Neologismo crioulo que significa imóvel, prédio.

entrada do alçapão. Quando se foi, esperaram-se as próximas chuvas com estimativas ansiosas, apostas e inúmeras avaliações. Com a chuva, nada se produziu de muito novo: a casa escorria sempre, mas não nos mesmos lugares e foi necessário a todo mundo algum tempo para reajustar as bacias sob essa revanche diluviana.

Para a alta confidente, essa patacoada é uma *baboule*. Nunca houve, sob as telhas, o menor rato, nem o menor gato, apenas pairou uma suposição por dois-três morcegos em virtude dos voos de uma asa crepuscular. Mas isso poderia igualmente provir de um zumbi. E quando o carpinteiro subiu, tudo se passou muito bem e, prova de sua incompetência, ele pôde trabalhar à vontade. Tanto pior se isso fosse mentira, contesta o escriba vergonhoso.

– Não é tanto pior, é uma mentira, responde ela, implacável.

A casa vivia com a chuva, mas durante a quaresma⁷¹ – oh, que tempo! – ela vibrava. Tudo se tornava quebradiço, a madeira lutava com os pregos para abocanhar outros espaços. As vigas queriam descer ao vento raro das janelas. As pranchas do corredor e das paredes, encontrando-se uma seiva, rangiam na medida de uma nastia. As telhas aquecidas até a morte oprimiam a existência do mais pesado dos chapéus. Ao contato com as brisas, tornavam-se musicais, com sons de garrafas à beira de uma quebra. Então, provindo de cada fibra do teto, reinava uma poeira. A mais fina, a mais cinzenta, a mais obsedante das poeiras. A casa se livrava de uma casca sob o calor. Ela emergia dessa muda, sussurrante como caixa de caranguejos, um pouco mais austera, menos pensativa, e sobretudo estrangeira. Uma luz adamantina acentuava as zonas de sombra. A parte inferior da escada se tornava um buraco vasto onde nenhuma imaginação assassina ousava uma aventura. Da janela interior caía, enviesada, uma iluminação quente que projetava o corredor na existência de um negro impenetrável. E cada local era como esse, tudo apagado, ou tudo explodindo. Nossas vidas se devorando nas zebruras de claridades, nos cansaços opacos, atingidas por um estupor testemunhado somente pelas sextas intermináveis e pelo silêncio inabitual de uma criança ressecada – Senhor, mas que tempo!...

Durante a quaresma, vivia-se de outra forma. Sem falar de calor, vivia-se o calor. As mães, antes do amanhecer, praticavam mais urgências e freavam sua energia ao nascer do sol. Suas

⁷¹ (cr. *karenm*) Período de estiagem nas Antilhas, que se estende de janeiro a junho.

pupilas enlanguesciam sob uma pálpebra mais lenta. Elas pareciam refrescar suas preocupações de sobrevivência, brumas de um sonho, e seu olhar, às vezes sufocado, testemunhava um abismo interior onde se refugiavam (sem dúvida, um lugar banhado de amores antigos: única água-para-sede possível sob a fornalha de viver). Os volumosos cabelos se elevavam para arear a nuca. Os lenços de madras, desfeitos na ponta de mãos distraídas, descobriam rostos asfixiados. Os vestidos em grandes véus se levantavam até as ancas, os tecidos de algodão (finos, brancos, vaporosos) emergiam de valises esquecidas onde se redescobria, apesar da naftalina e dos nós de folhas boas, os estragos de *ravets* subterrâneos ou – pior – dos nichos de camundongos rosas. Essas descobertas horrorosas eram as melhores orquestras da estiagem. Soava-se o halali dos roedores, mas, invisíveis por força da astúcia, eles nos forçavam ao riso. Não se falava de calor, vivia-se o calor. Isso significava falar mais baixo e, sem dúvida, por menos tempo. Os cantos não ornavam senão a aurora, e as noites recolhiam mais vida. Cada um ia surpreender os crepúsculos nos arredores das janelas, na Fort-de-France que aliviava suas vermelhidões no sopro brando do sereno. Não se falava jamais de calor. Aprendia-se a viver de outra forma na casa, a manter as persianas fechadas no restante da noite, a abri-las sob o erguer de um vento, a viver nas correntes de ar, desconfiando delas. Nas ruas, era preciso conhecer a sombra e o mapa dos ventos frescos. Somente os camponeses e os turistas transpiravam como carrascos diante das altas vitrines. Nenhuma palavra de calor como para negar o calor.

O calor entregava o negrinho aos mosquitos da noite: ele não podia se cobrir. Sob pena de arranhões e de insônias exangues, devia ceifá-los no voo, com uma mão rápida como a sombra de uma cobra amarela. Informado da menor aterrissagem sobre a pele, um sentido especial, desenvolvido à força, desencadeava tapas fatais para os insetos, dolorosos para ele mesmo, mas que vingavam bem os zumbidos maliciosos no vazio de sua orelha. Era preciso saber esperar tanto quanto o mosquito, o esperar-vir, o ouvir-vir, calcular sua vinda, depois agarrar a escuridão e o frêmito de uma asa. Às vezes, eles eram vinte-e-doze mil. O negrinho se refugiava então sob o lençol, uma sauna familiar aos infernos e inútil: alguns mosquitos bem equipados transpassavam o tecido fino. Quando soube que os mosquitos se assustam com o vento, recortou uma série de cartões com as caixas de sapatos italianos e, desde o cair da noite, abanava-se sem descanso, simplesmente agitando o ar. Os minúsculos vampiros mantinham distância, traídos por sua própria leveza. Bela vitória, mas ele deveria aprender a

dormir enquanto continuava a se abanar. É possível que tenha conseguido, mas ninguém nunca testemunhou.

O que domina é a impaciência. Uma impaciência soberana ligada à expectativa de não se sabe qual conclusão, qual emergência particular capaz de oferecer uma significação ao que ele é, a essa impotência na qual se encontra, impotência em relação aos adultos, impotência em relação aos mistérios do mundo, vasta impotência com relação a si mesmo, que evita pela projeção de uma indolência de criança. Fica contente por ver passar os dias, e as horas nunca se escoam tão rápido. O sol do amanhecer é uma imensa promessa, e a noite, sempre recusada, deve vencer-lhe a pálpebra. Ela se torna, então, mais pesada do que o mundo, receosa da luz, empoeirada, agitada. Não há mais nada a fazer senão deixar-se dissolver nas preces obrigatórias à Virgem e nos sonhos sem lembranças. Ele cai rapidamente e é invencível. Sua energia se reduz às vezes em imobilidades com as quais o bando de crianças está acostumado. Alguma coisa que não negocia com o tempo, nem com um sentimento, mas uma espécie de interrupção em si mesmo, de expectativa muda, onde o sonho sem pensamento se instala e onde o cérebro se torna uma folhagem exposta ao vento, cheia de agitações de passarinhos. O negrinho melancólico conhece, então, o mundo e questiona silenciosamente sua vida (isso é, creio eu, a inexprimível inquietude da infância; mas é possível também que tenham sido simples horas de estupor ligadas à idiotice da qual suspeitam alguns outros negrinhos, seus bons e velhos inimigos íntimos).

O lugar de suas imobilizações foi o telhado das cozinhas. A casa possuía um quintal interior, estreito e profundo, que contornava a parte posterior da casa. Nesse quintal, as famílias compartilhavam, para as lavagens de roupa, duas ou três bacias. Em frente, junto ao muro, estavam as cozinhas: pequenas peças de madeira do Norte, cobertas de telhas, cimentadas no chão, comportando cada qual um fogão a carvão no qual se era obrigado a cozinhar a comida. Essa divisão da cozinha e da habitação, muito da cultura crioula, visava proteger a cabana dos incêndios. O negrinho não conheceu essa época em que as mães cozinhavam lado a lado nas peças, separadas por paredes de madeira. Não conheceu as cerimônias de acendimento do carvão ou de manutenção de uma brasa eterna. Não conheceu os *canaris*⁷² de sopas inesgotáveis, complementadas ao bom grado do valor de uma moeda, de um osso de boi, de

⁷² (var. *kanari*) Panela, caldeirão.

um tutano, de uma grande quantidade de legumes. Essas sopas se transformaram, com o tempo, em um manguezal de sabores, capaz de alimentar as energias de todo o mundo (mundo com dentes ou mundo sem dentes). Ele imagina o vapor temperado agitando essas peças onde as mãos colocavam seus talentos culinários. Elas rivalizavam em audácias a fim de perfumar as salmouras do peixe, fazer elevar cheirosas frituras, melhor transmitir ao universo que havia, do seu lado, naquele dia, não um miserável molho de bacalhau, mas uma fatia de carne-de-boi. Ele supõe que, no mais, elas cantavam, ou dialogavam através das paredes justamente antes de levar seu tacho pela escada rangendo, em direção a uma criança faminta por causa da escola, e em direção aos homens atarefados com seus ponches em companhia do bêbado do meio-dia, especialistas nessa visita exata.

Na utilização das cozinhas exteriores, os riscos eram numerosos, revela a alta confidente. Perdiam-se as pimentas. Uma fulana que precisava de óleo se servia aí bem generosamente. Perder um pedaço de carne não era raro se alguma urgência te afastava de lá. Os ladrões eram gatos ou outras existências mais ou menos próximas da humanidade. Eram amaldiçoados em tagarelices infantis propagadas durante meses, acusando sem jamais nomeá-los, de semelhanças com tal e tal vizinha, pois é certeza que *o negro permanecerá sempre o negro e que – caluniada? – negras e cachorros estão prontos a te passar a perna...*

Quando o negrinho chegou, as cozinhas estavam mortas. Serviam de abrigo de coisas cuja utilidade não emergia senão na urgência das adversidades. Algumas famílias as utilizavam como sala de banho. Os Grandes passavam ali horas ensaboadas e cantantes. Mãe Ninotte foi, ao que parece, a primeira a transformar sua cozinha em galinheiro. Isso se produziu certamente na ocasião da visita de uma comadre da roça que efetuava sua ronda anual na cidade. Esta última descarregara nas suas roupas amido, carregado segundo os ritos de ervas-para-todos-os-males, inhames e, sem dúvida, dois pintinhos recolhidos na floresta. Mãe Ninotte colocara esses pintinhos na cozinha, alimentara-os com milho e com um farelo de pão de especiarias. Uma vez os pintinhos crescidos, deveria fazer um domingo de banquete, em torno do vermute dos batismos e de um buquê de flores frescas perfumando a casa. Deveríamos encontrá-la bem doce e, desde o amanhecer da segunda-feira, Mãe Ninotte tinha quer ir atrás de dois outros pintinhos.

Outra versão da gênese dos galinheiros é possível. Mãe Ninotte, pessoa do campo, à vista do espaço deixado livre, devia ter visto aí o mesmo que toda camponesa situada nas exigências de uma sobrevivência urbana teria visto: seja uma horta, seja um galinheiro. Com o local cimentado, a ideia do galinheiro devia ter-se imposto. O Papai deve ter assinalado em vão: “Querida Gros-Kato⁷³, isso é bem razoável em pleno coração de uma metrópole urbana?” Mas Mãe Ninotte, cuja vontade levantava um ciclone, devia ter ido ao Lamentin um domingo de manhã para ir pegar alguns pintinhos de savana que perambulavam por lá. De tal modo que, ao chegar o negrinho, numerosas galinhas já cacarejavam nas antigas cozinhas. As outras famílias fizeram o mesmo, mas somente ao sabor das circunstâncias. Mãe Ninotte possuiu um galinheiro permanente que nunca alojou menos de dois galos e de seis ou sete galinhas. Essa é a razão pela qual os ratos se tornaram insuportáveis.

Fort-de-France, naquele tempo, não havia declarado guerra aos ratos. Estes últimos povoavam com os caranguejos o canal Levassor, as calçadas esburacadas e os canais nos lugares bem cobertos. Eles frequentavam as sarjetas. Percorriam a cidade de maneira subterrânea. Emergiam nas sujeiras noturnas e no passeio insone dos poetas lunares. Na escada da casa enxameava uma colônia. Absorvido por suas aranhas, *ravets*, libélulas, o negrinho não percebeu isso imediatamente. Alguns guinchos de cá, de lá. Uma sombra furtiva no canal próximo às bacias... Por ocasião de uma de suas imobilizações sobre o telhado das cozinhas, ele descobriu o fabuloso espetáculo. Eis como.

Por volta das treze horas, Fort-de-France caía em letargia, menos transeuntes, menos buzinas. Os camponeses se refugiavam nas sombras para comer. Os sírios baixavam suas portas de ferro. A poeira desse deserto se colocava em acrobacia. Atrás da casa, sobre o telhado das cozinhas, uma sombra oferecia o frescor de seu abrigo ao negrinho. Nos sábados à tarde, o entorpecimento aumentava. Certas famílias iam ao campo, a missas, a catecismos ou a outros negócios. Finalmente, a casa rangia sob o peso do silêncio, e o negrinho se imobilizava à vontade. Então, num dia como esse, bum!... um guincho o tirou de seu vazio interior para atirá-lo em direção à borda do telhado. No quintal, viu então os ratos. Cinco ou seis, sim, batedores à procura de migalhas, escaladores de bacias, andadores em equilíbrio sobre a borda dos baldes, desaparecedores nas cozinhas que reapareciam em seguida. Havia os muito novos

⁷³ Gros-Kato, nome crioulo que designa a estrela polar (N. do A.).

e os muito velhos. Outros, receosos, não emergiam da parte coberta do canal senão em pulos para abocanhar algo de comer. O negrinho acreditou operar a descoberta de uma vida obscura que duplicava a vida humana da casa. Isso já era – ele ignorava naquele momento – a preocupação dos adultos. Esta lhe será evidente apenas com a aparição das galinhas-poedeiras de Mãe Ninotte, das quais eles transportavam os ovos com uma engenhosidade jamais vista. Na ausência dos ovos, os ratos degolavam os pintinhos, reduzindo-os a vinte-doze-seis. Os massacres eram descobertos ao amanhecer, antes da chegada da água, e Mãe Ninotte lançava a mais suja das maldições matinais. Os pintinhos eram devorados pela metade, e certas galinhas se viam feridas por esses animaizinhos de dentes cortantes. Espalhavam-se venenos em pequenos sachês rosas que os reduziam a três ou quatro, depois se tornavam ineficazes. As ratoeiras (ensaboadas, aspergidas com cresol, perfumadas com carne fresca) não atraíam nenhum rato a partir do segundo uso. Então o combate perdia o fôlego, a própria colônia, atingida, fazia-se esquecer, e, até o próximo massacre de pintinhos e o halali soado por Mãe Ninotte, batíamos-a-miséria de uma escada agitando-se com uma invisível ratalhada.

Percebendo essas criaturas, o negrinho arquitetou um de seus planos de extermínio de que tinha o entendimento. Ele teria sido bem incapaz de explicar a razão disso. Sua descoberta do mundo provocava primeiramente esse reflexo de destruir, talvez tranquilizante. Havia entre os ratos um mais velho do que os outros, mais lento, mais desconfiado, porém mais poderoso e mais hábil. Seu aparecimento a descoberto se operava em condições de segurança ideais, sobre o escrínio de um puro silêncio. A casa não se movia mais nas suas pranchas, e Fort-de-France, apática, rendia-se às poeiras. A aparição do velho rato, arriscando sua sombra sob o calcanhar vertical do sol, assinalava o objetivo como valendo a pena. Parecia um pão maciço, pelado, costurado por cicatrizes, havia perdido uma orelha, um pedaço da cauda e, sem dúvida, alguma coisa que fazia com que ele não fosse somente um rato. Terrificante de tanta experiência, seu coração não pulava ao menor vento, mas sua orelha fina, seu olho pontudo, engendravam desaparecimentos instantâneos. Funcionava sem hábitos, não passava jamais pelo mesmo lugar e nunca se isolava da mesma maneira. Foi ele que o negrinho (vamos saber...!) escolheu como primeira vítima.

Uma estranha relação nasceria então. Devia durar um tempo indeterminado, extinguir-se sem jamais terminar. O negrinho procurou um barbante, elaborou um nó corrediço colocado no

quintal. Em seu centro, fixou um pedaço de salame. Fixado o nó, o barbante na mão fechada, pôs-se à espreita sobre o telhado. A ideia era prender no laço o velho rato muito vicioso. O animal não devia gostar de salame ou, então, os dias de laço o projetavam numa melancolia estratégica, e ele aproveitava para permanecer no seu buraco, ocupado em filosofar sobre qualquer rataria sombria. O que quer que seja, nunca se apresentava. Outro, mais jovem, mais imbecil, sempre se aventurava no nó corrediço e estendia o dente em direção ao salame. O negrinho puxava com todas as suas forças. Devia puxar trocentas vezes antes de admitir a impossibilidade de prender um rato no laço-com-salame. O nó estrangulava a si mesmo e o negrinho recolocava, impaciente, um barbante oscilante. Recorreu então a uma bacia com uma pedra para aumentar-lhe o peso. Um graveto ligado a um fio invisível o mantinha no ar. Supunha-se que o velho rato (ele nunca veio) penetraria aí a fim de recuperar a isca. Aqueles que vieram fugiram com o salame, como que advertidos dos gestos do armador. Outras vezes, mais raras, fugiam com a goela vazia. Depois, nenhum retornava. Houve a cabaça inflamada, o vidro infernal, a cola imperdoável, o elástico flecheiro, o facão-guilhotina, o xarope envenenado, o espantossíssimo formão maldito... Desse lote de pequenas crueldades, o negrinho nunca conseguiu extrair o menor despojo das armadilhas. Soube demasiado tarde que era preciso suprimir seu cheiro das armadilhas, nunca reutilizar uma isca, evitar a prenda duvidosa colocada muito ao alcance dos dentes. Levou algum tempo para compreender que, de fato, os ratos eram inteligentes.

O velho rato o havia descoberto. Dirigira-lhe um olhar furtivo, erguido sobre a borda da bacia, e continuara sua busca. Duas bolas de gude inumanas, de um negro cego, serviam-lhe de olhos. O negrinho sentiu seu anjo da guarda deslocado. Elas o haviam examinado superficialmente durante pouquíssimos segundos, e, de certa maneira, o desprezado. Depois disso, o velho rato nunca lhe dirigiu outro olhar, embora soubesse que ele estava à espreita. Mudou seus trajetos e permaneceu sempre longe da verticalidade do telhado onde o negrinho – mudando de método, pretendendo ser seletivo – postado com uma enorme pedra na mão, bem acima de uma isca fixada no chão, esperava esmagar os rins do Afilado.

Era preciso horas de espreita, a pedra sustentada com grande esforço acima do vazio. Ele, estendido sobre o telhado, vigiava apenas com um olho, invocando o silêncio, respirando a calma, tornando-se ferrugem a fim de se fundir ao telhado, e suplicando uma aproximação do

velho rato, e abandonando os outros em vias de mordiscar a isca. Então, próximo do fim, seus braços adormecidos largavam uma pedra vingadora sobre loucos atrasados. Estes impetuosos evitavam o esmagamento por meio dos pulos cada vez mais fáceis. No balanço de suas perdas sob a pedra demasiadamente lenta, não concediam nunca senão um pedacinho de cauda, um tufo de pelos. Em torno desses miseráveis troféus, o negrinho organizou cerimônias pagãs. O homem as encerra hoje em algum lugar nas suas sombras.

O velho rato às vezes desaparecia. Não se via mais ele durante várias semanas. O negrinho o supunha morto de velhice em algum lugar. Imaginava, situados no coração mesmo dos pilares de madeira densa, cemitérios secretos alimentados por noturnas transumâncias. Imaginava as ruas de Fort-de-France cobertas por esses ratos extenuados que sabiam driblar os venenos e que, de repente, movidos por obscuras exigências, viajavam em direção a uma sepultura a ser cavada com o último dente. Imaginava o balanço de seu velho rato isolado pela velhice: tanta inteligência, artimanhas, prudência, tanto engenho para uma derrelição impura que não tinha como endereço senão a morte e o esquecimento. O negrinho organizava-lhe então funerais em cima de carrinhos; uma caixa de fósforos figurava o caixão; o cortejo ladeava o corredor, informava os bichinhos das quinas, prendia-se em uma liturgia determinada por ele mesmo em uma linguagem de rato. O enterro desfazia essa cerimônia em algum buraco da parede, perto da escada, lá onde um tijolo traído pelo revestimento denunciava seu vermelho ao prego fossador. Depois o negrinho voltava melancólico, lamentando a ausência de seu velho amigo, até que o viu reaparecer. Então, antes de se alegrar, precipitou-se em direção a qualquer atrocidade capaz de aniquilá-lo dessa vez.

Ele o viu envelhecer. Isso não era nada: uma rigidez nas costas, uma deformação na silhueta, o arrepio contínuo de uma orelha. Foi assustador vê-lo, atrasado diante de um perigo, reagir às vezes com um pouquinho de lentidão. Surpreendeu-o mordiscando coisas que antes desdenhava e permanecendo muitíssimas vezes imóvel pelo efeito de senis ausências. Via-o desfazer-se. Isso não era nada: um sentimento de piedade que aumentou em vê-lo. Não mais o desejo de matá-lo, mas o horror de uma comisseração benevolente. O negrinho teve muitas vezes a impressão de que, ao descer do telhado, o Afilado o esperava e que poderia tocá-lo.

Um dia, o Velho mancou em direção à isca, embaixo da pedra que o negrinho brandia ainda por hábito do alto de sua espreita. Avançou com uma espécie de confiança cega, ou miserável, ou ausente, alguma coisa revelando suicídio ou a certeza de que não arriscava mais nada. Suas forças declinantes não lhe permitiam mais do que um lamentável lucro. Fixou-se sobre a armadilha e pôs-se a mastigar lentamente como um *ravet* de igreja no momento da hóstia. A pedra não lhe esmagou o crânio: tornara-se a chave da abóboda de uma catedral de piedade na criança que chorava.

Oh, memória seletiva. Você não se lembra mais do desaparecimento dele. Em quais sótãos você guardou sua morte? Você o viu boiando de barriga para cima na bacia do quintal, ou guarda vestígio de seu corpo encarquilhado num degrau de escada? Tem lembrança dele surgindo em pleno dia, o cérebro naufragado sem bússola, atordoado pela vassoura das mães? É, sem dúvida, possível que nunca tenha morrido, que mudou de casa ao sabor de uma aventura. Não o vejo morto, abandonando-se ao curso imundo de um canal. Acampou talvez entre dois sonhos, e permanece lá, mumificado numa insônia que se tornou eterna. Memória, está aí minha decisão.

Não há data precisa, nem época do abandono dos ratos. Não há ruptura ou desinteresse, mas o avanço progressivo no não-espanto, uma cumplicidade muda, sem familiaridade e sem um grão de simpatia. Os ratos integraram a ordem das possibilidades do mundo, o mais velho dentre eles servindo de estandarte – e de desvios à norma. Do negrinho, eles mudaram a natureza. Sob o assassino, desenhou-se aquele que hoje é incapaz do menor mal à mais detestável das moscas esverdeadas. Essa pieguice devia, aliás, complicar a vida de Mãe Ninotte: ela teve, daí por diante, dificuldade para matar suas galinhas, seus coelhos de olhos rosados, mas sobretudo seus porcos.

Depois dos pintinhos, Mãe Ninotte lançou-se num negócio de porcos. Trazido por acaso, um porquinho apareceu na antiga cozinha transformada em galinheiro. Ele teve que coabitar com as galinhas antes que Mãe Ninotte concedesse à sua espécie o local inteiro. Eram porquinhos-lâminas⁷⁴ que se engordava durante todo o ano segundo as filosofias do campo. Eram

⁷⁴ (orig. *cochon-planch*; cr. *kochon-planch*) Porco crioulo de pelo preto e flancos muito lisos. Recebe esse nome por ser de pequena estatura e ter o corpo delgado.

destinados aos banquetes de Natal, tempos-cantados⁷⁵ de chouriços, costeletas, massas, guisados e coxas de carneiro. Eram alimentados com restos, com bananas verdes, com palavras inúteis, com nomes de batismo, recolham as cascas das frutas de estação, e as crianças lhes prodigalizavam uma benevolente ternura. Alguns se viram perfumados, empetecados com chapéus, colares, rendas. Outros conheceram dias inteiros de um prazer coçado nas costelas e no ventre. Algumas vezes, escapavam da cozinha transformada em chiqueiro, e se precipitavam à rua, perseguidos por nossa matilha e pela passada corajosa de Mãe Ninotte. Eram recuperados em menos de uma hora com a ajuda de um negro hábil ou de uma comadre capaz de imobilizar os porcos com uma única palavra antiga gritada. A coisa era habitual: nesses tempos, Fort-de-France abrigava o campo, havia nas ruas burros, cavalos, bois de Porto Rico no caminho em direção ao abatedouro, patos voando sem cabeça, galinhas dispersas, cabritos em falta para um sacrifício indiano, pássaros não selvagens e cachorros errantes debaixo de suas cicatrizes. Todos sabiam, portanto, deter um porco. O único receio de Mãe Ninotte na corrida atrás do seu era que este lhe fosse roubado, mas, ao escrever, tenho de repente lembrança de que nada naquela época era roubado. Cada um sabia do coeficiente de sobrevivência oferecido a famílias inteiras pelo menor porco. Um porco em fuga ganhava um respeito unânime. E se Mãe Ninotte se inquietava, era sem dúvida por uma extinção desse capital debaixo de um pneu de carro, comprometendo assim o Natal que estava por vir. Tenho lembrança dos porcos, chamavam-se Camundongo, Matador, Tio-Tio, Héliazord, Mestre Popol, Boudin-rivière, eles nos amavam com olhos e comportamentos humanos. As fugas eram corridas rituais onde se exaltavam, uma única vez no ano, suas vidas reclusas de condenados à morte.

Havia anos difíceis. Apesar de toda a comida distribuída, o porco-lâmina permanecia espesso como a sombra de um fio-de-crina. Mãe Ninotte aumentava as doses com leite de vaca, depois consultava em desespero de causa as especialistas do campo que vieram fazer comércio no mercado. Examinavam os olhos do animal, a espessura de seu pelo, a cor de sua língua. Faziam considerações sobre os diâmetros de seus dejetos, e isso terminava sempre por uma acusação, em regra, contra os vermes. O porco passava então seus dias a engolir tufos de ervas amareladas que desatavam as tripas, flores de limpezas. Mãe Ninotte misturava à

⁷⁵ Nas Antilhas, desde os primeiros dias de dezembro, as famílias e os amigos se reúnem todas as noites para esperar o Natal, cantar canções natalinas (cr. *chanté Nwel*), geralmente acompanhadas de tambores, e comer bem.

comida de um dia de lua óleos raros concentrados em cabaças de feiticeiras. O porco expulsava, então, uma parte de sua alma, a maior parte de suas lembranças, humores malsãos e vermes invisíveis. Mas (isso era o essencial) ficava melhor, era obrigado a ficar melhor, isto é, a conservar em torno de seus flancos uma primeira gordura, depois uma segunda, sem contar que sua carne tomava uma densidade que Mãe Ninotte apalpava a cada dia para antecipar a felicidade de seu próximo Natal.

Outras vezes, o porco degenerava, apesar das atenções. O diagnóstico era claro: haviam-no amarrado a um velho feitiço, um poder desses negros invejosos de adquiri-lo dos outros. Naqueles tempos os sofrimentos tinham uma origem, nada permanecia inexplicado, salvo, talvez, a felicidade, porém esta era tão rara. Entre a mão de Deus, as intervenções da Santa Virgem, as incursões de uma infinidade de santos padroeiros, e os feitiços-enviados por uma porção de invejosos, não restava no mundo nenhuma infelicidade da qual não se pudesse tirar as amarras com muitas preces ou algum banho de folhas salutares – e isso era bem cômodo. Banhava-se, portanto, o porco e, sobre ele, recitava-se. Os banhos eram dados por Mãe Ninotte, mas as recitações eram soletradas por algum negro-velho⁷⁶ vindo de longe e do caminho do qual as crianças eram afastadas. O homem tinha uma voz doce e gestos de certeza, alguma coisa que tranquilizava e inquietava ao mesmo tempo, e por meio da qual o porco ganhava gordura boa. Mas esses anos de porcos-magros não eram tão numerosos quanto as pedrinhas nos caminhos, e se tornavam raros quando o cometa passava.

O negrinho não se apegava de maneira idêntica aos porcos. Eles eram diferentes. Alguns se revelavam mais atraentes do que outros, mais ativos, mais espertos, mais suscetíveis de afeição. Em nossa memória comum, irmãos, há o Matador. Chegado num tinido de ossos, transformou-se em uma espécie de monstro encantado que ria do mundo com olhos de velho. Deu a impressão de se alimentar sete vezes da menor lasquinha. Adorava chocolate, sabonetes, cafunés, cantos em crioulo, acolhia seus visitantes com meneios de cabeça, e ladeava uma orelha atenta em direção ao som de nossas vozes. Sua fuga na cidade foi uma das mais terríveis, pois seu peso o tornava uma pedra rolante. O negro hábil do dia, procurando detê-lo, viu-se remetido ao fio de um poste elétrico. Os outros, suspensos em seu pelo, foram conduzidos pelas valetas como presos pelo colete em um motor de avião. Quando Mãe

⁷⁶ (orig. *vieux-nègre*; cr. *vié neg*) Indivíduo de classe social baixa, de pouca ou nenhuma instrução, que não fala francês, somente crioulo.

Ninotte, seguida de sua criançada, chegava à altura deles, os sinistrados lhe perguntavam: *Mas diga, madame, que sétima espécie de qualidade de bicho é essa aí, por favor?* Outros, lançando espadas ao ar, erguiam requisição: *Esse é um perigo público número trinta e três (idade da morte do Cristo), esse é um semeador de dodóis, um levantador de fígado, um esfolador de piã, um picador de dor de dente, um esmagador de calos, um arranque de reumatismos, um sujador, e, permita, fulana de tal, uma espécie mal-educada de bicho isalope*⁷⁷... Matador foi recolhido nos arredores da Ponte Simon, em frente aos entrepostos dos *békés*⁷⁸, onde se demorou para aspirar sem modos os eflúvios deliciosos de um barril-de-carne-salgadas.

O cachorro vestido de homem era o assassino, chamado Marcel, que parecia não existir senão com a aproximação do Natal, quando se tornava degolador de porcos. Estávamos de tal forma apegados a Matador que o sujeito foi recebido com gritos de ódio. Ele, que nunca tirava seu chapéu, levantou-o para coçar uma lembrança de cabelos. Não havia trazido seu material, vinha como todo ano se informar dos preços, da hora e do momento, e se a cada ano isso não era fácil, o ano do Matador foi, para ele, penoso. Desde a chegada de dezembro, Mãe Ninotte vira desfilar em suas pernas delegações choramingueiras implorando uma graça. Ao que respondia com uma raiva fingida (e desesperada, pois amava Matador tanto quanto nós) *Ti-anmay soti en zèb mwen*, criançada, saia dos meus pés... Conservar um porco lhe era impossível, impensável, nós compreendemos bem mais tarde, uma vez decodificadas as tábuas da sobrevivência na cidade. Pressentindo para Matador uma dificuldade extraordinária, ela não havia deixado transparecer nenhum preparativo. Não havíamos visto comprar nem a pimenta, nem as réstias de cebolas, nem o sal grosso, nem o maço de especiarias anunciando o sábado funesto do porco engordado. O único *tiak*⁷⁹ foi Marcel.

Apresentou-se de dia com sua camisa branca das visitas, abaixo do chapéu de camuflagem de um cabelo desaparecido. Como de hábito, gritou desde o primeiro degrau da escada: *Então, Mãe Ninotte, o porco rendeu bem este ano?* Ao que somente nossa horda respondeu. E um pouco mal. Era uma época em que a língua crioula possuía recurso na função de injuriar. Ela nos fascinava, como a todas as crianças da região, por sua aptidão em contestar (em duas três

⁷⁷ (var. *isalop*, *isenbot*) Sujo, asqueroso.

⁷⁸ (var. *bétjé*) Brancos nascidos nas Antilhas francesas, descendentes diretos dos europeus.

⁷⁹ (var. *tyak*) Problema, aborrecimento.

palavras, uma onomatopeia, um barulho de sucção, doze rajadas sobre a mãe e os órgãos genitais) a ordem francesa reinando na palavra. Era como que endurecida em torno do indizível, lá onde as conveniências perderam pé nos manguezais do sentimento. Com ela, existíamos raivosamente, agressivamente, de maneira iconoclasta e desviada. Havia um quilombolismo na língua. As crianças possuíam uma intuição prazerosa e a palmilhavam em segredo, colocando seu ser diante dos adultos, na matriz particular dessa língua sufocada. Isso porque, malgrado (e sobretudo graças a) essa situação de dominada, a língua crioula é um belo espaço para as frustrações infantis, e possui um impacto subterrâneo de estruturação psíquica inacessível às elevações estabelecidas da língua francesa. Não sei se Marcel experimentou dessa virtude, em todo caso devia compreender a fundo o que lhe dizíamos. Foi nos observando como a uma irrupção de zumbis que ele foi se refugiar junto a Mãe Ninotte. Nós o vimos, de longe, fazer um acordo em torno do ponche. Foi terrível. Partiu novamente no silêncio mortal imposto pela presença de Mãe Ninotte ao seu lado. Mas deve ter sentido nosso ódio nas curvaturas, nos movimentos dos olhos, nos franzimentos desdenhosos dos lábios, nos olhares de desprezo, todo esse escarro gesticulado que a língua crioula transporta em suas orações mudas.

Chorar não era uma lágrima, mas uma lavragem do corpo pela relha do soluço. Não eram duas lágrimas, mas um coração afogado, flutuando enormemente no peito.

Começou uma longa espera, ó irmãos, a mais terrível, creio eu, de nossas infâncias comuns. Dezembro estava lá, seus ventos, suas correntes de frio, nariz inchado, estômagos embrulhados, tosses renitentes e velhas gripes. As noites carregavam cheia de cores e os dias colocam sua tez sobre luzes cambiantes, dos sóis brandos, das chuvas arremessadas muitas vezes de luminosas nuvens. Permanecíamos vigilantes. Contávamos as facas, as bacias, mas Mãe Ninotte não parecia preparar senão um Natal sem porco. Ocupava-se das cascas de laranja de seu *schrubb*⁸⁰. Acariciava seu presunto salgado, suas carnes em conserva, suas outras guloseimas acumuladas no armário, aguardando os dias de alegria. Não a ouvimos prometer a ninguém a menor costeleta, e ninguém lhe transmitiu uma palavrinha de uma senhora do lado inquieta, acostumada a um quilo não muito gordo. Nada. O Natal se aproximava, rico em seus cânticos noturnos entoados no rádio e repercutidos entre nós na

⁸⁰ (var. *shrub*) Licor à base de casca de laranja ou tangerina macerada no rum.

assembleia da escada. Somente Matador pressentiu seu destino. Ele poderia ter nos informado se soubéssemos ler nos seus olhos, decodificar seus grunhidos, compreender seu langor conectado à obscura presciência da fatalidade.

Marcel deve ter trabalhado em plena noite, e se preparou para estar longe quando acordamos, não nos deixando de Matador senão uma massa esbranquiçada, sanguinolenta, que Mãe Ninotte cortava com facão e repartia em papel jornal para oferecer às famílias da casa, ao médico que nos tratava, ao farmacêutico que lhe concedia os medicamentos, aos sírios que a livravam de apuros. O resto voltava para ela mesma, em carnes salgadas, coxas, costeletas, cabeça-de-porco, chouriço, que não tínhamos nem o paladar nem o coração para comer. Falo de um Natal, se não amargo, ao menos muito sóbrio.

Memória, vejo o seu jogo: você finca raiz e se estrutura na imaginação, e esta última não floresce senão com você.

Nenhuma lembrança de outro porco-lâmina em sucessão a Matador. O sofrimento é uma vacina severa. Deve ter nos preparado para não nos afeiçoarmos aos porcos de Natal. Os outros passaram, sem dúvida, numa relativa indiferença, um pouco como o rum deixa indiferente a garganta já queimada. Do tempo dos porcos só subsiste o Natal, nada de religioso, mas uma vida bem mais generosa, distribuidora, para nós, de um pouco de tolerância. Podia-se gritar, cantar, comer toneladas de doces, deitar-se tarde, reclamar dos contos. O corredor que ligava as famílias permanecia povoado até o mais escuro da noite. As mães recebiam visitas, e preparavam preparavam preparavam os rega-bofes do dia seguinte. O ar tirava seus enfeites do fundo dos fornos de bolos, do vapor dos fricassês, da rolha porosa dos licores agradáveis que se instilava sob grossos cubos de gelo. Mãe Ninotte tinha outra energia. Para ela, como para as outras negras em combate de sobrevivência, o ano que acabava havia sido vencido, sua porção de misérias bem derrotada. Podiam-se amontoar os destroços com as poeiras da casa e jogá-los juntos a fim de deixar espaço às esperanças refrescadas. Essa época encerra um tempo cerimonial: a preparação do presépio.

Num tempo desconhecido pelo negrinho, Anastácia, a Baronesa, a maior das duas irmãs, havia sofrido da ausência de presépio. Mãe Ninotte e o Papai não dispunham de um suficiente

ao porta-níqueis para montar como todo mundo, no meio da sala, a caverna iluminada do Salvador. Anastácia reclamava, pois, seu presépio com muitas lágrimas. Mãe Ninotte, comovida, atenuou essa tristeza. Ensinou à criança a modelagem da cera de vela. Anastácia lançou-se aí com uma arte e uma paciência das quais a necessidade só detém segredo da origem. Modelou, na vela fundida, seu burro, seu boi, sua Virgem Maria, seu José, seus pastores, seus Reis Magos, sua estrela e, claro, seu bebê Salvador. Desenhou com pincel carbonado olhos e orelhas, sorrisos e sentimentos, estilos e comportamentos. Colocou tudo sobre um capim seco, e amassou em torno uma hieroglífica caverna com um papel jornal. Ela possuía seu presépio. Para terminá-lo, acrescentou-lhe duas velas acesas do mais belo efeito, mas da mais desastrosa consequência. Os pastores se observam escorrer. O burro e o boi se desfiguraram. A Virgem Maria mesclou-se a José, ele mesmo engolido pelos Reis Magos. Muito rápido, o presépio foi aniquilado em um *fondue* acinzentado sobre o qual Anastácia derramou a mais terrível das aflições infantis. Esta foi, em seguida, de tal modo evocada que o homem de hoje conserva disso uma dor remanescente. Então Mãe Ninotte, com o coração abatido, conseguiu o impossível. Encontrou um soldo-escondido em algum canto de previdência e comprou-lhe duas figuras de barro. Todo ano, ou todo dia, ou toda semana, em todo caso ao ritmo das calmarias de seu porta-níqueis, comprou-lhe, daí em diante, figuras de barro. Anastácia, desde seu primeiro centavo de professora primária, comprou várias. Na espera da Natividade, os personagens envolvidos cada qual em papel jornal iam se amontoar numa caixa de batatas. De modo que, a cada Natal, o negrinho foi convidado para a abertura desse santuário.

Anastácia tirava o pó da caixa com uma lentidão calculada, o olho supostamente severo retorcido sobre a ronda estabelecida em torno dela, os menores em frente, os maiores por trás. Paul, o músico, esquecia seu violão, Marielle abandonava sua cama e seus preciosos pertences, Jojo conservava assim mesmo de sua mixórdia um pedaço de papel, um pedacinho de lápis, de maneira a não errar a fórmula que devia surgir inopinada de seus devaneios com Algarismos. Aberta a caixa, a sacerdotisa desembalava uma a uma as bolas informes de seu tesouro. Cada personagem desaparecia debaixo de um maço de papel. Era impossível a qualquer um adivinhar qual deles Anastácia extraía de seu invólucro. E o surgimento de cada personagem era um êxtase, aquele de um nascimento, de um renascimento, repercutido ao longo dos anos, com a mesma regularidade, o mesmo embargo do coração, a mesma

felicidade. Havia tantos que, uma vez surgidos os personagens oficiais, vinha então um povo de anônimos pastores ou de indefiníveis pessoas que nos é preciso nomear e fazer existir. No presépio de Anastácia se espalhou, portanto, um populacho que o pároco da catedral tivera certa angústia em benzer:

filomena-pés-grandes,
 zizines-ladrões-de-galinhas,
*koulis-coulirous*⁸¹,
 chineses-grãos-de-arroz,
 comerciantes-de-peixes-fritos,
 plantadores-de-*dachines*⁸²,
 cortadores-de-sementes-olho-de-boi,
*dorlis*⁸³,
*kalazaza*⁸⁴,
chabins de-pelo-verdadeiro,
*diablesses*⁸⁵ de salto,
 chupadores-de-*souskay*⁸⁶,
*doussineurs*⁸⁷
 indivíduos inchados com cabeça de *manicou*⁸⁸,
 gigolôs magros com olhos redondos de burro,
 nádegas sobre pernas muito pequenas,
 pessoas com piã e com bicho-de-pé em cercas,

e outras cambadas que minha imaginação não teve mais audácia suficiente para expor. E todos estavam ali por razões que terminaram por se perder e que, nas nossas cabeças ímpias,

⁸¹ (do ing. *coolee*; sin. *zendien*; *zendyen*) Pessoas de origem indiana. *Coulirou* é um peixe semelhante à cavala e à sarda.

⁸² (var. *dachin*) Couve da China.

⁸³ (var. *dowlis*) Íncubo, demônio masculino da mitologia crioula.

⁸⁴ (var. *chaben-kalazaza*) Tipo de *chabin* ou mestiço de negro e branco, de pele muito branca e cabelos loiros ou ruivos.

⁸⁵ (var. *djables*, *ladjables*) Personagem da mitologia crioula representada por uma mulher branca de cabelos compridos, que possui um pé de burro e um pé de cavalo.

⁸⁶ (var. *souskai*) Prato crioulo composto por finas fatias de manga ainda verde temperadas com pimenta, sal e azeite.

⁸⁷ (var. *dousinè*, *dousinèw*, *doucineur*) Pândego, hedonista.

⁸⁸ (var. *mannikou*) Marsupial das Antilhas.

transformaram-se, sem dúvida, em *zouc*⁸⁹, patuscada e bacanaís diversos dos quais o país tem muita variedade.

Anastácia possuía a arte do presépio. Ela comprava um papel especial à guisa de pedra, que espalhava sabiamente amassado sobre uma parede da sala. No centro, na abertura iluminada, as figuras estabeleciam sua cena imutável, mas de tal modo carregada de histórias que passávamos horas a escrutá-la. Os personagens, no exterior, povoavam as escarpas rochosas que Anastácia cobria de neve, de pinheiros, de bolas, de estrelas, de coisas brilhantes e de luzes piscantes. Terminamos por dispor do mais belo presépio do centro da cidade. Era o sonho na casa, uma estranheza próxima, no entanto, que reinterpretávamos para dar-lhe sentido. Que mistério essa neve que não era mais neve, mas poeira cósmica da festa, esperança, felicidade! Que curiosidade esses pinheiros que não eram mais pinheiros, mas pés de magia! Que poder essas luzes palpitantes tão propícias aos deslumbramentos! O negrinho se enfiava no mundo do presépio com uma felicidade até aqui sem igual. Nunca percebeu que todos esses personagens eram brancos, ainda que um dos Reis Magos lhe parecesse um pouco mais misterioso. Havia diante dele uma quebra da ordem racional instaurada pelos adultos, um pouco de sonho concretizado, uma maravilha oficial na qual ele podia se perder sem experimentar o sentimento de ser ainda inacabado. A revanche que Anastácia se dedicou a empregar ao mundo lhe ofereceu, durante proveitosos anos, o exato lugar de manutenção de uma abscissa de inocência.

Há, errante, um Natal de cinzas, de sangue, de fogo, algum levante incompreensível que incendiou Fort-de-France, quebrando cada magia. Os policiais percorriam as ruas à procura de negros em fúria que quebravam as lojas. A rádio difundia francês solene, apelos e considerandos. Via-se encrespar contra as fachadas fumaças lacrimogêneas sobre as quais Mãe Ninotte baixava suas janelas. Os visitantes cochichavam *milans*⁹⁰ sobre barricadas, incêndios, militares e Brancos arrogantes. A cidade se descosturava. De seus âmagos frutificavam as dores. Uma estupefação bateu durante dois ou três dias. Os sírios se protegeram sob a cítola de treze fechaduras. As comerciantes da noite (de leite, de *titiris*⁹¹, de peles) estavam perdidas. As persianas batiam como pálpebras aturdidas. Atrás delas, luziam

⁸⁹ (var. *zouk*) Baile, festa.

⁹⁰ (sin. *kamo*) Futilidades, fofocas, tagarelices.

⁹¹ (sin. *pisièt*) Larvas de peixe de água doce.

olhares ávidos por explorar o mundo melhor que o voo dos morcegos. E havia um silêncio, quer dizer, esses barulhos inabituais. Mãe Ninotte permaneceu do lado de fora e nos protegeu. Prosseguindo com a estocagem de seus mimos de Natal, pareceu viver como se não fosse nada, salvo talvez quando, não suportando mais, inclinava-se na janela acima de um levantamento de botas para urrar contra não se sabe quem: *Pété fwa yo!* Destruam eles!... E às vezes eu a vi rir dos vermelhões soluçantes da cidade que sofria. Há, errante, esse Natal de lá debaixo.

O ano novo oferecia novas sortes. Mãe Ninotte se esforçava para agarrar todas. Nenhuma miséria do ano morto devia subsistir. As poeiras sim, mas também as aranhas e seus fios, mas também os *ravets* dizimados com fly-tox. Era preciso mudar de folhagem e de casca, arejar a terra de suas raízes, colocar de outra forma no sol. Alguns ganhavam a beira do mar para os banhos da nova partida, outros conheciam cascatas virginais. Na cidade, nos tachos e debaixo das torneiras, por métodos de dosagens em que as folhas eram três, esfregava-se com uma água esverdeada pela menta glacial, a verbena branca, o manjericão ou o cardo bento. Mãe Ninotte revirava a casa. Ela pechinchava, nos sírios, linóleo para o assoalho, e o mês de janeiro via surgir o pintor para as novas cores. Um negro jovial, enorme, detentor de uma ciência sutil de pincéis e de pinturas à água. Passava um dia a decapar as paredes, a escová-las, a guarnecer de mástique as juntas, a camuflar os buracos. Depois, sobre a camada de revestimento, espalhava a cor, tetos brancos sempre, paredes azuis, paredes verdes, paredes amarelo claro. Trabalhando, o jovial pintor cantava em todas as línguas do mundo. Não as conhecia, nunca havia colocado o dedo para fora do país e, como outro vento sobre o corpo, não havia experimentado senão o da Guiana, onde um exílio de amor o extraviou brevemente. Mas ele queria cantar naquilo que lhe parecia ser, *é verdade señora Ninotte*, o mais extraordinário jardim da criação, pois o homem tem uma boca como em toda parte na criação, mas em toda parte na criação cada um serve para uma música diferente, *e está aí, miss Ninotte, o grande fenômeno, precisa pensar nisso, madame Ninotte, precisa pensar nisso*. E como não sabia uma só palavra do que quer que fosse, estropiava as palavras imitando os sotaques particulares observados daqui e dali pelo país. Os negros ingleses empregados no cozimento do açúcar na casa dos *békés* haviam-no informado dos repiques do inglês. Os *koulis*, em seus cultos votivos, evocavam-lhe as sonoplastias do tâmil e de outras línguas sagradas. Os sírios sugeriam-lhe o árabe em diversos repiques. Nas alturas do Vauclin,

visitava um negro-velho Congo que, entre suas gengivas violetas, tamborilava o africano de diversas maneiras. E quando retocava as mercearias, cercava os chineses a fim de que fanhoseassem o clamor babélico de seu império celeste. Para o resto, extraía do seu transistor, por cujas ondas navegava durante noites inteiras. O céu purificado de seus clamores transmitiam longínquas marés à sua orelha curiosa. O negrinho o seguia de um cômodo a outro, à medida que ele mudava sua escada de lugar, repetindo depois dele os berros de línguas estranhas, a embriaguez dos sotaques, e esse delírio bem-aventurado quando, em pleno arrebatamento, misturava tudo.

Com o jovial pintor, as línguas e as cores, o quarto recuperava uma juventude que Mãe Ninotte acompanhava com flores. De seus tesouros escondidos (quatro maletas taciturnas, sempre fechadas, colocadas no alto, em cima do armário), tirava uma toalha de mesa de veludo e a exibia sobre a mesa durante os primeiros meses. E, por todo lado, semeava os grãos, grãos-de-milho, sementes de laranja, sementes-de-tangerina, sementes-disso, sementes-daquilo, brotos das sementes de lentilha em algodão molhado, tudo coisas que indicavam ao dinheiro o bom local onde se ancorar para o ano. Pois a semente tem menos de passado do que de futuro, está em promessas sobre amanhã, e, por trás de cada promessa, ela desdobra uma promessa.

O Ano Novo é o tempo das visitas, do ponche e do vermute. As comadres do Lamentin desfilavam, e Mãe Ninotte ia muitas vezes com seu vestido mais bonito visitar o restante de nossa família no alto das comunas. O Papai, por sua vez, recebia seus compadres (*Então, o que tem para a garganta?*), sedentos de nascença, doentes da goela. Estes se intitulavam filósofos do rum, pois sabiam detalhar os sabores mesmo engolindo-o puro, de uma só vez, flap, sem açúcar, sem água, sem medo, apenas com um imperceptível extravio de pupila, acompanhando o prazer do rum que desce. Não tenho nenhuma lembrança de suas conversas. As crianças, após atenciosos cumprimentos, eram afastadas dos adultos. (*Oh, o rum pertence à garrafa, não?*). Eles nunca eram muito numerosos. Isso ia. Isso vinha. A missa do ponche não é uma grande assembleia, situa-se entre o parlamento e o conciliábulo, sobre um paradoxo de explosão berrante e de voz baixa cúmplice. Seu protocolo vela pela multiplicação dos pretextos para beber. Bebe-se por aquele que chega ou por aquele que vai chegar. Bebe-se por aquele que parte como por aquele que vai partir e por aquele que quase partiu. Bebe-se

pelos mortos do ano e cada vez que se ri. Bebe-se exatamente antes de uma declaração fundamental sobre a vida ou sobre Césaire. E bebe-se para seguir o que o outro deve repetir. E vai-se a um encontro pelo ponche em outros lugares. A missa urbana do rum põe seu tempo entre onze e meia e treze horas. Quem visita nesse horário visita de copo em copo, deve ser recebido, deve ser servido. Atrasar-se é perder a série, portanto é preciso beber rápido e soar seu discurso.

Oh, Senhor, preservai-nos da água!...

Coloque-o, pese-o, ponha-o, eu o abaterei!...

Oh, se as tetas de minha mamãe tivessem rum, ainda estaria agarrado a elas com duas mãos e dois pés!...

É ele o assassino que matou meu papai, que matou minha mamãe, e é ele que me matará!...

Suavemente sobre o melado que dá cirrose!...

Oh, rum, único objeto de todos os meus sentimentos!...

Quem sentia uma dor se via tranquilizado: É o fígado que nos salva, é a fé que nos mata!... E brindava-se pela propagação da fé entre os infieis, sobre lágrimas de juventude, lembranças de guerras coloniais, e sobretudo sobre a própria garrafa, cuja aparição suscitava todas as sedes, e inversamente, e indefinidamente.

Dodói escorrendo lentamente em cada joelho

É o mesmo que galões

Os Grandes viviam um mundo. O negrinho percebia-se excluído, como entre parênteses. Seu sonho era ir à escola como os outros, de enfrentar como os outros essa cidade da qual não conhecia senão a perspectiva de sua rua. Ele dispunha de outro mundo, curiosamente invalidado, cuja riqueza inesgotável era causa de vertigens. Mas surpreendia-se a pender em direção ao dos Grandes com uma confusa impaciência. Ele inaugurava aí uma insatisfação que não sabia ser inerente ao próprio homem. Soube, apesar disso, viver as sombras e os silêncios, manter o olhar na altura de seus olhos, lá onde ninguém via mais. E decidiu ver o que via, como via, decidido a explorar seu indizível estado.

À tarde, Mãe Ninotte costurava as roupas das crianças, ou então confeccionava flores em papel crepom segundo uma arte recebida, ao que parece, nos tempos da juventude na sacristia da vila, no Lamentin. Rosas, gladiólos, cravos fornecidos para as festas das Mães, de Todos os Santos, e para os aniversários. Ela as entregava a alguma comadre do mercado com a qual dividia os lucros. Sentada em frente à janela, diante de sua máquina de costura, ao barulho da doce matraca, parecia sair do mundo, não cantava, não falava, não olhava nada, não via nada, esquecia até o negrinho enrolado a seus pés perto de um pote de margarina transformado em receptáculo de botões, agulhas, fios emaranhados, retalhos de panos, úteis aos remendos. Ao redor, a casa adormecia com vagos barulhos de louça, sussurros de rádio, suspiros da madeira, a poesia longínqua de outra máquina. As mães não repousavam nunca. Simplesmente mudavam de trabalho e de ritmo. Mas não suportavam mais nenhuma agitação. O negrinho teve que aprender a reduzir seu espaço, seus gestos, suas perguntas, a se enfiar em uma carapaça de tartaruga-*molocoye*⁹² e a adotar aí a econômica existência. Os rumores da rua erguiam-se menos alto. Os sírios cochilavam atrás das gavetas-caixas ou curavam o exílio buscando seu país no fundo de enormes rádios. A tarde se escoava assim até o retorno dos Grandes, liberados da escola, e a espécie de sobressalto que a cidade conhecia.

Ele tinha dez mil perguntas. Mãe Ninotte cansava-se rápido de respondê-las. *A vida, resmungava, já é bastante dilacerada para não dilacerá-la mais com questões dilaceradas.* Sem saber quais, o negrinho percebia bem que ela funcionava com algumas certezas, quatro, cinco ou seis, das quais uma era a exigência de êxito de seus filhos. Ela havia resolvido não desviar-se e não mais questioná-los. E sobretudo de pagar o preço disso. Assim, tinha o azar na gola e o azar tinha dificuldade em escapar-lhe. E, enquanto o negrinho arrumava os botões por cor, desembaraçava um novelo ou se torturava com questões insensatas, Mãe Ninotte restabelecia um *short* de uma perdição, prolongando-lhe a utilidade por mais alguns meses. Deixava sua máquina com um passo tão seguro que o negrinho supunha que ela havia planejado com precisão seus momentos futuros: o fazer-cozinhar, o colocar-para-temperar, o descer-procurar, o ir-ver-no-mercado. Sua noite se organizava numa precisão de relógio da qual o sonho estava excluído, os estados d'alma também – e as perguntas, claro.

⁹² (var. *mòlòkoy*) Tartaruga terrestre.

Ele a seguia passo a passo, tinha necessidade de sua presença. Ela o tolerava nos seus pés, salvo nos arredores do rechô. Ficava apavorado quando ela chegava à escada e ia até a rua, em direção à vendedora de legumes-de-sopa. Temia não revê-la mais e permanecia mudo de espanto até seu retorno. E como retornava sempre, ele aprendeu vagamente a domesticar esse horror.

A noite avançava tranquilizadora: Mãe Ninotte não ia mais sair. Era o momento de um novo toque na sopa eterna, o momento de fritar bacalhau, charangas e *coulirous*. A noite amadurecia em seus aromas de cebolas fritas, de pimentão fresco, de tutano reforçado em caldo de legumes. Cozinhando, interrogava os Grandes sobre as lições, fazia-os balbuciar os cadernos de texto, e recitar resumos de ciências naturais, de História da França, de hipotenusas e de superfícies. Mãe Ninotte parecia possuir ciência melhor que os próprios livros. De fato, apenas sopesava a hesitação, o estremecimento da palavra, o olhar em *biguine*⁹³ sob uma pálpebra agitada. Cercava o inconsequente até a firmeza de uma fala impecável, prova insigne de um saber verdadeiro. Quando o negrinho teve, por consequência, que sofrer a mesma prova, ele já havia de tal modo observado sua técnica que conseguiu, num primeiro momento, camuflar suas ignorâncias. Mas Mãe Ninotte frustrou a astúcia. Uma noite que ele patinhava com uma voz firme em um trabalho sobre gauleses em parte inventado, ela tirou os olhos de suas panelas, lançou a cabeça num silêncio de cemitério. Depois, explicou-lhe docemente, sim, que se podiam aprender macaquices, mas nunca melhor que um macaco velho. Dali em diante, teve dificuldade em confiar nele. O negrinho se viu condenado a recitar suas lições duas vezes melhor que qualquer um, e a recomeçar ao menor início-atrasado por uma sombra de gagueira.

A mesa de jantar era o lugar dos acertos de conta entre os Grandes. Histórias capazes de transtornar a criação: um pente fora do lugar, um jornal cuja capa havia sido arrancada, uma lavagem de louça não realizada, um boato infame. Prometiam-se golpes, esfolamentos vivos, declaravam-se ódios definitivos muitas vezes enfraquecidos logo depois da refeição. Mãe Ninotte acalmava os ardores distribuindo a sopa, os peixes fritos, o pedaço de abacate, a porção de salada. Devia-se esvaziar o prato e ninguém estava autorizado a desperdiçar o que quer que fosse. Ela se sentava à mesa quando havíamos terminado. Os colchões desenrolados

⁹³ (do ing. *to begin*; var. *bidjin*) Referência a uma dança em quatro tempos originária das Antilhas.

e as camas de campanha abertas preenchiam o espaço vital fora da cozinha. Somente Mãe Ninotte e o Papai dispunham de uma cama erguida sobre pés de ferro por cima do nosso sono. Anastácia, armada com a bomba, fly-toxicava por todo lugar de maneira a acalmar preventivamente o ardor dos pequenos *ravets* que, depois das luzes mortas, davam um baile pela casa. O negrinho devia ocupar sua cama de campanha, ciciar sob controle sua prece à Virgem Maria, e pegar no sono o mais rápido.

Os Grandes ficavam cochichando à noite, rindo e contando a vida deles na cidade. O negrinho esticava a orelha, sem nunca compreender nada. Aquela lavrava em torno dos sentimentos: pessoas que se aprecia, *mounes*⁹⁴ que se detesta, tal pessoa que inveja, fulano que é gentil, uma tal que é uma insuportável. Às vezes, evocava-se a perturbação de uma emoção selvagem e muito poderosa, suscitada por seres particulares. Essa coisa transtornava o coração, mas ninguém ainda podia nomeá-la. Professores e professoras (padres de ciência, guardiões da hóstia do saber) dispunham de uma influência desmedida. Suas maneiras de falar, suas palavras, seus tiques, seu ser em sua totalidade, bem mais do que o ensino, tornavam-se as balizas a partir das quais os Grandes regulavam suas próprias atitudes. Da sala, misturado aos zunidos de garfo, chegava o murmúrio de Mãe Ninotte e do Papai. Havia em suas vozes da noite uma gravidade nunca apresentada nas do dia. Era, sem dúvida, o momento das contas da carteira, dos assuntos de faturas e de dívidas, a debilidade do rosário das pequenas misérias. Falavam disso até que o sinal da rádio anunciasse “Os Mestres do Mistério”. Então o negrinho não os ouvia mais. Adormecia muitas vezes com essa voz longínqua de um branco especialista em te dar um nó na garganta com histórias medonhas.

Aspirada em sete ritmos
a madeixa na narina amadurecia até o amarelo.

Encontrei!... Não havia hora para as descobertas algébricas de Jojo. Ele desfazia o mundo em pequenos números e o enfiava em fórmulas das quais tinha dificuldade de emergir. E quando daí saía, soltava seu grito de guerra, qualquer que fosse a hora, a espessura dos sons, a doçura de nossos sonhos. Além do mais, essas descobertas não nos serviam pra nada.

⁹⁴ (do fr. *monde* ou do afr. *muntu*; var. *moun*) Pessoas, gente.

As flores de papel de Mãe Ninotte eram bem vendidas, conforme os períodos. Ainda não existiam flores artificiais. Ela prendia as pétalas num fio de ferro que lhes servia de haste. Essa haste era vestida com uma franja verde embebida de cola, na qual, girando, inseria as folhas de um outro verde, recortadas de formas variadas. De flor em flor, os buquês se formavam. O negrinho as achava magníficas. Amontoavam-se debaixo da janela do quarto à medida que a tarde avançava. A luz do dia caindo sobre elas conferia a magia de um natural artificial. Esperando para entregá-las, Mãe Ninotte as ornava com fitas num papel transparente, que estalava como cristal. Se parecia orgulhosa de sua arte, ninguém jamais a viu colocar suas criações sobre o trono do aparador na luz dos belos domingos. Ali só colocava flores naturais, cheirosas, que uma comadre lhe entregava. A flor é sobretudo um perfume, ensinava ela sem uma palavra ao negrinho vigilante.

Em períodos irregulares, fabricava doces. Isso estava, talvez, ligado ao seu humor. Os dias de açúcar eram uma bênção. Mãe Ninotte sabia fazer tudo, bolos, *sikdôj*⁹⁵, *filibos*⁹⁶, espirais coloridas que derretem na língua, *macawons*⁹⁷, *lotchios câpresses*⁹⁸, nogados. Senhoras de boa família lhe faziam encomendas, e ela se mantinha firme durante horas à beira do forno, em companhia da Baronesa. Medir a farinha, quebrar os ovos, misturar tudo, tirar as claras. O negrinho apelava quando o açúcar entrava em jogo e tornava o negócio doce. Tornava-se degustador, provador, dosador, sugador de colher, de garfo, de pratos e de tachos, solícito na prestação dos serviços à medida que a massa de um amarelo bonito transformava-se em bolo. Untava-enfarinhava as formas, retirava as bordas quando as enchiam. Era também vigia do forno, responsável pelas qualidades da cor, se esta vinha ou se não vinha e como vinha. Para os *filibos*, os *sikdôj*, os caramelos e companhia, Mãe Ninotte usava um mármore. Colocava aí para esfriar as crisálidas ardentes dos bombons. O negrinho, afastado pelos riscos de queimaduras, via-se conceder as panelas de cobre listrado pelo açúcar queimado – rendas imobilizadas da bênção.

Os bolos saíam do forno mais ou menos tostados, mais ou menos escurecidos, às vezes justamente no momento em que o negrinho havia recebido a graça de uma intuição. Muitas vezes era preciso, com a faca, restaurá-los com uma tinta ortodoxa. Para a decoração,

⁹⁵ (var. *sik-doj*) Confeito em forma de caramelo feito com açúcar de cevada.

⁹⁶ (var. *philibos*) Confeito colorido típico das Antilhas à base de menta ou anis.

⁹⁷ (do fr. *macaron*) Bolo seco arredondado à base de pasta de amêndoas, clara em neve e açúcar.

⁹⁸ (var. *lotjo*) Confeito crioulo arredondado à base de coco ralado, baunilha, canela e raspas de limão.

Anastácia, a Baronesa, dizia-se especialista, em outras palavras: *mapipi*⁹⁹. Ela os dispunha em pratos, preparava seus bicos de confeitaria, seu creme divino e transformava o círculo enegrecido, mais ou menos massacrado, em um bolo ornado com bolas prateadas, esculpido com circunvalações brancas. Para as grandes ocasiões, inscrevia nomes, desejos fora de alcance do negrinho analfabeto. Ele conhecia precisamente a virtude comestível. Escrever com açúcar e devorar o escrito. Isso floriu lindamente sua infância: o mistério do escrever e a alegria do comer. Quando Anastácia se enganava, descolava-lhe uma letra, uma palavra. Ele as devorava, confiando ao prazer de suas papilas o cuidado da descodificação. Os bolos reunidos conferiam à sala uma atmosfera de batismo irreal. Entristecidos, esperávamos contra toda lógica que eles não fossem para as casas dos seus comanditários.

Levantar à noite com Mãe Ninotte para transportar o pão-de-manteiga da comunhão, uma engenhosa trança de massa amanteigada, espalhada sobre uma placa que o forno da casa não podia acolher. O padeiro concedia a Mãe Ninotte essa sorte: aproveitar, por volta da aurora nascente, do calor de seu forno, ao término de suas fornadas de pão, e vir assar ela mesma. Mãe Ninotte levou o negrinho lá mais de uma vez. Oh, o universo noturno dos artífices de pão! Fort-de-France, para eles, não era senão uma sombra agitada. O vento da noite surgia de fossas marinhas, relvas adormecidas, terras fumegantes de húmus. Deixava-se a placidez exterior para cair na amassaria. Parecia uma caverna sitiada. Tudo ali era sobrecarregado, apressado. O padeiro economizava as luzes. Inquietantes zonas de sombra povoavam os arredores do trabalho. As folhas de coqueiro que serviam para enfeitar as cascas do pão se amontoavam perto de tachos giratórios sob uma massa cremosa. Por toda parte, o eflúvio do forno às vezes aberto. Uma visão inesquecível desse forno. Tão profundo. Tão avermelhado. Ele ameaçava a vida com um hálito de dragão. As massas, abandonadas ao longe pelo bastão do moço de padeiro, pareciam viver uma vida que lhes fazia bem, e elas saíam em dourado renascimento. Tudo era sombrio, e quente, e pesado de um cheiro de farinha prisioneira, de palhas-de-coco, de poeiras chamuscadas, de leite velho, de gemas de ovos, de pão amanhecido, de pão fresco e de pão esquecido. O forno reinava com suas ondas de vulcão controlado. O padeiro e os empregados pareciam seus domésticos, hierodulos obscuros de uma devoção sacrificial que a noite acentuava. O pão de manteiga de Mãe Ninotte assava muito rápido e, no dia nascente (uma claridade que levanta de toda parte e que vagueia

⁹⁹ (sin. *manj-moun*) Campeã, pessoa muito poderosa.

esperando desfazer-se em olho fixo do sol), nós o levávamos em direção ao espesso chocolate de amêndoas de nossas comunhões religiosas.

Chocolate-de-primeira-comunhão

escrevê-lo é salivar

pensar nele é sofrer

comungar é chocolate

Não deixamos a infância, nós a encerramos no fundo de nós mesmos. Não nos desligamos dela, nós a repelimos. Esse não é um processo de melhora que avança em direção ao adulto, mas a lenta sedimentação de uma crosta em torno de um estado sensível que estabelecerá sempre o princípio daquilo que somos. Não deixamos a infância, passamos a acreditar na realidade, isso que se diz ser o real. A realidade é fixa, estável, traçada muitas vezes com o esquadro – e confortável. O real (que a infância percebe em ampla proximidade) é uma deflagração complexa, desconfortável, de possibilidades e impossibilidades. Crescer é não ter mais a força de assumir essa percepção. Ou, então, é erguer entre si e essa percepção o escudo de um invólucro mental. O poeta – por esse motivo – não cresce nunca ou tão pouco.

A água chegou! A água chegou! O acontecimento de cada dia era a água. Fort-de-France começava justamente a domesticar uma água corrente, encanada, em domicílio. Havia-se mais ou menos abandonado as fontes públicas, epicentros dos motins matinais. Isso se produzia ainda nos bairros dos morros. Com a chegada do negrinho, o centro-da-cidade não era mais lá. Nos ângulos das ruas, as antigas fontes ornadas jorravam às vezes em plena indiferença. Elas iam secar, depois desaparecer, sem que ninguém pensasse em guardar dela a memória. O cano da casa penetrava até a primeira bacia do quintal. De lá, vertia uma água que era corrente apenas durante algumas horas. Muito-cedo, cinco horas, ela jorrava da torneira aberta, desaparecia às sete horas para reaparecer do meio-dia às quatorze horas. Para os afazeres da noite, era preciso esperar dezessete horas e se virar rápido, pois ela se esgotava ao som das dezoito horas. E não tínhamos mais notícias suas até o dia seguinte. O negrinho conheceu, portanto, esse tempo em que a água que chegava conservava grande mistério. Era, por assim dizer, uma dádiva cotidiana do Bom Deus. Cada criança sonhava anunciá-la aos adultos, que

aplicavam uma urgência de estocagem em panelas e tachos. Nenhuma gota devia faltar aos necessitados do dia. Sempre havia um que, saído de sua cama, colocava-se à espreita perto da janela do corredor, silencioso no dia nascente acima do quintal, para vigiar a torneira de cobre. O suspense muitas vezes se prolongava. O funcionário municipal não era de uma natureza precisa, às vezes ele estava atrasado mesmo. Outras horas, não tão raras, a água fazia gluglu dolorosamente sob a sirene do meio-dia, ou pior: não chegava até o dia seguinte. Portanto, sua chegada continuava a ser uma agradável surpresa que era preciso anunciar: *A água chegou! A água chegou!* O descobridor se punha a turbilhonar no corredor como um pião *mabiale*¹⁰⁰ descentrado, ou sem dúvida como o *colibri-madère*¹⁰¹ atingido pelo sol no meio da cabeça.

A água chegou! A água chegou! E todo mundo corria-para-dentro, se empurrava, regulava uma velocidade sobre a água ofertada. Primeiramente, os adultos. Mãe Ninotte, sempre à frente, enchia sua bacia, depois seus tachos, depois suas seis ou sete garrafas, depois algumas panelas, depois suas jarras. As outras mães faziam o mesmo. Cada uma, por detrás, caçoava:

- Então, fulana-de-tal, você não apressa o corpinho?...
- Oh, meu Deus, a eternidade desceu à Terra e é a gente que ela vem visitar!...
- Ah! Se não se apressam, não vou me apressar também!...
- Hum, todos os burros são bem parecidos: eles não caminham, realmente!...

De fato, cada qual estocava a água bem além de suas utilizações do dia: reinava o temor difuso de que a municipalidade mudasse de opinião e não a concedesse mais. Em seguida, restavam pouquíssimos minutos que as crianças deviam aproveitar para se lavar. E como não se podia fazer fila, entrávamos todos em debandada saltitante embaixo do jato. Os maiores, guardiões das higiênes, nos acuavam para uma passada de sabão, uma lavagem do pescoço, uma posição de escova sobre o dente. Depois, isso degenerava em uma guerra sem piedade, uma espécie de festa da água vinda de longe, realizada cada manhã, à maneira das libélulas, das quais o negrinho já conhecia os códigos.

Pequena canção de minha jarra: ela sempre mantém a água na sombra, e lhe transmite os gostos de uma fonte antiga. Sela a água e se torna sua cúmplice, ela a habita e a água a habita, e combinam tão bem juntas que, na pior quaresma, seu coração está fresco.

¹⁰⁰ Nome de uma etnia do Congo. O termo se tornou, em crioulo, sinônimo de dureza, severidade, maldade.

¹⁰¹ Espécie de beija-flor encontrado nas Antilhas, sobretudo na Martinica e em Guadalupe.

A água chegou significava para as crianças: a festa está começando. Os adultos a abordavam sob o aspecto útil, um pouco preocupados. Era preciso medir com precisão senão encontraria-se novamente a mendigar um pouco de água à fulana-de-tal para acabar alguma lavagem de roupas ou, pior, a ir pegar na reserva de um outro que, visivelmente, não tinha necessidade. Cada um contava seus tachos e suas garrafas, verificava sua bacia, e vigiava a altura de sua água como o camponês as folhas de sua horta de inhames. *A água chegou* queria dizer: atenção, avalie seu dia e calcule cada adversidade possível. O grande dia de água para Mãe Ninotte era a segunda-feira, seu dia de lavar roupa. Ela carregava pelo quintal os lençóis e as roupas da semana, uma pilha desmesurada que lhe tocava a cintura. Enfrentava essa tarefa cantando, como havia aprendido com as lavadeiras do Lamentin. Colocar de molho, bater, torcer, alvejar, bater de novo, retorcer, trocar de água, colocar sabão em pó, ensaboar, esfregar, torcer e bater, um procedimento tortuoso que o negrinho seguia com os olhos arregalados, e do qual não compreendia a lógica. E Mãe Ninotte cantava a plenos pulmões canções de Saint-Pierre, de Tino Rossi, de Édith Piaf, de Aznavour, de Luis Mariano, de Guetary, valsas e tangos. “Marinella”, “No céu tórrido da Andaluzia”, “Uma noite de maio”... Conhecia a história de Ninon, a louca do *nylon*. De Marie-Clémence, da qual todas as tarefas, mesmo a mais doce, eram amaldiçoadas. De Gros-Carette, que frequentava as mulheres-*manawa*¹⁰² numa rua duvidosa do Saint-Pierre de outros tempos. Sabia tudo de Regina, mulher açucarada, verdadeiro creme de baunilha, que reclamava amor. A do corcunda que, malgrado os oficiais do navio, soube proteger sua mulher depositando-lhe todo dia, a partir das quatro horas da manhã, os soldos do almoço. Às vezes, ao longe, atrás da parede do fundo, outra lavadeira de cidade lhe respondia por outras canções, e Mãe Ninotte cantava ainda mais forte, com mais arrogância ainda:

*Foi em uma noite de maio
que eu o encontrei
com um céu cheio de lua
o amante de lábios morenos*

¹⁰² (do ing. *man of war*; var. *mana*) Prostitutas.

*E a partir desse momento
fui tomada verdadeiramente
uma adorável chama
acendeu-se em minha alma*

A outra redobrava o ardor para sustentar o ritmo. Mãe Ninotte abandonava, então, sua roupa, inspirava profundamente e, mãos no quadril, concentrada no alcance de sua voz, entrava em serenata verdadeiramente sonora.

*Dê-me beijos inebriantes
esmaque-me com teu coração amante
faça fluir a correnteza de tuas carícias
em minhas veias ávidas de êxtase*

Nada mais podia detê-la, ela esquecia tudo, preocupada somente em vencer a insolente com a indiscutível largueza de seu repertório, os recursos imperiais de sua voz, os ecos de penhasco de seu peito. Bem depressa, a adversária se detinha. Silêncio. Mãe Ninotte prosseguia ainda por muito tempo antes de declará-la vencida, garganta descarrilada, afônica. E berrava ao mundo que ela era imbatível, pois seu verdadeiro destino teria sido ser cantora de ópera, mas que, por infelicidade, sua mãe, não tendo senso artístico nem gosto próprio, havia preferido a utilidade de uma contribuição em dinheiro, enviando-a para trabalhar de cozinheira para uma senhora de Fort-de-France. Assim, o negrinho soube por que havia nascido na cidade.

Durante o resto da semana, o quintal se via povoado de roupas que secavam. Impulsos de tecidos claros se elevavam nos alísios. O negrinho caminhava entre essas paredes móveis que dividiam o pequeno quintal no cheiro bom de alvejante, de sabão, de goma enrijecendo, do perfume do algodão. Mãe Ninotte nunca dispunha de lugar suficiente. Acabara por estender alguns varais no teto das cozinhas, e o homem de hoje nem sempre compreende como ela conseguia subir ali. A roupa estendida alterava o hábito das libélulas. Elas não encontravam mais, cintilantes, à beira do abismo, as pequenas gotas de orvalho das festas. Então rodopiavam, assustadas com a vida ampla dos lençóis ao passeio de um vento. O negrinho gostava de enterrar o rosto no tecido limpo, inebriar-se com esse aroma peculiar. Ou ficar

sentado no meio de alguns lençóis, mundo de brancuras úmidas que oferecia um pouco de alma a cada sopro.

Nos dias de sol tudo caminha muito rápido. O tecido seca e enrijece, furta aos alísios perfumes discretos e sabe conservá-los. Reflete também um pouco do céu: é a emoção do azul em todas as cores. Os lençóis aspiram o mundo. Num brilho insustentável, acampam e resistem aos ventos. Mãe Ninotte os borrifava, então, com uma água acinzentada, segredo de um branco impecável ao fim da calmaria.

Passava, então, por uma longa colheita que se acumulava sobre seus cotovelos, vestia seus ombros. Levava tudo ao andar destinado às reuniões de dobramentos às quais o negrinho era convidado, ciência peculiar que ele ficou contente em deixar à altura sensitiva, adquirindo legítimo prazer em estender os lençóis, a girar-virar a fim de dobrá-los segundo leis secretas que Mãe Ninotte lhe transmitia por ordens. E aí também ela cantava, cantava.

Enquanto passava roupa, Mãe Ninotte não cantava. As quartas-feiras eram quentes e silenciosas no manuseio de três ferros a carvão. Colocava-os em um tacho com brasas, limpava-os com um pano apropriado e punha-se, desde as quatro horas da manhã, a passar a roupa dobrada pela Baronesa. À noite, cercada pelas vermelhidões da brasa, os ferros do inferno à mão, começava geralmente pela roupa de escola dos Grandes: *gaule*¹⁰³ de algodão para as meninas enfeitadas com um pedacinho de renda, *short* cáqui e camiseta para os rapazes, às vezes remendadas de tal modo que ninguém percebesse. A etapa seguinte concernia ao dril branco do Papai, uma elegância complicada cujos vincos deviam descer verticalmente, e que Mãe Ninotte suspendia, para uma secagem definitiva, ao primeiro sol infiltrado na sala. O Papai e os Grandes encontravam as roupas frescas ao saírem do banho. Eles o tomavam após o chocolate, o café e os pães-com-salame que Mãe Ninotte lhes havia preparado por ocasião de uma pausa, às sete horas.

Debruçada na janela, Mãe Ninotte acompanhava com os olhos suas crianças no caminho em direção aos rigores da escola. Seus lábios agitavam-se em duas preces. O negrinho soube mais tarde que uma era destinada a Santo Expedito, a outra a Santa Judite. Aproveitou, em certos

¹⁰³ (var. *gol*) Vestido largo.

momentos, da mesma proteção, a tal ponto que, por muito tempo, nas salas de provas e concursos, teve a sensação de tê-los a seu lado.

Voltava, em seguida, a passar roupa. O negrinho, ficando sozinho com ela, contemplava o formidável esforço da negra guerreira contra uma pilha de roupas que ultrapassava a mesa. Ela transpirava. Um vapor se dispersava da roupa borrifada durante a engomagem. Apoiava-se sobre as roupas grossas quando o ferro, perdendo o calor, não reagia muito bem. Pegava, então, outro ferro bem vermelho, limpo antes com um pano apropriado, depois lubrificado com o pano impregnado de vela. Antes de aplicá-lo sobre a roupa sabiamente disposta, limpava-o mais uma vez. Mãe Ninotte não dizia uma palavra, não levantava a cabeça, parecia em viagem em direção a um morro de si mesma. Suas mãos executavam as dobras, os vincos, as posições de golas e de zonas delicadas com uma precisão parcialmente mecânica. Ficava séria: os dias de passar roupa eram dias perigosos. Podia-se trazer deles alguma friagem ou congestão súbita. Eis por que.

O mundo, naquele tempo, estava dividido entre o calor e o frio. A saúde se equilibrava em cima disso. A doença surgia quando, no seu calor, você introduzia o frio de uma banana ou de uma água de coco; quando o calor da sua cabeça era surpreendido pelo fio gelado de uma gota de chuva; quando, no calor do estômago, com os botões desatados, você havia deixado pausar o súbito frescor de um vento corrente vindo da colina. Certa manga tornava-se um veneno, pois acentuava um princípio frio que (após uma corrida disputada, no fim do calor de um dia ativo) podia matá-lo brutalmente (o que a língua crioula designa por *lan mô fwèt* – a morte fria, ou morte em frio).

Se a vida do país era naturalmente quente, o pior era o calor da passagem de roupa. Você desfazia aí a sensível precisão de relógio. Para permanecer vivo depois disso, era preciso empregar treze prudências. Mãe Ninotte passava roupa com as janelas cerradas e a porta fechada. Terminado esse trabalho, não trocava de roupa, enxugava o suor com uma toalha na temperatura do quarto de passar roupa e, no restante do dia, não tocava em água nenhuma, desconfiava das chuvas e dos ventos, ou das frutas com miolo frio. Portanto, permanecia no calor. O negrinho, ávido por conhecer essa terrível divisão do mundo, transpirava conscienciosamente com ela.

Algumas vezes, para averiguar, quebrou o equilíbrio, parou debaixo de uma chuva ou expôs sua garganta a um vento descendente. À noite, uma tosse cof cof descarrilava seu sono. Mãe Ninotte entrava, então, em sua velha guerra contra as doenças. Ela mesma nunca ficava doente ou, se algum dia ficou, ninguém a viu deitada. Além disso, recusava os medicamentos de farmácia, aplicados, no entanto, aos seus filhos. Para o seu próprio corpo, só admitia os medicamentos naturais (chás, infusões, licores) prescritos pelas vendedoras curandeiras do mercado. Sabia dosar suas próprias ervas, explica a alta confidente, examinando essa contradição. *Eu sabia medir minhas febres e a agulha de minhas dores; meus intestinos, minha barriga, meu coração conheciam o capim-guiné, os sabores da erva-para-todos-os-males e a xique-xique. Mas para vocês, crianças, corpos novos que eu não conhecia, era preciso deixar o homem doutor da medicina fazer. Pois cada planta medicinal é uma espécie de veneno, e não é um veneno da mesma maneira pra todo mundo. Eu vi a xique-xique bloquear o fígado de um fulano em dois dias, e não fazer nada a outro negro durante mais de uma semana, a não ser um bem ao vigor.*

A medicina crioula perdia, assim, suas vias de transmissão. O homem sabe que existem hoje povos arruinados, aos quais é preciso ensinar novamente procedimentos elementares de medicina e higiene, que estão em ruptura com seu próprio espírito, e que se procura “desenvolver” ao ritmo de outro espírito. Um povo desfalece e morre quando para ele mesmo se invalida sua tradição, que ele paralisa, reprime, percebe como arcaica sem jamais adaptá-la aos tempos que mudam, sem jamais considerá-la, e progredir cheio dela na modernidade. Assim, nós mesmos, por aqui e por lá.

O homem da medicina era um velho doutor mulato que o negrinho devia chamar de Titio. Ele parecia nunca deixar seu gabinete, nem seu avental branco, nem seu estetoscópio. Careca, o cabelo em *razié*¹⁰⁴ na orelha, um pouco canalha no discurso, mas franco nas atitudes, e tão generoso como o caranguejo de um conto que oferece sua própria cabeça. Os cinco filhos de Mãe Ninotte (todos verificando a natureza do calor e do frio) forçavam-na a consultar ainda mais as possibilidades de seu porta-níqueis. Titio não lhe pedia um centavo, sempre disponível, manhã, tarde, noite, domingo e noite profunda, respondia a seus chamados, e

¹⁰⁴ (var. *hazié*) Moita, matinho.

sempre encontrava tempo para uma visita ao *malcadi*¹⁰⁵ do dia. Quando algum dinheiro surgia na casa, Mãe Ninotte não o esquecia, e uma coxa do porco de Natal lhe pertencia por direito.

Depois vinha o farmacêutico, um gigante taciturno, um pouco resmungão, cujo sorriso era murcho. O negrinho ia procurá-lo sob ordens, agarrava-se ao balcão para clamar: *Mamãe falou pra te falar que eu tô fazendo cof cof cof...* A partir dessa senha, o homem de rosto cimentado (que nunca indicou a Mãe Ninotte que havia um preço nos medicamentos) lhe estendia sua garrafa de xarope, sua cápsula ou as esquisitices que Titio lhe havia prescrito com uma letra ininteligível. Ele também recebeu seu pedaço de porco de maneira intangível.

Ficar doente era entrar na doçura. Mãe Ninotte ficava mais atenta, mais presente, abandonando um pouco os outros. O negrinho deitava e rolava sem vergonha. Sua pouca influência sobre suas temperaturas o desolava profundamente. Então acrescentava às tosses, aos vômitos, às asma, extraordinários dramas. Mãe Ninotte o enchia de mimos, de histórias em quadrinhos, de um doce de feira. Ocupava-se dele assim que chegava da rua, cercava-o com a aproximação da noite. A Baronesa também se mostrava solícita. Marielle, Paul e Jojo, após um toque de comisseração, ficavam indiferentes. Uma doença não significava para eles senão uma tarefa suplementar a ser inserida nos aborrecimentos domésticos.

O negrinho vivia tão bem sua condição de doente que Mãe Ninotte era obrigada a paralisá-lo com uma palavra crioula após alguns dias. Comunicá-lo, ao término da comédia, que era preciso voltar à vertical, pois a casa não é um hospício nem um asilo, *essa criança aí pensa que a vida é um bol-toloman*¹⁰⁶, *eh meu Deus, mas que coisa, hein?...*

O alpendre de telha de aço

boné da fachada

transformava a chuva em longas cordas

frágeis

Na categoria da saúde, havia o calor e o frio, mas havia também os negros perversos. Essas pessoas-de-poder rondavam a cidade, ciumentas, invejosas, cruéis, saboreando um prazer

¹⁰⁵ (do fr. *mal caduc*; var. *malkadi*) Mal-caduco, epilepsia.

¹⁰⁶ Papa feita com fécula de *toloman*, um tubérculo semelhante à mandioca. A expressão crioula *Lavi-a pa an bol toloman* (fr. *La vie n'est pas un bol-toloman*) equivale, em português, à expressão “A vida não é um mar de rosas”.

obsuro na sementeira do mal. Era preciso vigiá-las. As mães ficavam à espreita. A criança não devia gritar nem um nome nem um sobrenome, de maneira que nenhum vento de incenso a encerrasse em paiol. Devia-se confiar aos maus ouvidos, ligados aos alísios, somente a burrice sem alma de todos os apelidinhos. Era preciso sobretudo vigiar para que ninguém lhe passasse uma mão na cabeça. Haviam visto crianças se transformarem misteriosamente em imbecis. Uma negra das colinas, de passagem a pedido de uma vizinha invejosa, havia-lhes sulcado um dedo indicador na testa, e elas foram encontradas *ababa*¹⁰⁷ e babonas, com uma cabeça bem gorda e joelhos demasiadamente gordos. Era também uma época em que certos pescadores, garantidos junto a um diabo, utilizavam a carne da criança para suas nassas e suas iscas. Outros precisavam dela para algum batismo de *diabliesse* e para uma porção de atitudes que precipitavam no meio da cidade as charretes do inferno. Além disso, sabiam roubar as saúdes, sim, colhê-las como se colhe mangas, e colocá-las para amadurecer eternamente em seus sacos. Suas vítimas ficavam amarelas, no estado desses mamoeiros machos, inaptos a tudo, até mesmo a somente prometer.

Contra esses malditos, Mãe Ninotte tinha material disseminado pela casa, na sua roupa, no seu porta-níqueis, na frente da porta, na ombreira das janelas. Com o nascimento de cada um de seus filhos, fizera o necessário para que nenhum mal pusesse amarra neles (para a inteligência também, havia trabalhado segundo a tradição, com mel, ervas, óleos, em dosagens que, na sua opinião, foram impecáveis para o manipulador dos números, mas um pouco erradas para o negrinho linfático e sensível). Mas uma doença declarada supõe o cálculo seguinte: é um negócio de quente-frio ou um ataque de negro cruel? De tal modo que antes mesmo de ir ver Titio, e ao menos duas vezes por ano, e muitas vezes mesmo sem doença, o negrinho ganhava um banho de folhas protetoras – gerânio, papoula, patchuli, paineira – que lhe amaciava a pele, lutava contra as impigens ou outras verrugas, e que, no mesmo ardor, arrancava-lhe dos poros possíveis remessas dos negros-*isalopes*.

O negrinho entrava nesses banhos mágicos com o espírito em febre. Saía daí portador de uma armadura invisível, imortal e poderoso. Sem esperar mais, embaixo da escada ou sobre o telhado das cozinhas, ele ia, sem ninguém saber e de olhos fechados, afrontar um monstro de sete cabeças e dentes amarelos, vivo na caverna de suas angústias noturnas.

¹⁰⁷ Idiota, débil.

Depois dos negros cruéis, uma suposição era levantada: os vermes. O mal-estar crioulo também provinha dos vermes. Mãe Ninotte (como toda mãe) espiava a maleficência destes no menor incômodo de seus filhos – no olho, na unha, na elasticidade da barriga, nisso, naquilo. O negrinho tinha que sofrer frequentes expurgos e (ainda que nunca tenha visto isso emergir do corpo) longas tisanas contra os vermes, infundidas com uma erva débil, nascida em determinadas épocas na ombreira dos maçons, e que Mãe Ninotte dizia ser ruim de cheiro, boa para o uso e francamente santa em seu princípio.

Do contrário, era preciso aceitar o calor e o frio, e restaurar esse equilíbrio com a ajuda de Titio e do farmacêutico.

Na janela

após uma lágrima

tomar a cidade em devaneio e adormecer com ela

Em cima das camas, Mãe Ninotte às vezes soltava coelhos que circulavam na casa até o domingo fatal. Os coelhos albinos foram os mais surpreendentes, bonitos, de olhos rosas, mas de uma ferocidade sem igual. Andavam embaixo dos móveis como zumbis de semana santa, se materializavam na cozinha por um pedaço de cenoura, e se enterravam o resto do tempo em sapatos agonizantes que obstruíam a parte inferior das camas. Pois Mãe Ninotte não descartava nada. As roupas velhas ficavam debaixo do colchão e se tornavam panos-de-cabanas úteis às macaquices de carnaval, aos remendos. Às vezes, recuperavam o uso na casa de impensáveis necessitados que Mãe Ninotte visitava atrás dos barrancos. Na época das grandes faxinas, engrossavam-se os seus colchões e as roupas de cama. Cada um se encontrava, então, naquilo que se tornara os leitos arqueológicos da família: antigas bermudas, *shorts* sem idade, uma camisola minúscula que reduzia bruscamente as posturas imperiais da Baronesa (apesar de sua elegância, ela entrara nisso!...). Os sapatos mortos permaneciam lá, à espera de um hipotético lazer durante o qual o Papai (antigo sapateiro, sim, que conservava suas ferramentas apesar de seu novo emprego de carteiro) poderia usar aí os ferros de sua arte, transformar os grossos coturnos em mocassins de verniz ou, pelo menos,

em sapatos para a escola. Ele devia operar algumas vezes seu milagre, mas, a maior parte do tempo (os sírios trazendo da Itália maravilhas que resistem bem e que não é necessário amolecer no rum, e que se adaptam facilmente aos ornamentos dos calos), esses sapatos serviram de paisagem fúnebre aos coelhos cuja ferocidade era branca, e cada coco do olho era rosa.

Lembre-se: o cavalheiro-das-onze-horas floresce às onze horas, é bom para o fígado e para os machucados, e parece uma erva vigorosa.

Isolado desde a morte de seu melhor amigo, o farmacêutico, dizem, não bebe mais, não come mais. Vive de lembranças e se alimenta de fantasias. É preciso imaginá-lo entre frascos estranhos, com cores de curativos, cheios de pós hieráticos que dosava atrás do balcão. O ar de ser uma traça, esvaziando as prateleiras para pobres pedintes. Sua farmácia cheirava sobretudo a éter e, talvez, aspirina. Cavalgando em dois mundos, suas prateleiras testemunhavam outra farmacopeia, muito antiga, que teve que conduzir em sua juventude na farmácia, e da qual relegava então os vestígios, com repugnância, nos altos de uma poeira na qual ninguém tocava mais. Titio, por sua vez, a alta confidente diz avistá-lo ainda imobilizado numa velhice que não parece mais amadurecer. Vive e se apresenta como se nunca tivesse sido médico, simplesmente passou a outra coisa, como aquele que duvida dos valores dessa terra, e que se oculta aos ventos da curiosidade, assinalando esse olhar pasmado dos marinheiros naufragados em um farol. Nenhum dos dois exerce mais. Vivem em câmera lenta em algum lugar, entre filhos e netos que talvez não desconfiem das nobrezas de sua abnegação. Eu os quero imortais daqui pra frente, aptos às perenidades cujo *acoma*¹⁰⁸ oculta a mestria. É deles que o homem de hoje traz o gosto pelas mãos abertas, e tanta inaptidão para dizer não ao que lhe pedem. Ele sabe – em bem-aventurada fraqueza – doar. *Um dia que este, cheio de vinho, havia deixado seus sentidos no fundo de uma garrafa...* Há a imagem do papai-sapateiro. É incerta. Quem está falando, memória? Que errante se lembra? Está sentado perto da janela, a bigornazinha sobre o joelho, ele martela o calcanhar de um sapato, talha o couro com o trinchete, costura com a sovela, lima, pinta, escova, engraxa e lustra. Em torno dele, os sapatos para consertar se acumulavam, disformes e ásperos. E, ao negrinho que o olha, destila seu francês impecável, desenvolve sua voz de cerimônia em fórmulas cuidadosas

¹⁰⁸ (var. *akoma*) Grande árvore da família das sapotáceas, muito comum nas Antilhas.

e em frases que ele pensa. Conhece o poder da língua francesa e, às vezes, controla uma ira de Mãe Ninotte com um fragmento de Corneille, um decreto de La Bruyère. Seu preferido era La Fontaine, do qual recita ao negrinho fábulas inteiras, e se não as conhece todas, conhece todas as morais. *Um dia que este, cheio de vinho, havia deixado seus sentidos no fundo de uma garrafa, sua mulher o encerrou num certo túmulo...* Para recitar, baixa pela metade as pálpebras sobre uma alegria do olhar, o lábio vivo de uma reverencial malícia, a ferramenta que ele tem, erguida, ressaltando o contorno de cada palavra. Saboreia o trabalho operado sobre os versos, sabe dar as músicas e cavar os silêncios, deslizar rápido para reduzir um verso coxo de sílabas. Seu sorriso ilumina o remate e uma chacota epifonema agita seu corpo enrolado na bigorna: *Não tem nada, então, para beber nesse túmulo?*

O sapateiro abandonará suas ferramentas pelo emprego de carteiro em Fort-de-France. Ele circulava pelos degraus do Morro Pichevin, pelas colinas da Rota das Religiosas e bairros de Coridon. O negrinho o via chegar na hora do ponche, ou à noite, expor seu uniforme com grossos botões dourados, e sair de novo como um governador na elegância de seu dril branco. Mais tarde, o negrinho achará discos de música clássica que o Papai havia saboreado no gramofone nos tempos de juventude. Dizem até que manejou, em alguma sociedade mutualista, um violino muito bom que precipitava as damas nas vertigens de um oxigênio. Dizem também que, na presidência dessa sociedade, fez longos discursos sobre a perspicácia de uma língua que a Baronesa desfiava com ele. O negrinho não o conheceu senão como um mulato de cabeleira branca, sentencioso e dominador, erigindo a seu redor, na época das companhias do ponche, as catedrais de um elevado francês. Ou, então, muito doce, atencioso, gentil, distribuindo seus apelidos e um gesto de ternura raro a seus afeiçoados. Ou, então, ausente e triste, indiferente, bebericando amargos ponches em companhia de um compadre ainda mais sombrio. Ou, então, mais tarde, na sua janela dos aposentados, espreitando o colega ainda ativo que descia a rua, com bolsa na lateral, carta no dente, e fazendo-lhe sinais com uma mão pálida de velho. Para o negrinho, ele recita La Fontaine, e o velhaco é ávido disso oh, memória, você tem, portanto, sebo nos batimentos do coração?

Os cabelos eram diferentes. Paul e Marielle tinham um negro-azulado e menos crespo, um pouco como as pessoas *koulies*. Anastácia possuía espessos cabelos de *câpresse*: eles lhe cobriam as omoplatas e ninguém sabia o que fazer com eles. Jojo e o negrinho os erguiam em

pequenos zeros mais zero e zero. O Papai exibia uma ramagem de mulato, densa e volumosa. Mãe Ninotte, por sua vez, um cabelo de negra que ela disciplinava sob um lenço de madras. No bando do corredor, a gama se estendia ainda mais. O que não era crespo era chamado de cabelo-bom, ou cabelo-*kouli*¹⁰⁹, ou cabelo-bonito. O restante exaltava a palha, a crina de ferro, a lã de aço, o capacete, o capim-espinhoso e a rocalha – nomes que denotavam a coisa muito pouco invejável. O cabelo-bonito aceitava, antes de tudo, o pente, um pentinho de osso, de dentes cerrados de epilético, que teimavam em querer fazê-lo coordenar os cabelos daqui-dali. E esse pente irritado pelo fio-de-cabelo se demitia gradativamente, soltando seus dentes um a um na testa do condenado. Marielle e Paul podiam utilizá-lo vagamente, mas os outros deviam sofrer seus treze infernos. E, sem nunca pensar em injuriar esse maldito pente, amaldiçoavam seus próprios cabelos.

No bando do negrinho, passava-se horas a escovar o cabelo frisado. As mães adoravam nos fazer tosá-lo no cabeleireiro coxo, uma espécie de atleta desgraçado, manejando a máquina de cortar, a água de colônia e a navalha, e que parecia odiar todo pelo negro não naufragado na pele da cabeça. E nesse cabelo saqueado ele passava uma vaselina amolecedora, depois o rabote de uma escova triunfal. Na escada, após o massacre, comparávamos a migalha de nossos cabelos e acompanhávamos seu desabrochar alisando-os durante horas, de maneira que, esticados, relaxados, enfraquecidos à força de obstinação, eles ondulavam, quase morriam, para ficarem parecidos com cabelo.

Oh, tempos de vaselina e de escovas! As mulheres enfrentavam o ferro para desfrisar e, no domingo à tarde, a cidade cochilava nos odores de pomadas cozidas e de frituras capilares.

Com as caspas, o cabelo ruim era uma doença transmissível pelo pente. Nesse sentido, um pente nunca era emprestado, e uma escova menos ainda. Quem podia agir de outra forma que não compartilhar dispunha de *seu* pente e de *suas* coisas. Tocá-los equivalia à assinatura de uma sentença de morte. Era o único meio de evitar a epidemia numa mesma família, ou preservar essa família das infecções desse país doente.

¹⁰⁹ (cr. *chivé kouli*) Cabelo liso, em analogia com o tipo de cabelo dos indianos (*koulis*).

Anastácia, a Baronesa, dispunha, entretanto, da mais bela cabeleira do mundo, alguma coisa luxuriante, generosa, que lhe cobria a cabeça como um rebento de cipós-puçás. Mãe Ninotte passava a tarde do domingo a desembaraçá-lo em pequenas tranças, a escová-los, a prendê-los em papelotes. A Baronesa sofria o martírio e perdia sua soberba. Nós a víamos de lábios cerrados, palavra estancada, gesticular ai ai ai sem comer pimenta, e transpirar sem subir nenhum morro. Mãe Ninotte suspirava: *Mas o que eu vou fazer com esse cabelo, o que eu vou fazer com esse cabelo?*, e repartia manobrando com seu pente de chifre.

Oh, minha Baronesa, você tinha a mais bela cabeleira do mundo. O negrinho a viu muitas vezes, durante as noites misteriosas consagradas à dança, vestir-se conforme a Idade Média francesa. Atavam-lhe em várias um espartilho asfixiante. Os enchimentos de um saiote de ferragem lhe torturavam os quadris de duquesa-mãe na ponte de Avignon. E, sobre a vestimenta irreal, porte surpreendente, estendia em vaga ondulante, giratória, sua cabeleira de *câpresse*, uma vertigem de abundância com reflexos ruivos de *chabine* incerta, que não se agitava ao vento, mas que zombava do vento, assentado sobre o ombro numa rigidez vaporosa e espessa que nada parecia poder eclipsar. Oh, a mais bela cabeleira do mundo – e não sabíamos nada sobre ele.

A rádio anunciava o ciclone. Mas Mãe Ninotte estava informada de antemão. Sabia relacionar as nuvens à inquietude dos ratos. Sabia decodificar a transumância de pequenos insetos precipitados à claridade pela ameaça do céu. Parecia um dia de chuva, mas que seria de uma obscuridade milenar, confusamente percebida. Ninguém explicava nada ao negrinho. Movimentavam-se em torno dele sem responder mais as suas perguntas. Mãe Ninotte partia à procura de recipientes para a água. Estocava-os um pouco em toda parte, preenchidos completamente. Comprava velas, fósforos. Reforçava sua reserva de querosene, de pavios para lamparina. Aprovisionava-se com pão, sal, óleo, bacalhau seco, ervilha seca. Trazia uma carne salgada. Verificava sua tintura de arnica, seu éter, a altura de seu rum canforado ou de suas folhas para machucados. Do quintal, levava seus objetos mais preciosos e os organizava no corredor. Na casa, os planos de salvaguarda destinados às infiltrações se viam reforçados, e ela verificava o fechamento das janelas cuja madeira trabalhadora necessitava sempre de um aparo com a lima. As persianas eram mantidas fechadas com pequenos pregos. Nesse meio tempo, o dia caía. O negrinho nunca viu ciclone diurno. Sempre à noite, como para deixar ao

mundo o tempo de submeter-se a ele, aos sírios, de fechar a loja, às ruas, de se esvaziar, aos proprietários de automóveis, de apertá-los nas altas colinas. Depois, num silêncio malsão, debaixo da chuva, e dos primeiros ventos, punha-se a esperar, a esperar, a esperar, a pegar o esperar e dividi-lo em porções.

O negrinho não sabia muito bem o que esperavam. Ciclone, para ele, não queria dizer *hak*¹¹⁰. Não compreendia esse tanto de imobilidades nos rostos, esse tão pouco das guerras habituais, essa economia de falatórios nas refeições da noite, esse sono impossível de vir. Suas menores palavras eram acolhidas por *Durma e Paz aqui*. Mãe Ninotte ia e voltava, verificava o que já havia verificado, parava perto do rádio para se informar sobre as coisas e sobre o *sakipasé*¹¹¹. O Papai, por sua vez, acampava em frente, com a orelha na música, e dava o alerta quando a voz do locutor suspendia a emissão. Esperava-se. O negrinho, para seu primeiro ciclone, pegou no sono antes da hora e, evidentemente, ninguém o acordou.

Quando despertou, entendeu o que havia esperado. A cidade jazia desfeita, afligida por lodos, inundações e estranhezas. Telhas cobriam as ruas, árvores caídas erguiam inoportunas raízes numa deriva de água preta, porcos brancos e galinhas sem penas e bois sem chifres procuravam sob o hebetismo uma ordem ponderada do mundo. As vitrines quebradas liberavam um vômito de naufrágios. Grossos fios elétricos estremeciam com as descargas de suas próprias faíscas. Assentados por toda parte: armários órfãos, altos espelhos quebrados, um cofre-forte flutuante, mil gavetas sem passado, enormes livros estufados de água, bricabraque de um cesto caraíba insensato, a absoluta pilhagem, no rapto, na desordem dos bolsos do céu, dos corações e dos celeiros. Além disso, a consternação aguda dos primeiros a chegar descobria aquilo que os negros-velhos chamavam (ou, mais exatamente, gritavam): *an tjou-manman*¹¹², e Césaire: um desastre.

Ciclone é vento cego. Arruína os negócios dos *békés* e mulatos, descasca a vida, e durante alguns dias redistribui os quinhões. Na cidade, o mundo recomeçava sob um mar de lama elevado a grande altura deste modo. As pessoas dos sete morros, geralmente poupadas, corriam para encontrar a sorte nas lojas estripadas. Os sírios se punham a liquidar sem refletir sobre os tijolos de terra provenientes dos seus rolos de tecido. Polícia, bombeiros, gente da

¹¹⁰ (var. *ayen*, *anyen*) Nada.

¹¹¹ (do fr. *ce qu'il s'est passé*) O que aconteceu.

¹¹² (var. *an tjou-manman*) Um problema grave.

política, velhacos em loucura solene, negras carregadoras de sacos, *djobeurs* exaltados, *chabins* de quatro patas: verdadeiro nicho de formigas loucas atarefado com os sobreviventes, mas atento às piscadelas da liquidação.

O negrinho passava os dias na janela, seguindo Mãe Ninotte pelo bairro com os olhos. Ela nunca estava mais à vontade do que no apocalipse. Se não havia mais água, ela trazia água. Se não havia mais peixes, fabricava peixe. Encontrava pão quente. Encontrava velas. Encontrava pacotes de sonhos e os carreava em equilíbrio sobre seu grande chapéu. E, principalmente, trazia um bocado de roupas sujas de barro, lembranças de telhas presas num cimento preto, objetos perdidos sob uma ganga sem nome. Isso era empilhado no corredor à espera da faxina. Ele a via desaparecer no fim da rua, reaparecer na outra, espessa e poderosa sob as abas de seu chapéu, falando forte, cumprimentando todos, distribuindo conselhos que ninguém lhe pedia. Para essa adversária dos infortúnios, o desastre era um velho amigo. Agitava-se aí apenas mais do que de costume, e nos extraía o melhor disso. Entretanto, com o anúncio de um ciclone, não abria nunca o olho claro da doença diante de uma bolha. Facilmente as dissipara. Mas, uma vez passado o ciclone, lançava-se na batalha como se tivesse a estratégia, e, erguendo cada desgraça, encontrava cada fortuna. Naquele tempo, a natureza transtornada vertia para o lado de quem não a tinha.

Era preciso se inquietar com as comunas. As informações chegavam em bocadinhos: tal lugar separado de Deus, tal cruz no rio, tal canto revirado embaixo de uma falésia. Tão logo as estradas eram restabelecidas, Mãe Ninotte ia, ela mesma, saber notícias da família. Senão, permanecia à escuta de um aviso de funeral, e se rendia aos enterros daqueles cujo coração estava em situação difícil para ser ventilado, que se afogaram para salvar seu porco, que eram cortados por uma telha voadora ou carreados no suicídio de uma água louca em direção ao mar.

Perdemos um Titio. Ele voara além do céu com seu cabrito preferido. Sua concubina o viu subir com o vento, o cabrito no braço, o ar apenas surpreso de se encontrar num mar que desenrolava suas ondas em cima das grandes árvores. Não foi visto novamente, salvo durante algumas chuvas, quando vendedoras de carvão invadiam o céu e quando chovia não apenas água, mas noites muito antigas. Sua concubina e seus filhos o ouviam anunciar sortes

vindouras, inquietar-se com a saúde deles e com o restante dos cabritos. Evocava também com frequência seu galo de briga, que ninguém ousava mais fazer combater e que definhava como uma velha galinha numa raiz de paineira. Quando Mãe Ninotte subiu lá, tentou falar com ele, mas não teve como resposta senão um balido sobre gluglus de vento. Desde então, ninguém o compreendeu mais.

Chamou-se um homem que falava com zumbis, um desses negros a cavalo em um dia e uma noite. O velhaco veio dormindo aos arredores da cabana, na ocasião de uma dessas chuvas das quais dissemos as qualidades. No seu sono, pôs-se a falar com Titio. Falou-lhe num crioulo remoto, e num francês arcaico, e numa porção de línguas que se arrastavam na Caraíba desde um tempo onde o mundo era simples. E Titio lhe respondia com seu balido de cabrito e de vento subterrâneo. Ao despertar, o homem que falava com zumbis revelou que não compreendeu nada dessa algaravia celeste e que não havia nada para extrair disso, pois é verdade, madame, que levado por um ciclone encontrar-se-ia o cérebro rodopiando em algum lugar ao menos nunca claro. Titio ia vaguear assim durante três quartos de eternidade mais um número de horas igual ao dos pelos do cabrito ao qual sua alma estava desde então ligada – entregou-se a ele fugindo.

A lama se incrustava na cidade durante vários meses. Os limpadores de lama haviam tirado o mais grosso, os bombeiros haviam dissipado o resto com os jatos de água. Subsistia uma película invencível: somente a vida cotidiana poderia ter esperança de dissolvê-la. Para o negrinho, havia um fenômeno estranho: um vento vem e inunda, um sopro passa e arrebenta em lama preta. Uma cidade morre para emergir nova de uma mumificação suja. A abundância germina da infelicidade: encontrava-se, na cola das ruas, setenta e duas ilusões e os outros sonhos que não desapareciam mais.

O pós-ciclone reunia as crianças. A escola estava inundada. Podia-se dormir tarde. Os adultos, ocupados com as limpezas, concediam-lhes um bocadinho de esquecimento. O bando da casa enchia o corredor com seus jogos. Então, às vezes Jeanne-Yvette intercedia. Vinha não se sabe de onde, e hospedava-se às vezes na família de Mãe Sirène. Uma jovem magra, sim, galhofeira, feroz, amável e doce ao montar. Trazia-nos do campo contos crioulos desconhecidos nas noites de Fort-de-France. Os contadores da cidade eram raros. Em todo

caso, o negrinho nunca os vira. Conheceu o conto crioulo com Jeanne-Yvette, uma verdadeira contadora, isto é, uma memória impossível e uma crueldade sem igual. Apavorava-nos ao extremo com duas palavras, uma sugestão, uma canção sem grande sentido. Manejava silêncios, linguagens. Enlameava a morte com riso, colhia esse riso com um só terror. Conduzia-nos ao ritmo das rajadas de sua língua, fazendo-nos acreditar em qualquer coisa. Espreitávamos Manman Dlo¹¹³ na sombra da escada. Punha-nos a correr com o cheiro de um zumbi que ela aspirava. Forçava-nos a nos despir no momento de evocar alguma *diabliesse* que detestava roupas. Ensinou ao negrinho a surpreendente riqueza da oralidade crioula. Um universo de resistências perspicazes, de maldades salvadoras, rica de vários gênios. Jeanne-Yvette nos vinha das memórias caraíbas, da agitação da África, das diversidades da Europa, da pululação da Índia, dos tremores da Ásia..., do vasto tocar dos povos no prisma das ilhas abertas, lugares ditos da Crioulidade.

Seu personagem preferido era Manman Dlo, uma divindade da água que forçava ao respeito pelos rios e pelo mar. Ela levava as crianças que se aventuravam perto das cascatas sem que os pais soubessem. Jeanne-Yvette a evocava para nós sem descrevê-la. Insistia sobre uma cabeleira indefinível alisada incessantemente com um belo pente, com gestos aureolados de graça. Ver Manman Dlo era soçobrar em seu charme vindo de criatura sem coração. Não nos atraía senão para maldades, as quais Jeanne-Yvette mostrava a ostentação. *Oh, sábia!*... Ela sabia o que fazer contra as crianças tão detestáveis da senhora Banse, reagir às hesitações do cavalo de três patas¹¹⁴, à mão ruim de um caixão um pouco familiar demais, à sombra observadora de uma paineira¹¹⁵. Conhecia a virtude do sal quando a pele de um *engagé*¹¹⁶ brilhava nos galhos de uma acácia submissa. Ensinou-nos a laranja certa para acalmar as *diablieses* e o gesto que designa os sapos não verdadeiramente católicos. Revelou-nos as vitórias da astúcia, do vício, da paciência, do raciocínio batido no momento preciso. Não servia para nada, dizia ela em segredo, gritar a plenos pulmões, mas murmurar. Dois dedos valiam muitas vezes a mão fechada. Andar em linha reta não era o melhor meio de chegar aos lugares, e se os Rastros davam voltas pelas florestas, era preciso saber dar voltas com eles: estava perdido aquele que emprestou caminhos retos que os *békés*-fabricantes haviam traçado para eles mesmos através do país. Caminhar aí era servi-los. Era preciso pegar os Rastros,

¹¹³ Divindade aquática, metade mulher, metade peixe, que vive nos rios e embocaduras.

¹¹⁴ (orig. *cheval à trois pattes*; cr. *chouval-twa-pat*) Figura diabólica da mitologia crioula.

¹¹⁵ (orig. *fromager*; cr. *fonmajé*) Nas Antilhas, acredita-se que a paineira abrigue espíritos.

¹¹⁶ (var. *angagé*) Cliente do diabo que detém poderes maléficos, recebidos em troca de sua alma.

garatujar sua ordem com um desatino clandestino. Jeanne-Yvette nos ensinou uma vida com seu método opaco. Permitiu ao negrinho pressentir, de fato, a impenetrável estratégia de Mãe Ninotte e das mães da cidade.

Um fulano vivia na outra extremidade do corredor. Era-lhe difícil deixar o círculo dos contos para retornar à sua casa: era preciso enfrentar uma sombra que Jeanne-Yvette havia denteado de terror. Essa malvada terminava sempre de uma forma sinistra: alguma *soucounan*¹¹⁷, revelava ela, comprimia-se no fim da escada, ele a seguira para avaliar suas mentiras e seu respeito pelos ritos, ela sentia seu almíscar de goiaba amarga brotar do décimo terceiro degrau. Jeanne-Yvette sabia vencê-la com um único grito crioulo, portanto não a temia, mas infeliz daquele que não conhecia nada da palavra. O atravessador do corredor implorava essa palavra que lhe permitia permanecer vivo. *Era preciso saber*, triunfava Jeanne-Yvette, *viver com a vida, bandos de pirralhos das cidades que não sabem nada do mundo! Subam para aprender na minha casa no campo, tolos malditos...* O atravessador devia, então, sobrevoar com uma batida de asas os dez metros do corredor transformado em abismo.

¹¹⁷ (var. *soukounan*, *soukliyan*) Pessoa que se transforma à noite em criatura voadora para ir cometer ações maléficas.

Sair

Sirene do meio-dia: Ninotte para e senta. O Papai aparece. Um bêbado chega. O negrinho deve atacar o bar Chérinotte para procurar um pedaço de gelo, uma garrafa de Didier. Outras vezes, precisa correr até a mercearia e trazer uma *musse*¹¹⁸ de rum. A cidade se entorpece ligeiramente. Nas ruas, persistem os exaltados solitários, ou os adversários de uma infelicidade que não autoriza imprevistos. É a hora do ponche, o negrinho corre, não tem sombra.

A manga verde
torturada até o creme fundente
de seu *caca-pigeon*¹¹⁹
se o ágape é sagrado, a manga também é
e a estação, nem se fala

Ele está feliz, pois começa a sair pela cidade. Observara-a desde as janelas. Fort-de-France era, para ele, a rua dos sírios. Uma rua interminável: reúne o mar, subindo de um lado, e a praça da Croix-Mission, descendo do outro. Era a mais frequentada, a mais cheia de fregueses, um eixo central inevitável. Estabelecida ao lado do mercado de legumes na altura de seu centro, tinha o mercado de peixes como campainha de uma de suas extremidades. O abatedouro não era longe, nem os entrepostos *békés* onde as mercearias de comuna vinham se aprovisionar. Portanto, tudo passava por lá e a cidade era lá.

O negrinho conhecia o menor de seus ritmos. No amanhecer, seu sol creme, sua luz coração-de-coco¹²⁰, seus pobres cachorros noturnos sob as grades do dia. Perdidos numa urgência sem fim, dois-três perseguidos não palmilham senão um metro, quando muito. O caminhão branco entrega suas barras de gelo. Os sírios detinham o comércio de tecidos, sapatos, panelas e encerados. Chegando bem cedo, tinham discurso no ângulo de uma rua sobre questões de guerras no Oriente Médio, e baixavam as cortinas metálicas quando suas vendedoras apareciam. O barulho das cortinas subindo é o canto primeiro da cidade, hesitante no começo, depois contínuo, por fim brutal como mola contraída. Isso sonorizava a rua em horas diferentes, na medida em que os sírios haviam aberto completamente ou não. Pois as

¹¹⁸ Nas Antilhas, o rum possui cinco medidas específicas: litro, *chopine*, *roquille*, *musse* e *demi-musse*.

¹¹⁹ Literalmente, títica-de-pombo.

¹²⁰ (orig. *coeur-coco*; cr. *tjè-koko*) Em analogia com o interior do fruto, expressão imagética crioula que designa algo doce e cremoso e, por extensão, calmo e agradável.

vendedoras se punham, antes de tudo, a limpar a soleira da porta. Um ritual imutável de alvejante, creolina, escova, jatos de água. O negrinho sofreu para entender essa cerimônia. Os sírios haviam seja cimentado, seja ladrilhado, seja pintado o pedaço de calçada diante de sua loja. As entradas – comparadas aos restos arruinados pelo cimento e pelo lodo – pareciam brilhos fixos. Entretanto, eles as mandavam arear longamente. O negrinho devia encontrar esse ritual crioulo no mercado de legumes, e admitir que, além da preocupação com a limpeza, existia o de desenraizar o malefício possivelmente plantado de noite por algum negro maldito.

Beleza do amanhecer: cheiro de alvejante, de creolina, calçadas molhadas, poucas pessoas, luz, silêncio enfraquecendo sob a vida que levanta. Ainda não há cidade, simplesmente um bairro, nosso bairro. Aqueles que o habitam estão na rua, molham as flores das varandas, dão os bom dias e trocam os *milans*. Mãe Ninotte, de pé antes de seu galo, já está pronta pra trabalhar, visitando os sírios, levando a mentira às suas amigas vendedoras. Aproveitava esse momento privilegiado para pechinchar ou obter certa camiseta de que precisava, certa toalha de mesa, ou certo retalho de sonho. Todo dia, trazia dois-três metros de um tecido de qualidades diversas que ela costurava aos domingos e todas as tardes. Realizava à máquina os modelos marcados pela Baronesa nos jornais de moda. Esta última também, rapidamente iniciada na costura, trabalhava os tecidos para ficar elegante e fazer Marielle – que, no entanto, nunca se dignou a tocar em uma agulha – babar.

A cápsula

achatada

longilínea

soava o fio e cortava violentamente

polegar fendido

dedos enfaixados

estação-do-oiô de belos combates

O negrinho segue Mãe Ninotte de longe. Ela nem mesmo desconfia. Segue-a com um olhar-*cacarelle*¹²¹. Ele a vê ir, vir, entrar, desaparecer, sair, ser rainha da rua. Chamam-na, querem

¹²¹ (var. *kakarel*) Pânico ou, ainda, diarreia provocada por muito medo.

vê-la. Esperam peixe dos pescadores que ela conhece. Suspiram por legumes de estação que só ela sabe obter a preços terrestres junto aos revendedores. Ela vai, vem, sobe e desce. A rua emerge dos sonhos. Os carrinhos de mão das comunas encetam o engarrafamento dos arredores dos mercados. Os *djobeurs* com carrinhos de mão gritam de longe atrás de cestas de legumes frescos, de onde exalam os vapores açucarados ou ácidos de sua terra. Trocentas vendedoras correm a galope, tetas batendo o *Ângelus*. Elas têm medo de um atraso suscetível de lhes custar um lugar muito bom. A criançada dos liceus sobe, a dos colégios desce. Um carteiro distribui amores e penas. Os funcionários são moles. Subitamente, a rua fica sufocada, barulhenta, empoeirada. Buzina-se, grita-se, urra-se, ri-se. Os camponeses vociferam e plantam-se no meio da rua que acreditam ser ainda um traçado de lama. Os negros-motoristas devem implorar-lhes passagem ou então ameaçá-los.

O negrinho via do alto a maré indistinta. Deixava-se aprisionar por seus odores, seus sons, seus vermelhos, seus amarelos, seus verdes. Outras vezes, selecionava uma senhora com uma cesta, seguia seu périplo desde o alto da rua, suas hesitações nos cruzamentos, suas entradas em tal loja. O sírio colocava-lhe então um xarope no lábio. Batia-lhe no ombro, cobria-lhe o peito com um tecido a fim de se emocionar com um brilho conferido à sua pele. Ele a iludia como uma presa até que ela estendesse uma moeda e ele adquirisse qualquer coisa. O negrinho acreditava reviver sua idade das aranhas. Entrar na loja dos sírios era perigoso naquele tempo. Eles especulavam em diversas línguas, o crioulo para a proximidade, o francês para aplicar o preço, a língua de origem para simular uma idiotice quando o cliente tinha cofre. Conheciam o funcionamento das camponesas, as cores que elas amavam, a preocupação de viver a época do *nylon*, do tergal, a inclinação para as douraões, o amor pela renda e pelas toalhas de mesa, o coração-fraco para a cena de *Ângelus*, de Millet... postados diante de suas lojas, eles as acorrentavam, por seu turno, com recentes maravilhas. As vendedoras intervinham apenas para fazer as entregas. Não sabiam nada do comércio. Faziam uma cara de processo-verbal para cada cliente, zombavam, ainda que entrassem ou saíssem, e para toda recepção rangiam o fastio de um *O quê, hein?* Um sírio fora de sua loja perdia seu dia. Ele mesmo tinha que permanecer à espera da caça, colocar a isca, ferrar e dar ele mesmo o bote do preço.

Quando o dia transcorria mal, o negrinho os via mudar de estratégia, trazer para frente tal cor de tecido, dispor em degraus, sem cerimônias, no meio da calçada enlouquecedoras panelas, desenrolar o *nylon*, agitá-lo em êxtase, cantarolar *na moda de Paris, na moda de Paris...* – e flap..., a loja abandonada se via coberta como um machucadinho pelos *yen-yen*. Os clientes atraindo os clientes, um tumulto se formava, se desfazia, se formava de novo mais longe ao ritmo infernal das malícias sírias. Mais ou menos no meio da manhã, paravam para roer uma cebola cozida ou um sanduíche de bacalhau apimentado. Os mais próximos se encontravam na sua calçada comum, conversavam perto de suas lojas, o olho torcido sobre a onda de camponesas, procurando ainda no molho crédulo aquelas cuja grossura de um porta-níqueis glorificava o olhar.

Lichia

era um cachimbo envernizado

no lustre incomparável

sua estação rara trazia algodão para absorver

aos velhos sem muita idade

Os sírios encontravam de repente os compadres *lapin*¹²². Estes últimos tinham o ar de *têbê*¹²³ desviados da floresta mais longínqua. Eram compostos de uma máscara de imbecilidade e, nesse cesto aberto, o sírio se encontrava em armadilha como uma nódoa de peixes vermelhos quando a lua está oblíqua. Eis como.

O velhaco deixava o sírio falar, deixava-o se extasiar, adular, se maravilhar. Parecia disponível por mil anos, ia ver o que o outro queria, olhava o que lhe mostrava, babava ao extremo quando era preciso babar. O sírio seduzido passava muito tempo nisso. Depois, subitamente, o outro simulava ir embora sem nada comprar. O sírio (espantado por ter perdido seu tempo) começava a transpirar, pronto para vender qualquer coisa e a qualquer preço. Mas o outro, agora firme como um *soudon*¹²⁴, parecia não precisar de nada e derivava em direção à saída. Na entrada da loja, considerava justo, apanhado de benevolência e, com ar de querer agradar, pechinchava certo produto sobre o qual era raro que o sírio resistisse muito tempo.

¹²² (cr. *Konpè Lapen*) Referência ao Compère Lapin, famoso coelho dos contos crioulos que personifica a astúcia, a presunção e o dolo.

¹²³ (var. *têbè*, *têbèdjè*) Idiota, frágil, tolo.

¹²⁴ Variedade de mexilhão que se encontra enterrado na areia, junto à foz dos rios ou nos arredores dos mangues.

Efetuada sua compra, o compadre *lapin* ia embora sem ao menos sorrir de sua vitória, e penetrava com ar embrutecido em outra loja. Sua próxima vítima, vendo-o com um saquinho, imaginava-o com os bolsos cheios e se lançava numa recepção entusiasta que nosso homem suportava, mais plácido e dócil que um coco na chuva.

Com Mãe Ninotte, os sírios não discutem nunca. Fazem-lhe um bom preço ou oferecem o que ela quer. Geralmente têm bom coração, mas, além disso, ela lhes impõe: de maneira enérgica, de maneira forte, de maneira útil a tantas coisas. Conhece tanta gente que ela os fascina. Os sírios eram muito atentos aos hábitos crioulos. Observavam as pessoas do país como se observa o enigma de uma caimito fora de estação. Compreender-nos era a preocupação deles. E conseguiam bem. Aproximar-se de Mãe Ninotte fazia parte de uma estratégia de conquista do país que nunca conduziram com bom resultado: seus filhos, tornando-se crioulos como nós, com os mesmos valores, desviaram-se das vitrines para trabalhos de medicina, belas-letras e direito. Aqueles que retomaram as lojas haviam sido imobilizados em alguma parte na vida e entraram no comércio como quem permanece na casa da mãe. Gradativamente, os sírios perderam seu poder.

Na subida de uma angústia, o negrinho teve que seguir Mãe Ninotte mais de uma vez. Sem que ela percebesse, precipitar-se na escada, embrenhar-se na rua, espiá-la a alguns metros, apertar-se atrás das pessoas ou das persianas abertas. A alta confidente assegura: mais de uma vez, suas vendedoras lhe apontaram uma pequena sombra inquieta que não lhe tirava os olhos, deslizava no seu rastro, parava com ela. Na primeira vez, teve que ir encontrá-lo resmungando, cuidadosa para que ele não se perdesse, depois, nas outras vezes, teve que rir. Logo, ele pôde acompanhá-la nas suas horas de mercado, nas suas batalhas pelo peixe na parte baixa do canal, à banca de especiarias para o rum, o óleo, o sal, a pimenta.

A tangerina
oferece a arma de sua pele
é alarme de pálpebras
com olhos fluidos o inimigo chora
e os dedos maus são asfixiados com perfume

Mãe Ninotte conhecia o mercado. Melhor que ninguém, ela sabia as leis. O negrinho, seguindo-a de perto, a viu trabalhar: abordar as vendedoras, inteirar-se das novidades, avaliar os produtos e, sobretudo, pechinchar. Não dizia *Quanto custa*, como os turistas ou as pessoas nascidas na cidade, mas entrava primeiro no sentimento. Perguntava as novidades da vendedora. Esta última, sentindo-a se aproximar, ligava a todo acaso uma desconfiança às sobranças. Mas Mãe Ninotte, calorosa, informava-se de seus filhos, de seu homem, de seus empréstimos, disso, daquilo, e cortava essa proximidade encontrando nela uma mina muito boa naqueles tempos. Subitamente, descobria o cesto. Êxtase geral, depois, insensivelmente, restabelecia sua emboscada. Os tomates (que não a interessavam) eram lindos-lindos-lindos, ela lhes desenvolvia sete finezas de palavras. A vendedora encarecia e, já pega em emboscada, dava seus preços (quase sempre excessivos). Mãe Ninotte suspirava por querer comê-los (*nossa, sua dachine não está muito vigorosa hoje*), mas sua saúde não lhe permite, uma questão de vertigens e, depois, era tão caro, mas isso merece ser caro. Durante o elogio dos tomates, escolhia entre as *dachines*, supostamente não vigorosas, uma maravilha toda pura, depois desenrolava sua manobra em doçura:

Mãe Ninotte

Me disseram que os tomates recheados estão um pecado-dedo-cortado este ano...

A vendedora

Me disseram isso também.

Se você quiser um quilo, posso te fazer tal preço...

Mãe Ninotte

Você acha, é?

A vendedora

Acho, sim...

Mãe Ninotte

Eu ia ter tempo de cozinhar isso hoje?

A vendedora

A partir do momento em que não estamos mortos,
temos tempo...

Mãe Ninotte

É besta isso, né...
Suas *dachines* estão mal desenvolvidas...

A vendedora

Pega uma libra de tomate, querida...

Mãe Ninotte

Você ainda vai ter amanhã?
Se você estiver aqui amanhã, vou pegar dois quilos...

A vendedora

Amanhã é um outro país...

Mãe Ninotte

Nossa, as *dachines* não estão em estação
esse ano, não dá nem
vontade de comer...

A vendedora

O que você me diz dos tomates?

Mãe Ninotte

Eu te disse amanhã-se-deus-quiser.
Como você é minha cocote, vou te fazer
vender ainda hoje...
Sei como a vida é dura...

A vendedora

Ah, quando se está dilacerada...

Mãe Ninotte

Me dê essa espécie de *dachine* aqui,

querida...

Vou tentar comer, apesar de tudo...

A vendedora

É tanto...

Mãe Ninotte

É pelo tomate?

A vendedora

Pela *dachine*, sim.

Mãe Ninotte

Bem, eu não vou mais comer *dachine*,

minha querida...

A vendedora

Quanto você quer sua *dachine*?

Mãe Ninotte

Vou tentar primeiro fazer uma salada

de chuchu.

Onde posso encontrar?

A vendedora

Pega a *dachine*, minha doce.

Mãe Ninotte

An-an, não preciso mais...

A vendedora

Me dê o prazer na *dachine*, docinho...

Mãe Ninotte

Faça teu preço, minha querida...

E a vendedora lhe fazia um preço tão baixo que Mãe Ninotte rapava do golpe mais de uma *dachine*.

Para o peixe era diferente. Não se pechinha com um pescador. Ele nunca tem o suficiente e conhece uma confusão de clientes. Além disso, um pescador vende apenas para suas amizades, ele tem as pessoas às quais *ad aeternum* permanece fiel. Mãe Ninotte fazia parte do grupo de três ou quatro pescadores. Ela lhes prestava serviço na volta às aulas, encontrando sapatos para seu bando de filhos. Em bela diplomacia, sabia oferecer-lhes pedaços de *nylon* recebidos de um sírio devedor de outros serviços. Assim, tinha peixe à vontade. Os pescadores, conhecendo seus gostos, os colocavam à parte desde o surgimento de sua silhueta maciça atrás da matilha no assalto ao iole.

Os pescadores voltavam das lonjuras de Miquelon às onze horas. Subiam o canal Levassor e ancoravam na altura do mercado de peixes. Os amadores e os revendedores os cobriam, densos como moscas informadas sobre um melado. Mãe Ninotte, por sua vez, chegava bem tranquila, e se fazia notar ao pescador atracado: Bem, Mestre fulano, estou bem contente de te ver... O pescador mal lhe respondia, porém, com um gesto natural, agarrava uma cuia e colocava nela tanto quanto possível: peixes vermelhos muitas vezes, *coulirous* necessários, dois três *lambis*¹²⁵ se é do seu gosto, pequenos atuns em nome de Deus, e um exemplar de cada pechincha de seu dia. Por cima do *bankoulélé*¹²⁶, estendia tudo em direção a Mãe Ninotte, que abria seu cesto. Ela não pagava no mesmo lugar. Os pescadores passavam

¹²⁵ (var. *lanbi*) A *Strombus gigas*, conhecida como concha-rainha ou concha gigante, é um búzio típico da região do Caribe.

¹²⁶ (var. *djandoumélé*, *lélékou*) Confusão, desordem.

durante a semana e lhe dispunham as contas na hora do ponche. Ela os acertava em soldos, mas também em guardanapos e outros tesouros dos sírios.

Dos seis ou sete quilos-de-peixes trazidos assim a cada dia, Mãe Ninotte conservava exatamente o suficiente. Ela revendia o restante às suas amigas, suas comadres vendedoras e aos sírios. Nossa rua a via chegar como se vê a Madona. O círculo era, então, afivelado. Mãe Ninotte se saía bem. O único inconveniente era que todo dia era dia de peixe, e toda noite, noite de peixes fritos. A carne de um frango aparecia apenas no domingo, a de boi, uma vez por mês, e ainda: se os tempos eram bons. Hoje, o homem que deu muito suporta penosamente na sua situação os produtos do mar. A alta confidente fica doente com isso, o peixe, para ela, é uma maravilha da qual nenhuma boca pode se cansar, nem deve nunca. *Comam peixe, meus filhos!...*

Por volta das treze horas, seus pescadores passavam para o ponche, o *milan*, ou um serviço de costura. E lhe traziam o que não conseguiam vender nunca: peixes-cofre, lagostas, lagostins, tubarões negros, peixes armados, caranguejos gordos, todos esquisitices desprezadas pelos negros da cidade que Mãe Ninotte acomodava no melhor da felicidade. Os pescadores lhe ofereciam também pérolas de *lambis*, um encanto digno de um sinal da cruz. Ela mandava fazer bijuterias de orelha ou broches. Os joalheiros, executando seus desejos, perdiam o sono. A pérola de *lambi* é rosa como um sol que se põe, é irregular e acetinada. Parece sempre pensativa. Manman Dlo – dizem – usa nos cabelos, e os caraíbas vão com elas para o túmulo. Mãe Ninotte guardava o restante em tufo de algodão. Ela mostrava aos incrédulos, quando o Papai, dissertando sobre o mar em companhia de seus beberrões, surpreendia seu mundo declarando repentinamente: *Mas você sabe que existe no lambi a raridade sem igual de uma lágrima nacarada? Ninotte, querida Gros-Kato, nos traga a coisa...* E ver essas pérolas os precipitava em melancólicas sedes.

Raspar a carne na boca
até o dente gelado
e com a semente careca
viver o infinito do círculo

oh, a estação das *quénettes*¹²⁷ se vivia
como um jogo

Sair sozinho foi para as incumbências. A catástrofe de um óleo que falta. O sal que se esgota sem anúncio. Uma comadre de passagem, a ser honrada com as doçuras de uma soda ou de uma água Didier. O negrinho tinha que ir ao bar, depois à mercearia, depois ao supermercado. Mãe Ninotte dispunha em cada um desses lugares de um carnê de crédito. Aí eram anotadas suas compras e supunha-se que pagaria no final do mês. De fato, ela vertia alguns soldos na medida dos seus haveres, pagava quando possível, ou exaltava a paciência quando o carnê roçava vertiginosos cimos. O carnê era, aliás, uma das conversas graves que ela tinha à noite em murmúrio com o Papai.

No bar, ele não demorava nunca. A proprietária não suportava presença infantil nesse antro de beberrões. Gritavam coisas tão terríveis! O negrinho imaginava-os sentados à mesa na penumbra, tecendo inauditas conversações em crioulo e em francês, amaldiçoando a servente que fiscalizava as alturas de seu ponche. O negrinho pedia sua garrafa de Didier, seu pedaço de gelo e voltava com um ar muito sábio, mas cada antena aberta a tudo.

A mercearia, em compensação, foi um lugar para estacionar. Demorava-se ali o maior tempo possível. Uma velha senhora conservava-se no balcão aramado, no centro das prateleiras. Reinava um cheiro que conhecia todos os cheiros, com mofos de chegada de bacalhau ou, ainda, de carne salgada vindo justamente para ser servida. Tudo isso era vendido em pedacinhos. Mamãe disse pra mandar pra ela duas rodela-de-salame. Mamãe disse pra pesar pra ela uma colher-de-farinha. Mamãe disse pra dar pra ela um quarto de libra de feijão, e três colheres de arroz, e uma *musse* de rum, e uma *roquille* de querosene. Quando a lista era muito longa, Mãe Ninotte lhe fornecia um papel cheio de garranchos. Ele era incapaz de decifrá-lo e isso o angustiava, pois a proprietária, não muito rica em vitaminas para os olhos, inclinava-se para lhe ranger com frequência *O que ela escreveu aqui, rum ou querosene?* Ele respondia, então, o que lhe passava pela cabeça, mentira para não parecer tão analfabeto quanto era de fato.

¹²⁷ (var. *kénèt*, *kénèp*, *tjénet*) Fruto da espécie *Melicoccus bijugatus*, a *quénette*, conhecida também como mamoncillo ou lima-espanhola, está presente em um vasto domínio intertropical, incluindo aí as Antilhas, onde é largamente cultivada.

Galos de *flamboyants*

ganchos das cabeças

marcar a fraqueza

saber arrombar o outro sem se decapitar

preciso combate de flores

o único que designa a linda estação de uma árvore

sua sensível cúmplice

Verdadeiro mundo a mercearia crioula. Um depósito influenciado, sem dúvida, pela prática de imigrantes chineses. Tão cedo estes últimos fugiram do trabalho da cana nos campos de *békés*, abriram um pouco de loja por toda parte do país, vendendo de tudo não importa como, não importa a que peso e não importa que corte. Nesses períodos de bolsos arrebatados, foi um golpe genial. As pequenas mercearias de rua de Fort-de-France seguiram o mesmo princípio. Sobre as prateleiras do alto se alinhavam as curiosidades exigidas em raras ocasiões: Noilly Prat, Vermute, Whisky. Em seguida, vinham as prateleiras do vinho. Continham compridas garrafas de um vinho qualquer, cobertas por uma poeira de tempos remotos e que pareciam não interessar ninguém. Abaixo, dispunham-se em pilhas as latas de conserva (sardinhas, salsichas, lentilhas, *cassoulet*, manteiga salgada, margarina e manteiga-vermelha). As grossas bombas de banha de porco vendida por conchas de madeira que eram pesadas completavam o tabique. Em torno do balcão, colocados no chão, os sacos (do-arroz, feijões secos, farinha-da-frança) e as pipas (carne salgada, óleo, querosene, rum) sobre as quais muito frequentemente se ramificava um sifão. No teto balançavam os mata-moscas, os salames, as tranças de alho e as ervas secas. Sobre o balcão, encontrava-se o papel, a balança, as lascas de chocolate, os restos de sabão, os pesos, as medidas para líquido, as bacias de cebolas-da-frança, a pilha de pães, duros pra lá, pão fresco pra cá, réstias de cebolas-da-terra, frascos de especiarias secas. Na falta de lugar, tudo se amontoava sobre tudo até o indescritível.

O negrinho estaciona aí o maior tempo possível, deixa passar outros clientes, observa a cerimônia desse pedaço da cidade. Atrás do balcão aramado, justamente abaixo de uma lâmpada elétrica que lhe inunda a mina, a lojista parece um feto epífito. É lenta, atende molemente, fala com palavras raras. Seu olho não vive senão no momento da delicada

passagem dos pesos na balança: *Está bom pra você, fulana de tal?* As clientes só compravam o que tinham vindo procurar. A lojista, contrariamente aos sírios, deixa descobrir suas raras novidades, não propõe nada, não indica nada. Seu único credo: *O que você quer? e se você não sabe, me procure quando souber...*

O discurso sobre ela dizia isto: Havia sido casada sem saber com um *quimboiseur*¹²⁸, uma espécie de negro cheio de um dinheiro que não provinha de trabalho-transpirante, mas de um comércio com coisas da meia-noite. Viviam nas alturas de Balata, numa casa de sete quartos, vinte e duas janelas e um para-raios. Um dia, isto é, durante uma noite especial, ela acordou e não o viu do seu lado. Procurou-o embaixo da cama. Procurou-o na adega. Procurou-o na cozinha. Procurou-o na sala. Procurou-o por baixo dos móveis de acaju que brilhavam como crepúsculos e em cada um dos quartos de hóspedes, cheios de flores abertas na sombra. Procurou-o no celeiro e no jardim frondoso de orquídeas alimentadas do vento dos décimos terceiros dias. Só o encontrou antes do crepúsculo, naquilo que lhe servia de escritório ou, para ser mais preciso, encontrou o que ele havia deixado, uma espécie de pano-de-saco grosso, frouxo, tépido, que estremecia sozinho, brilhando como um olho de asfíxiado: sua pele, claro.

O discurso sobre ela prosseguia assim: Por azar e, sem dúvida, por falta de imaginação, não estabeleceu relação entre esse horror e seu marido. Agarrou-se naquilo vociferando, arrastou-o para o quintal e, acreditando ter surpreendido um *quimbois* enviado à sua casa, incendiou-o tão bruscamente. A coisa queimou durante seis meses, com um cheiro de casco de tartaruga e óleo canforado. Seu marido, por sua vez, reapareceu seis dias mais tarde e, evidentemente, procurou em vão sua pele. Acordada de noite, viu-o dançando com gestos de desespero em torno do fogo sem fim. Reconheceu-o não pela aparência (ele não parecia com nada que possa ser reconhecido), mas por uma intuição, um vapor de alma amante que lhe soprou: é ele, sim.

Sem refletir (pois é raro que se refletisse nesse caso, diz o discurso final), ela se precipitou no jardim para se jogar nos seus braços, e se jogou nos braços de uma coisa sofrida, sentindo a canela infernal, que a amaldiçoou treze vezes. Foi preciso restabelecê-la no hospital Colson, colocar-lhe uma nova memória, quinze lembranças a serem desenvolvidas, dois sentimentos

¹²⁸ (var. *kimbwasé*) Praticante de *quimbois* (var. *kimbwa*), conjunto de superstições ligadas ao uso de plantas medicinais e à feitiçaria voltada ao mal.

para que seu coração pudesse bater, e outras espécies de gostos. Além disso, foi-lhe prescrito para a vida um pequeno comprimido rosa que ela engolia todo sábado com leite de cabra. Encalhou em Fort-de-France e abriu sua loja graças ao resto de dinheiro encontrado em uma gaveta, exatamente antes que a casa se pusesse a ranger, a elevar-se acima do sol, a se enviar chuvas de pedras, a levar cachorros brancos para passear nos corredores e sapos pensativos pelas cortinas, sem falar ainda desse visco fétido que ressumava das paredes em torno dos crucifixos. Foi sem dúvida por isso que ela sofreu para vendê-la, que essa casa permanece lá em cima sozinha, sem árvores e sem pássaros, sem aranhas e sem formigas, rica por seus móveis que não apodrecem e que nenhum ladrão deseja em hora nenhuma.

Hoje, a lojista parece ter esquecido tudo, exceto seus comprimidos rosas e essa tristeza que a domina quando um pescador queima um casco de tartaruga perto do mercado de peixes. É o que dizem, mas é melhor não repetir: as pessoas são um pouco maledicentes e podem acrescentar detalhes cuja evocação não alcança graça em confissão.

Às vezes, a lojista frisava ao negrinho *Diga à sua mamãe que eu preciso vê-la*, forma de dizer que o carnê havia engordado. Mas não se recusava nunca a servi-lo, mesmo quando lhe dizia com um tom apimentado *Então, diriam que sua mamãe partiu pra França esses dias, não a vejo nem nas brumas do horizonte...* A que o negrinho respondia, por instruções de Mãe Ninotte:

– Mamãe vai vir trazer sua comissão pra você...

– Pergunte a ela em que século, e se vai ser durante o ano-da-canela¹²⁹...

Ano-da-canela quer dizer: nunca, lhe explicava Mãe Ninotte, mais inquieta que uma tangerina atrasada na seca de fevereiro...

O mais duro era dar uma comissão. *Vá dizer à senhora que não tem uma roquille¹³⁰. Eh-eh, não era isso que eu queria, tem demais, não tem o suficiente, não está fresco, olha, tem uma caca-de-rato dentro...* O negrinho levava a mercadoria incriminada. Seu cérebro, inquieto, procurava um meio diplomático de explicar esse retorno à lojista, já que havia sempre, na

¹²⁹ (orig. *année-cannelle*; cr. *lanné-kannèl*) Corresponde, em francês, ao Saint-Glinglin e, em português, ao dia de São Nunca.

¹³⁰ (var. *roki*) Antiga medida de capacidade para líquidos que equivale a 1/8 de litro.

indecisão, um carnê de crédito mais ou menos limpo. Resolvera a dificuldade da aproximação pela expressão genérica *Mamãe disse que tem um problema...* A lojista, então, não dava um grande pulo. Inclinação em seu arame, perguntava simplesmente *Que espécie de problema, hein?* Então, ele entrava nos detalhes do protesto de Mãe Ninotte. O que poderia dar nisso:

- Ela disse que tem alguma coisa nas lentilhas.
- Que coisa, hein?
- Não entendi bem.
- Como não entendeu? Nas minhas lentilhas tem só lentilhas, não?!
- Sim, sim, isso que é bizarro.
- O que é bizarro?
- Tem só lentilhas mais uma lentilha que não é uma lentilha...
- Você quer dizer que tem alguma coisa nas minhas lentilhas?
- Eu não disse isso, não...
- Você disse o quê?
- O que mamãe disse...

E ela mesma descobria a caca-de-rato, o *ravet* morto, as pedrinhas muitíssimo numerosas, murmurava uma maldição, benzia-se duas vezes e trocava sem insistir mais seu lamentável produto.

Outra possibilidade.

- Tem um problema, mamãe disse.
- Que tipo?
- Não sei.
- Bom, volte pra perguntar.
- Ela já me disse.
- Ela te disse o quê?
- Um problema que alguma coisa não seria alguma coisa.
- Seria bom lavar suas orelhas, não?
- Ah, sim!... Foi querosene que você deu?
- Foi querosene que você me pediu.
- É engraçado porque mamãe disse que ela nunca pediu querosene pra ninguém...
- E você, me pediu o quê?
- Não sei.

- Não sabe? É uma festa que você quer fazer comigo?
- Eu te pedi uma *roquille*.
- Uma *roquille* de quê, hein?
- Daquilo que Mãe Ninotte te pediu...
- E ela pediu o quê?
- Uma *roquille*...
- Uma *roquille* de quê?
- Do que ela quer...
- E ela quer o quê?
- Foi querosene que você deu, foi?
- Dei, dei, sim, eu dei querosene...
- Pronto, é esse o problema...

A guerra enfastiava, ela trocava o querosene e lhe media numa outra garrafa uma *roquille* de rum. Ele ia embora em sete velocidades, Deus suplicado para que não tivesse que voltar lá tão cedo.

Fruta-do-conde
 a semente arrancada
 vem e concede um pouco do coração
 de semente em semente
 come-se sua alma de licor separado
 de que amor despedaçado?

O supermercado era um outro mundo. Ele tinha que entregar o papel de Mãe Ninotte no caixa onde se encontrava uma senhora sem nome e sem história. Os primeiros tempos foram agradáveis: *Bom, é você o caçula de Mãe Ninotte, saiba que você se parece com ela, o que você quer, meu querido...* Depois foi mais rápido, mais indiferente, e sobretudo mais impiedoso quando o carnê ganhou muito peso: *Vá dizer à sua mãe pra ela mesma vir buscar isso, eu preciso falar com ela...* Às vezes, Mãe Ninotte ignorava o recado, outras vezes, ia até lá com um passo decidido, um pouco irritado. O negrinho teria dado mil passeios para saber o resultado. Ele a via retornar, carregada de compras, mais tranquila como se nada tivesse sido dito.

Aos poucos, o negrinho tornou-se circunspecto: *Você já pagou o carnê?* Mãe Ninotte lhe perguntava em crioulo se ele estava na polícia, se fazia enquetes sociais, indicava-lhe cargos disponíveis nas alfândegas, aconselhava-o a esperar ganhar um pouco mais de altura para fazer perguntas, e a desaparecer para ir fazer as compras solicitadas antes que ela se irritasse. Essa reação assustava mais o negrinho. Significava que era preciso encarar um atraso dos carnês. Pois quando tudo estava limpo, Mãe Ninotte respondia *Sim, meu querido*, e sorria para seu caçula, última sujeira de suas tripas.

O negrinho produzia pequenos lucros quando Mãe Ninotte lhe confiava dinheiro para uma compra excepcional. Devolvendo-lhe seu troco, guardava cinco ou seis centavos, esperava a explosão e, se não vinha, guardava o produto do furto na sua caixa de tesouro. De centavos em centavos, podia então comprar uma batida de frutas, um bolo, algum chiclete-malabar¹³¹. Retornando por conta própria à mercearia, efetuava suas compras sob o olhar desconfiado da lojista, tranquilizada, contudo, por não vê-lo trazer alguma coisa de volta. O lucro é uma arte. É preciso obter da lojista a maior quantidade de centavos possível. Não era fácil persuadir, a moeda era energia pura e, portanto, rara nesses tempos de pechincha. *Mamãe disse que se você tiver uma moedinha que te atrapalha...* A segunda etapa visava dissuadir Mãe Ninotte de contar o cascalho que lhe devolviam. Para isso, era preciso contar-lhe uma história mentirosa, rodear em torno de uma pergunta, ou incitá-la a rir. Isso quase sempre acontecia. Mas o lucro ocultava perigosas latências: dois dias depois, Mãe Ninotte, que havia deixado suas moedinhas sobre o aparador, podia se decidir a contá-las. Interpelava, então, o negrinho do alto do “senhor” da ameaça, *Me diga, caro senhor, o pão custa tanto, eu tinha te dado tanto, e o senhor me devolveu tanto, o que aconteceu com os cinco centavos?*... De fato, ela tolerava o lucro, um pouco como a recompensa daquele que galopava sem fim pelas compras e encarava com tanta frequência os aborrecimentos do carnê. Suas interpelações visavam justamente demonstrar ao negrinho que, no jogo das macaquices, sempre se encontra macaco melhor...

Muitas vezes, depois que ele tinha balbuciado sobre os centavos que faltavam, ela lhe colocava o troco na mão, dizendo *Mi ta'w*, aqui está sua parte... Quando seu tesouro de guerra aumentava assim, o negrinho se punha a mimá-lo, esforçando-se para não tocá-lo. Perto da bacia, demorava-se na limpeza de suas moedas, esfregando-as na cinza e no vinagre até que

¹³¹ Malabar é uma famosa marca francesa de chicletes lançada em 1958.

elas brilhassem como olhos de gato preto. Com elas, suscitava o veneno dos outros negrinhos da casa, tão especialistas quanto ele em lucros de todas as espécies, mas detentores de um tesouro que não era completamente impecável.

*bawouf!*¹³²

o animal se precipita sobre suas bolas de gude¹³³

e desaparece com

a cristal

a ferro

e a *bolof* no coração de glória

encoleriza-se, mas continua o seu jogo com a *canique*

áspera

estação grave dos triângulos

O bando do negrinho começava a conhecer as preocupações com dinheiro. Havia tantos doces a serem adquiridos. Os maiores elaboraram um sistema lucrativo. As garrafas, naqueles tempos, tinham algum valor. Eles se compraziam em conservá-las, pilhando-as debaixo da escada, juntando-as se estivessem espalhadas. Juntos, operavam sessões de limpeza. Garrafas, frascos, garrafões, brilhavam ao sol como diamantes esculpidos. Diante da porta, no sábado, quando os camponeses se amontoavam na rua, expunham suas garrafas sobre uma tábua. O negrinho, acampado na calçada, gritava: *Lindas garrafas! Lindas garrafas! Lindos garrafões! Lindos garrafões!...* Em muito pouco tempo, o cliente parava e encetava as pechinchas. As negrinhas do grupo se revelavam especialistas nisso e bem mais obstinadas. Antes das onze horas, as garrafas brancas se esgotavam, os garrafões rendiam uma fortuna. O tesouro era repartido segundo leis que continuavam estranhas ao negrinho, pois os grandes mediam a parte deles com o palmo obscuro do morgadio.

¹³² No jogo de bolinhas de gude, quando uma criança tem consciência de que está perdendo, ela se joga bruscamente sobre todas as bolinhas, tanto as suas como as dos adversários, fugindo com o espólio. A essa ação dá-se o nome de *bawouf*.

¹³³ Nas Antilhas, as bolinhas de gude recebem nomes específicos: *cristal*, *fer*, *bolof* ou *mab*, e *canique* (var. *kristal*, *fè*, *bòlof* e *kannik*).

Às treze horas
as Notícias de Exéquias gemiam no rádio
cada coração
debulha o rosário dos infortúnios
e sob a perturbação
se soletra um povo

Uma garrafa servia para quarenta-e-sete mil coisas. A vida era preservada em pequenos pedaços, em águas de gestos, em licores de ternura, em alcoolato de rancor, em grãos de olhar, em reservas de lentilhas da sorte. Engarrafava-se o ar de um ano vendido e a ratafia cintilante dos minutos de lua cheia. Guardava-se sob a rolha os orvalhos mais claros e o último sopro dos inocentes. A garrafa era um objeto raro. Era um belo objeto. Existiam no mercado autênticos vendedores de garrafas. Eles puxavam seus produtos em pequenos carrinhos de mão, juntavam por aqui e revendiam por ali. Às vezes, compravam nossos estoques. Mas era menos interessante, pois esses negros de pálpebras azuis, sentindo a resina de guáiaço, não pechinchavam nunca.

O outro meio de aumentar os tesouros consistia em uma volta pelos canais abertos. Os camponeses perdiam seus soldos nas ruas do sábado. As inépcias lançavam moedas nos canais cegos por uma água suja. Só os mais porcos arriscavam a mão ali, pois ajoelhar-se por uma moedinha na borda do canal era colocar em evidência um estado de pobreza. As moedas permaneciam, portanto, onde haviam caído. Para nós, era suficiente esperar o sábado à tarde (quando a cidade se tranquiliza, exatamente antes da passagem dos varredores da prefeitura) e de partir em bando à colheita de soldos perdidos. Um ímã preso na ponta de um barbante trazia setecentos pregos e nos granjeava as moedas. Com um bastão, podia-se agitar a água suja para revelar um filete metálico. Quando não tinha água, os canais condensavam um leite enegrecido no qual tudo se escondia. Ali era preciso jogar o bastão sozinho, ao longo de toda a rua, e aguçar o olho para reconhecer, na coisa mumificada, o arredondado de um soldo, a curva exata de uma moeda.

Não pegue os porta-níqueis inteiros. Leve-os à polícia. Abrir é correr um risco. Um porta-níquel inteiro é bonito demais, fácil demais, para não ser um vício.

Nos canais abertos de Fort-de-France havia de tudo. Os tesouros, claro, mas também velhos uçás azulados. Cobertos por um pelo arrepiado, levantavam em nossa direção as garras da ameaça. Os Grandes diziam que não se tratava de caranguejos, mas de velhos negros movidos por um comércio com o diabo-*ziguidi*¹³⁴. Não tendo, talvez, honrado a dívida desse comércio, viram sua riqueza virar dureza, seus negócios se desfazerem, e eles mesmos haviam mudado. Numa manhã em que se barbeavam, o espelho havia refletido a má notícia: um pelo aqui, uma carapaça germinante ali. Viram-se forçados a ir se esconder nas florestas, depois nos mangues, depois nos buracos, depois nos canais onde não se arriscavam a encontrar os verdadeiros uçás, pouco amáveis com eles. Jeanne-Yvette evidentemente confirmou esse processo.

Intrigado, o negrinho se pôs a observar os uçás o melhor que podia, para tentar surpreender no seu olhar um pouquinho de humanidade. Espantado, entretanto, por esses caranguejos demoníacos, estava pronto para procurar um meio de quebrar o feitiço. Nunca viu nada com ênfase em seus olhos, e nunca teve coragem de agarrar-se nisso para verificar se a natureza de caranguejo conservava um sinal do que eles haviam sido. Nunca eram encontrados mortos, pareciam viver cimentados no tempo, tendo por única estação uma dor sem domingo. Jeanne-Yvette explicou-lhe que de tanto arremessar a humanidade deles sobre a áspera carapaça, esta se desfazia em pó – tolinho – e se tornava uma dessas lamas incrustadas para sempre nas águas do canal. *A carapaça permanecia vazia, indestrutível e habitada por um longo suspiro* – murmurava ela, alucinada.

São os filhos de Mãe Ninotte e de um tal carteiro, gente do Lamentin, minha querida, dizem que... O negrinho era uma polidez ambulante com os adultos. Tinham autoridade sobre ele e não sofriam nunca a afronta de um olhar nos olhos. Quem vinha se queixar dele a Mãe Ninotte era recebido como um parente.

Os uçás eram descobertos nos canais que os varredores nunca limpavam. Eles fixavam sua posição de guerra perto das antigas medalhas de igrejas, fragmentos de rosários, de imagens piedosas descoloridas, parapeitos desmanchados e de pequenos *quimbois* em saquinho plástico, que nos precipitavam em debandada.

¹³⁴ Diabo que surge de dentro de uma caixa, acionado por uma mola.

Os tesouros dos canais serviam sobretudo para as sessões do cinema-das-quatro-horas. Domingo à tarde, a criançada da cidade dirigia-se para a mesma fila de formigas loucas em direção ao cinema Pax, em frente ao presbitério. O negrinho era vestido como para um batismo, o *short* de lã cinza, os sapatos pretos, a camisa branca das missas, a risca do cabelo traçada na lateral. Num vento de água de colônia, seus irmãos e ele, e o restante do bando, desciam. Era preciso chegar cedo, pois a batalha era rude. Agarrar-se às grades da porta e esperar pela corrida. Nada de fila paciente, ordenada, respeitosa, mas um assalto sem dó nem piedade que envolvia a gaiola onde um *chabin* exigente vendia os bilhetes aos primeiros que chegavam. O negrinho não teve que batalhar, Paul ou algum Grande se encarregava disso. Num canto protegido, ele ajudava, em companhia dos menorzinhos, na agitação terrível. Às vezes, a espera era cruel. Paul podia emergir no guichê para ouvir dizer que não havia mais lugares. E mais lugares significava que o menor interstício, com assento ou sem assento, estava sobrecarregado, dali em diante, de uma pilha de espectadores.

Alcançando o guichê, o combatente-cinematólogo fincava raiz, e seus amigos, irmãos, primos, colegas, vagos conhecidos, lhe passavam o dinheiro e encomendavam muitos bilhetes. Assim, portanto, cada combatente extraía do guichê não menos do que uma dezena de lugares. Essa prática comunitária degenerava, às vezes, em sistema de pilhagem. Podia-se encontrar, de fato, a dois centímetros da vitória e permanecer crucificado atrás de um que chegava e esgotava sem vergonha os bilhetes restantes, à medida que seus generais a três metros atrás organizavam cinicamente esse odioso saque.

Não encontrar lugar era uma grande infelicidade. Afundávamos numa angústia sem remédio. Não havia mais nada a fazer senão ir mastigar lentamente dois cones com amendoins¹³⁵ sob os tamarinheiros da Savana. A Savana era um lugar vibrante de passeios. Num quiosque, uma orquestra municipal ressoava músicas cultas. A conversa do banco dos senadores refazia o mundo em torno dos namoricos das moças, os fluxos de jovens cegos. Sob a frescura dos galhos baixos, as vendedoras de doces propunham os pecados pela boca. Subia-se, descia-se, o braço enlaçado em um braço bem mais quente que o seu. Dissipava-se lá o entorpecimento de uma sesta e a asfixia de um pensamento inquieto. Não era um lugar para crianças. O negrinho privado de cinema se considerava penitente. Só apreciaria mais tarde, no momento

¹³⁵ (orig. *pistache*; cr. *pistach*) Nas Antilhas, o termo *pistache* se refere àquilo que, no Brasil, nós chamamos de amendoim. Não corresponde, portanto, ao fruto da *Pistacia vera*.

em que, infelizmente, a Savana perdia sua alma sob os tamarineiros envelhecidos e, ao longo das alamedas, não abrigava mais seus antigos suspiros, apenas um abúlico eco asfixiado no quiosque vazio.

Mas quase sempre o Grande de combate emergia do tumulto com a mão fechada. Ele a estendia com pequenos cartões rosas amassados que nos precipitavam numa alegria sem igual. Nessa subida selvagem, colocávamo-nos a insultar os ladrões de bilhetes a fim de notificá-los do amor da nossa vida. E tomávamos posse do templo da imagem, sentados no chão ou sobre um banco de madeira, num ambiente de quermesse farta. A alegria de estar lá derramava em todos um frenesi alegre. Era difícil permanecer sentado, era preciso levantar, convocar suas proezas, assinalar sua presença a fim de atestar uma guerra vitoriosa. Aproveitávamos para marcar com um olhar os inimigos invisíveis da semana e, erguidos sobre o assento que não podíamos deixar, os ameaçávamos de longe, com uma voz de algazarra por cima da algazarra. De fato, o cinema havia começado na sala. Os cômicos tinham sessão diante dessa felicidade de público. Os tagarelas e mentirosos levantavam-se num circo jovial a que nós os encorajávamos. Naquele tempo, nenhum aplauso, mas precisas modulações de garganta que hoje a língua crioula perdeu.

Às vezes, um Major que chegou atrasado não encontrava lugar disponível. Os Majores foram uma categoria de guerreiros permanentes. Homens de combate, dominadores, reinavam em um bairro, uma rua, uma parte do mundo, e dividiam a cidade em inúmeros feudos. Que eles não fossem instalados em um assento numa sessão de cinema era impensável. O Major atrasado entrava, então, berrando *Mi mwen*, estou aqui. Este recém-chegado provocava um silêncio pegajoso, pois todos eram ameaçados de perder seu lugar, salvo, evidentemente, os outros Majores já sentados. Um Major nunca ataca outro Major, a não ser por questões de território ou de proteção. O Major atrasado avançava, portanto, num silêncio espectral, sua feiura de lagarta acentuada por uma cara sem batismo. A fileira pela qual ele passava reconhecia sua respiração, aquela que ele abordava com seus olhos atrozmente sufocava brutalmente. Os Majores sentavam-se nas três primeiras fileiras, cujos lugares eram os mais cobiçados: permitiam sentar perto da tela. Nesse nível, o Major atrasado se introduzia no corredor já cheio e tombava no assento que havia escolhido, sobre os joelhos de uma vítima apavorada.

A sequência podia tomar múltiplas vias. O negrinho viveu todos os cenários ao longo dos domingos de seu tempo. *Primeiramente, o mais simples*: o infeliz se levanta e vai se sentar num canto desocupado do chão, murmurando *Desculpe, diretor, não sabia que era o seu lugar...* *O mais trágico*: o infeliz se revolta. O Major, que exige unicamente isso, o joga no chão. Quebra-lhe, primeiramente, o espírito com duas três palavras, uma precisão sobre sua mãe, depois lhe aplica um cascudo, ordenando-lhe para ir-deitar como se faz com os *chiens-fer*¹³⁶. A sala em torno deles abre um círculo de prudência e reconhece seus sinais quando o Major está sentado... *O mais cruel e também o mais raro*: o infeliz luta. Tira seu canivete sem encontrar tempo de levantá-lo, pois com a navalha rasgando o Major já assinou seis ou sete vezes seu nome. Agitação na sala que retrocede em direção às portas. A sessão de cinema só recomeça mais tarde, após a chegada da polícia e o desaparecimento dos combatentes.

Às vezes, o Major atrasado escolhia o lugar do protegido de outro Major já sentado. O infeliz permanecia embaixo de seu agressor na espera de que seu protetor notasse. O que não demorava. O Major já sentado se levantava de alguma parte e interpelava o outro numa lentidão de faroeste:

– Diga, caro senhor-fulano, você não notou que está sentado em cima de alguém? E que esse alguém é meu irmãozinho? O sangue de meu próprio sangue? E a carne de minha própria mãe, hoje defunta sem comunhão?

– Estou ouvindo um cachorro latir, mas não estou vendo ninguém? Qual é o cachorro que quer falar, mas que está latindo?

– Os cachorros não falam, a não ser você mesmo.

Vinha, então (antes do conflito que teria sido terrível) a identificação. Esta podia ser feita por palavras (*Pergunte por mim, Charlot-zouti, na décima terceira fonte do canal...*), mas quase sempre era silenciosa. Eles se reconheciam, se avaliavam, contavam as cicatrizes (ou a superfície da pele que permaneceu em bom estado), e o Major-atrasado mudava de lugar. Desmoronava sobre um vizinho que ia pra longe sem contar sua moeda.

Para que o filme começasse, era preciso cerrar duas séries de janelas situadas no alto da sala. Tinha-se acesso a elas por sinuosas passarelas. O operador dessa deliciosa manobra era conhecido por Tintin (chamado assim em razão de um penteado em forma de ponta acima de

¹³⁶ (var. *chien-fè*) Variedade de cachorro sem pelo, que não ladra, também conhecido como cachorro do México. Nas lendas crioulas, são considerados auxiliares dos feiticeiros por sua capacidade de enxergar bem à noite.

sua testa). Era solicitado a grandes gritos quando demorava, e sua aparição, assinalando a iminência do filme, via-se ovacionada. Tintin conheceu todo domingo, durante muitos anos, minutos de glória. Fechava as janelas uma a uma. Cada fechamento era aclamado como uma proeza de Hércules. A sala perdia lentamente a luz. A escuridão instilava um silêncio relativo no soluço das respirações. Abandonávamo-nos à preguiça nas cadeiras, afastávamos os dedos do pé, estendíamos o cone com amendoins. Uma inocência reencontrada aumentava as pálpebras, tombava o queixo sob a boca aberta. Os mais nervosos assobiavam *xiiiiius* sonoros e amoleciam com seu próprio barulho. Tintin desaparecia atrás da tela. Nós o ouvíamos acionar a manivela da cortina que hesitava, emperrava, voltava, nos fatigava ao máximo, depois, com tudo subitamente liberado, apresentava-se, na brancura mágica da tela fixada ali, até mesmo cinejornais da Gaumont¹³⁷.

Os filmes tratavam de assuntos de espadas, de grandes espetáculos romanos, faroestes-*django*¹³⁸, investigações de detetives. Eram Hércules, Maciste, Robin Hood, Tarzan. Os traidores eram reconhecidos pelas barbichas negras, o olhar oblíquo captado em grande plano e pela tez mediterrânea. Nos faroestes, os índios apareciam desculpáveis de todos os massacres. Os chineses lavadores de roupa falavam cortesias mecânicas com voz fanhosa. Os negros apareciam meio imbecis, com grandes olhos inconstantes, um pavor permanente. Povoavam o cenário zelosos criados, serventes de bar devotos, estátuas de *jazz*, selvagens irremediavelmente caricatos e dentados. Sua aparição provocava uma explosão de riso generalizado da sala que ficava nervosa. O próprio negrinho não percebia nenhuma raça comum entre ele e aquela representação. Indígena significava negro, selvagem também, geralmente mau. Éramos Tarzan e nunca os semi-macacos que ele vencía. O mecanismo dos filmes funcionava plenamente. Identificávamo-nos com os mais fortes, sempre brancos, geralmente loiros, com olhos incessantemente caídos do céu, afundando-nos sem saber numa ruína interior. O negrinho terá, conseqüentemente, que operar a formidável revolução de se considerar negro, e aprender obstinadamente a sê-lo. Mais tarde, teve que aprender a ser crioulo.

¹³⁷ A Gaumont Film Company é uma companhia de produção cinematográfica fundada em 1895 pelo engenheiro e inventor Léon Gaumont (1864-1946), e a mais antiga do mundo a manter suas atividades.

¹³⁸ Referência ao filme italiano *Django*, de 1966, considerado um dos melhores exemplos do gênero *western spaghetti*.

Que sonho um filme-de-cinema! Afundávamos na tela. Sobressaltávamo-nos com as emoções da música. Absorvíamos os sentimentos e as ternuras. Era transpirar nos tumultos, tremer nas neves, esbaforir-se nas perseguições, escorregar nos assentos quando um revólver em grande plano assassinava a sala. Morríamos em grande espetáculo quando um Mocinho via-se arrombado. Os traidores eram ameaçados em voz alta, as frágeis mulheres que entravavam a ação eram devolvidas com desprezo à sua baixa condição. Reinava uma algazarra sem *manman*¹³⁹. Somente a subida de um suspense poderia reduzi-la, uma glaciação de angústia inoculada por uma nota lancinante sustentada em crescendo. Que o ator principal, herói do filme, perdesse estupidamente sua vida depois de uma bela frase não era nunca rentável para o diretor da sala. Com isso, ele perdia alguns assentos em consequência de uma obscura responsabilidade que lhe imputávamos.

Nunca havia filme ruim, tudo era bom, tudo era grande, tudo merecia ser falado, contado, divertido, imitado ao longo da semana até a exasperação de Mãe Ninotte, que nunca colocava os pés no cinema.

As horas de cinema permitiam a Mãe Ninotte descansar da gente. Ela repousava seu espírito e sua voz. Nós a reencontrávamos plácida atrás de sua máquina de costura ou no centro de uma sementeira multicolorida caída do trabalho de suas flores de papel. Mal nos interrogava sobre o filme-de-cinema, mas verificava se cada camisa trazia de volta seus botões. O negrinho se lançava em profundas explicações a respeito do que havia visto. Paul e Jojo pareciam ter visto sempre um outro filme. Consternados, perguntavam a Mãe Ninotte se esse ratinho delirante era mesmo o irmãozinho deles.

Nossa chegada reenviava a guerreira à sua guerra. Ela deixava sua máquina para atrelar-se à cozinha. Sopa da noite. Pão da merenda-das-cinco-horas. Preparação da roupa escolar da semana. O negrinho tinha que se despir, dobrar suas roupas e pendurá-las no guarda-roupa. Não lhe restava mais nada senão acotovelar-se na janela e tentar perceber por cima da cidade morta o que poderia ter lhe escapado no filme que tinha visto.

¹³⁹ Literalmente, sem mãe. Expressão crioula que significa “sem a presença de testemunhas”.

Graviola

toda voracidade enjoa
nas suas abundâncias brancas
essa estação só é prazer
em mama de um leite novo

No domingo à tarde, Fort-de-France tornava-se um silêncio. Não se via passar senão um vento marinho, denunciado pelas poeiras, e as migalhas da vida. Em certas ruas, o ar envidraçado asfixiava as plantas das varandinhas. As *boiseries* trabalhadas. As persianas fechadas. As goteiras sacudidas. Os postigos agitados por pessoas invisíveis. A cidade vivia de uma vida tênue. Os corredores deixavam adivinhar, no fim da aleia escura, o frescor do barro de um quintal interno: as mulatas entretidas entregavam-se ali aos devaneios. Persianas filtravam o zunzum difuso de uma refeição que terminava ou, talvez, na casa das pessoas ricas, de um piano saboreado na quietude de uma família. O negrinho, em errância solitária pós-cinema, começava justamente a tocar sua cidade. Não sabia determinar as épocas das fachadas, nem seus estilos. Ele a sentia ao mesmo tempo jovem e velha – jovem pelo fato de ter um pouco de memória, velha porque carregava em suas madeiras a antiguidade das coisas refeitas. Ignorava ainda os numerosos incêndios, e sentia exatamente cada casa ruminar lembranças de viúva.

A catedral lhe restituía uma vida. A missa da noite imantava o existente. Negras com rosários, portadoras de idades sob véus negros e joias de ouro maciço, coxeavam na calçada em uma lenta transumância. Mulatas floresciaam nos corredores, sustentando suas mãos negras. *Quimboiseurs* de unhas longas apresentavam rigidamente sob a axila um bastão de poder. Desde esse momento, os sinos vibravam a madeira. O vermelho de uma tortura escorrida do céu ensanguentava o alto das fachadas e as vidraças empoeiradas. Depois – bum! – a escuridão tragava tudo. Flap, em uma investida de mangusto na garganta de uma galinha. Não era noite, não era mais dia, mas já se elevava de parte alguma o rumor dos insetos noturnos. O negrinho, sempre na sua janela, ficava atento.

A rua não era mais que um jogo de sombras e claridades lunares, com talvez, aqui ou ali, a punção amarela de uma lâmpada pública. Abriam-se, nesses instantes, as portas do

sobrenatural. Numa lentidão de grama que cresce, giravam em torno de seus eixos silenciosos. As sombras se povoavam do burburinho das savanas secas sob um filete de vento. Os uçás malditos deixavam suas águas. Ratos que não estavam lá se dirigiam à aventura dos feitiços a serem vencidos. Ali, um véu de *diabliesse* ondulava em uma varanda. O lamentável galope de um cavalo-de-três-patas tentava se fundir à agitação de um postigo. Carros sonâmbulos surgiam sem motoristas na esquina das ruas, depois voltavam para trás. Um *engagé* se mesclava a alguns morcegos, mas o barulho de sua asa, pesada de tanta tristeza, distinguia-se mesmo assim. Às vezes, um zumbi fingia ser um negro saído do cinema, andava a passos rápidos como sob a chuva, mas, enganando-se, colocava sua sombra em qualquer lugar. E nada lhe tirava o olhar sem pálpebras, a silhueta arqueada de vela-de-cemitério, essa impossível flor de bambu exibida na orelha e que ele destinava às *diablieses* sentimentais de seus amores pouco católicos. O negrinho se tornara um doutor em artifícios do sobrenatural. Sabia o quanto o real se servia disso para que uma vida estivesse firme. Mas pra quem contar? E que sono encontrar numa escuridão tão povoada? E como não ficar inquieto quando Mãe Ninotte, inconsciente, apagava a última lâmpada?

Os negros-motoristas buzinaavam desde o amanhecer ao atravessarem a cidade, buzinas longas, buzinas curtas, buzinas finas ou em trinta mil rastros. Buzinaavam nos cruzamentos para lembrar a preferência, cumprimentar um amigo, alertar um sério, assegurar não se sabe quem de uma ternura fiel. Com a buzina, das quais eram especialistas, injuriavam, choravam, riam, assinalavam um contentamento, uma admiração por uma bunda maravilhosa, uma felicidade inexprimível. Tinham complicados diálogos ou disputas multissonoras. Quando nenhum pretexto se apresentava, buzinaavam para verificar a tranquilizadora presença de suas buzinas, as quais, uma vez interrompidas, conferiam o oculto poder de aniquilar o engarrafamento. A cidade ao meio-dia transformava-se num estrépito multicolorido que Mãe Ninotte amaldiçoava do alto de sua janela – e mil buzinas de ódio lhe respondiam em consonância, sem nenhuma falha.

Havia percevejos, não contar seria mentir. Existia, por conta disso, um assassino de percevejos, um homem inglês com vida de exilado. Carregava um cavalete preso a um barbante, coberto de garrafinhas com nomes estrangeiros, de bolas cheirosas, de inseticidas úmidos e de vários pós azuis contra os últimos percevejos que infectavam as camas. Seu grito

de chamamento era *Pepepepepercevejo!* – e ninguém duvidava de que era seu grito de vida. Palmilhava os arredores dos mercados, forrado de gentileza, não parecia nunca praticar um comércio, mas prestava serviços. Ele próprio morreu com o desaparecimento dos bichinhos que combatia, desapareceu com eles, num desses dias fora do calendário, e mil estações parecem ter corrido antes que se descobrisse não a extinção de seus percevejos, mas que ele não estava mais lá. Memória, você está se entusiasmando?

As mães cultivavam o orgulho. Era impensável que seus filhos não pudessem comer bem. A frequência do prato vazio é de cultura crioula, circula na história e chega às cabanas da cidade. Às vezes, o azar fincava raízes sem anúncio. Essa serpente (gerada por um carnê impossível de pagar) suprimia o peixe, a sardinha, até mesmo a fruta-pão, não restando mais do que pão e ovos. Então, a mãe fechava a porta em cima de sua condição. Devia-se comer lá dentro e não aparecer lá fora onde o olho mal-intencionado punha-se à espreita. Cada um vigiava o outro sem piedade. A quem não podia dispor senão de margarina, exibia-se sua verdadeira manteiga. Sobre quem mastigava apenas um ovo, ventilava-se o aroma de um fricassê de tartaruga. Mas a quem não tinha nem margarina, nem ovo, nem bacalhau, oferecia-se sem deixar ver que se oferecia, com mil artifícios e precauções. A privação muitas vezes recusada, enroupada numa condição que se queria elevada. Aceitando apenas se a aproximação havia sido hábil ou se as crianças já ostentavam uma barriga gorda do turbilhão dos ventos. As mães cultivavam o orgulho.

Onde termina a infância? Que diluição é essa? E por que você vaga nessa poeira da qual não domina o voo? Memória, quem se lembra por você? Quem fixou suas leis e processos? Quem tem o inventário de suas cavernas bandidas?

O aborrecimento era Beliscador, um negro completamente grisalho e de chapéu preto de detetive. Morava não sei em que lado, sem dúvida em uma dependência do inferno, mas trabalhava na rua em alguma relojoaria. Ele ia-e-vinha a passos largos como um comendador¹⁴⁰ atrasado para uma colheita, como se a vida não lhe concedesse na Terra senão um tempo escasso do tempo. Além disso, detestava crianças. Um dentre nós teve um dia a infelicidade de lhe gritar uma besteira, comparando-o, sem dúvida, a um morcego. Cultivando

¹⁴⁰ (orig. *commandeur*) Nas Antilhas, o comendador é encarregado de coordenar os trabalhos agrícolas e, no período colonial, era incumbido de vigiar os escravos.

um rancor em madeira-de-bálsamo, seu único prazer foi, dali em diante, de nos surpreender na escada, de cair atrás de nós como fogo em cabana de palha, e de nos beliscar até a morte. O alerta sempre era dado tarde demais. A dor nos mordida os lados. Cada um era beliscado três ou quatro vezes durante a fuga. Quando acampávamos no alto dos degraus, uma sorte era oferecida, pois ele precisava subir a passos de zumbi uma escada cujos rangidos o traíam sempre. Portanto, tínhamos tempo de denunciar o voo dessa sombra caricata. Oh, *cacarelle*! Para nos imobilizar entre suas mãos, ele nos teria, era evidente, estrangulado lentamente, sofreado de prazer. Isso durou pesados anos, depois ele parou de aparecer, mas vivíamos com o olho na porta, espreitando esse caro Beliscador, que soube nos expressar a maldade do mundo.

Não existe memória, mas um esqueleto do espírito, sedimentado como um coral, sem bússola nem compasso.

De sua janela, o negrinho reconhecia duas estações, os momentos com chuvas e os momentos sem chuvas. Quase sempre, o olho fixo do sol parecia reger o mundo. Mas, aos poucos, as estações de vida de Mãe Ninotte se revelaram bem mais numerosas. Elas a ritmavam com o poder do dia e da noite. Seu corpo era ramificado pelas estações da lua. As estações do inhame, da *couscouche*¹⁴¹, do abacate regulavam sua comida cotidiana. As estações das frutas modificavam os mercados, influenciavam a cidade e os dias de Mãe Ninotte. Quando os pescadores cercavam o peixe vermelho das rochas, ou iam surpreender a errância do peixe branco, estabeleciam-se duas estações; conforme trabalhavam com linha, nassa ou rede, produziam-se outras; isso agitava a vida de Mãe Ninotte como as marés fazem com as medusas de cabelo.

A estação do peixe vermelho era uma alta estação. Estufados e escabeches perfumavam as panelas. Mãe Ninotte tinha que subir-e-descer, pois a rua em alarme lhe suplicava uma parte. Esses serviços amplificavam o que obtinha dos sírios. Ela era mais amável, menos disponível, mas mais valente, e mudava o repertório das canções das lavagens de roupa. Os pescadores a visitavam com frequência. Dispunham de muito dinheiro, portanto tinham necessidade de todas as coisas inúteis. Mãe Ninotte não parava mais de bater e de debater. Durante o peixe

¹⁴¹ (var. *kouskouch*, *kouchkouch*) Tubérculo da família dos inhames, consumido principalmente em forma de purê.

branco, tempos de *blaff*¹⁴², de frituras, as urgências eram outras. Ela ficava mais tranquila, não preocupada, pois o branco é abundante. Dirigia-se ao mercado de legumes, onde o peixe, desde que estivesse fresco, constituía um tesouro para as vendedoras dos barrancos lamacentos. Estas últimas lhe trocavam a cavala ordinária por raízes desconhecidas e frutos de pecado. Às do vermelho e do branco, é preciso acrescentar a estação das tartarugas, a do *soudon* e dos grandes caranguejos, dos *titiris* e dos voadores, e dezenas de outras mais sutis que coordenavam o tempo de nossa existência.

Essas estações se misturavam, se fundiam, caminhavam paralelas, influenciando umas às outras, desacelerando ao infinito os modos de viver. Era com as estações que Mãe Ninotte marcava o tempo, mensurava suas escorregadelas e desacelerações. Com elas, Mãe Ninotte julgava a ordem do mundo e felicidades possíveis. O negrinho percebia nela tão melhor os efeitos que não compreendia o sentido de suas atitudes. Parecia embarcada nessas acelerações de filmes mudos, que imprimem ao personagem as variações mais ínfimas.

Ele mesmo, no fio de sua idade, penetrava nas estações das crianças. Isso estruturava seu espírito como calendários. A estação dos ioiôs, a estação das pipas, a estação dos *mabes*, que os franceses chamavam *billes*¹⁴³, a estação das brigas de galos, a estação dos caranguejos, a estação dos amendoins-*coco chatte*, a estação do carnaval, a estação da quaresma, a estação do presépio, e a inesgotável estação de doçura de cada fruta (manga a ser ralada até a brancura do caroço, frutas-do-conde a serem desfeitas ponto por ponto, graviola de estranho leite, caimito para sonhar com cola mole, oh, goiaba das marmeladas encantadoras da boca...).

Lembro-me do icaco
oh, lembro-me do icaco

Retornando da missa, uma das mães canta *Ave Maria o pecado se destruirá*. Prossegue num latim que só ela deve compreender o sentido (e que, sem dúvida, não faz sentido pelo fato de que ela canta naquilo que diz ser uma língua sagrada). É vista no calvário – *Ave ave ave Maria* –, nas procissões da semana santa, é ativa na sexta-feira de jejum, oferece a seus filhos

¹⁴² Prato crioulo à base de peixe cozido em escabeche e vinho branco. De origem onomatopaica, o nome *blaff* reproduz o barulho do peixe mergulhado em água fervente.

¹⁴³ Bolinhas de gude.

a matraca das vésperas novas. Fica radiante em todas as confrarias, peregrinações e nos peditórios, em via pública, nos cruzamentos dos caminhos da cruz. Em trinta de agosto, é peregrina de Notre-Dame da Délivrande, no Morne-Rouge. O negrinho foi subjugado por essa negra austera, fina, distinta, de cabelo grisalho de preceptora que vivia com santos, preces e o céu; que conhecia dos fundos da igreja as divindades domésticas; que trazia de um velho testamento outra maneira de suportar o fardo no infortúnio crioulo. Era distante com as humanidades não eleitas por essa luz, não mentia, sorria pouco, não parecia afetada nem pelo desaparecimento da água, nem pelas consequências de um ciclone, nem por infelicidades ordinárias, únicas especiarias generosas nas vidas daqui. De seu estado de fé fervorosa a felicidade vulgar estava excluída, mas uma plenitude interior a elevava, e ninguém nunca a desarmou dessa poderosa autoridade.

Mãe Irénée vive da venda de fritas nas ruas da cidade. Também é especialista em certas tortas francesas esculpidas em formas. Usa um chapéu chinês, de forma cônica. Este lhe foi trazido pelo pai de seus dois filhos, um cozinheiro marinho cujo caminho cotidiano foi o porão de um navio bananeiro em deriva permanente. Ela não o vê senão eventualmente, mas com mais frequência do que o negrinho, que nunca o viu. Mãe Irénée é de pequena estatura, um pouco redonda, silenciosa, vive diante de seus fornos. Seu quarto ressoa as chuvas da fritura. Quando, no meio de uma tarde, faz tortas, os negrinhos da casa circulam nos arredores de sua porta, *bom dia Dona Irénée, bom dia Mãe Irénée...* Ela, sem uma palavra, somente com um sorriso no coração, nos oferece biscoitos. E tem um fraco pelos menorzinhos: o negrinho, além de uma espécie de coisa redonda sobre pernas, com pernas cobertas de fogo, obstinada e imprevisível: Minous. Era o inimigo mais íntimo do negrinho. Eles se detestavam sem perdão, prometendo castrações. Cada um deles sabe que um matará o outro numa curva da vida. Uma das filhas de Mãe Irénée é uma bela *chabine*-creme, especialista na arrumação de jantarzinhos em companhia de Anastácia. O negrinho não a deixa quando ela está lá. Ela se ocupa dele como de seu filho, o mima, não lhe recusa nada, não parece nunca aborrecida com seus caprichos. O coração do negrinho bate melhor com ela.

Um de nós chupava o polegar a ponto de torná-lo pálido e enfraquecido. Não o abandonava nem para viver o cotidiano da casa. Só se esconderia do lado de fora para a escola, quando ela começasse, e para o mundo, quando se esconderia em torno de nós. Mãe Sirène havia tentado

de tudo para dissuadi-lo. As surras. As ameaças. As zombarias, os chás de ervas e as invocações. Aquilo não nos incomodava, mas incomodava os adultos. Incessantemente, e até que se livrasse disso, ele sofreu o martírio. Mãe Sirène impregnou-lhe os polegares com um pouco de titica-de-galinha e uma porção de pimenta. O infeliz desde então explorou os suplícios de Tântalo. Delicado como nenhuma criança jamais foi, ficava imbecilizado, como um caubói sem cavalo, os polegares proibidos apontados para cada lado de sua cintura. Às vezes, no meio de uma felicidade de viver (dessas espécies de acessos que as crianças têm ingenuamente), colocava na boca – e para lastimar por muito tempo, até que um dia não colocará mais – um de seus detestáveis polegares.

Ô, meus irmãos, vocês conhecem essa casa que eu não poderia descrever, sua nobreza difusa, sua memória de poeira. Da rua, parecia um chiqueiro. Significava a miséria cinzenta da madeira de Fort-de-France que começava a concretar as pálpebras. Mas para nós foi um vasto palácio, com recursos sem estação, um corredor infinito, uma escada povoada de vidas como um nicho de crepúsculos, um quintal, cozinhas, bacias, telhados com telhas enferrujadas onde descobrimos o mundo de secretas magnificências. Situada no meio da cidade, ela nos filtrava a cidade. Sabia aliar as luzes e as sombras, os mistérios e as evidências. A tepidez de sua antiga seiva exalava às vezes no silêncio dos dias de missa. Ainda carrega nossas marcas e nossos grafites, tem nossas sombras em suas sombras, e ainda murmura pra mim (mas agora coisas incompreensíveis) quando entro lá.

Ô, meus irmãos, vocês sabem, ela morre nas suas poeiras. Sufoca de lembranças. A escada encolheu. O corredor tornou-se estreito e um armazém a reduziu em três quartos. O quintal também foi reduzido, parece nunca ter conhecido cozinhas nem tido bacias. No pouco espaço que resta, Mãe Ninotte (a única que ainda permanece lá) cultivava um matagal crioulo alimentado, como nós, dessa luz, dessa umidade, visitada por libélulas e silêncios encravados nos brilhos reduzidos da cidade.

Oh, meus irmãos, queria lhes contar: a casa fechou uma a uma suas janelas, desprendendo-se assim, sem circo nem salto, do mundo, tornando a fechar-se gradativamente sobre sua vigilância de uma época – frágil tabelião de nossos tempos de infância.

Meus irmãos, Ô, queria lhes contar.

Fort-de-France, 3 de outubro de 1989.

ANEXO

Carta aos Tradutores

Caros tradutores,

Aqui estão alguns dos princípios da minha escrita:

1. Ao usar o francês, procuro não esquecer da minha língua crioula, da minha imaginação crioula e da minha concepção de mundo crioulo. Eu teria feito isso, não importa a língua que usasse. É, pois, importante que essa dimensão crioula do texto permaneça nas palavras, na sintaxe, nas imagens e até mesmo em certas expressões incompreensíveis. Não faço sacrifícios em favor da transparência – nenhum glossário, nenhuma nota de rodapé, que, a meu ver, não contribuem em nada do ponto de vista literário/estético. Não compreender tudo pela lógica/razão/mente possibilita uma liberdade maior à percepção global, isso acaba sendo, portanto, mais “rico” de um ponto de vista literário, independentemente se a interpretação é correta ou falsa.

2. Uso toda a língua francesa. Para mim, não há palavras obsoletas, ultrapassadas, inapropriadas ou vulgares... Vou do francês antigo à gíria contemporânea, viajo por toda a língua, das suas origens até o presente, tudo é utilizável e tudo é colocado a serviço do efeito literário: palavras novas, palavras antigas, palavras acadêmicas, palavras técnicas, gírias, hipercorreções e expressões populares imprecisas... É uma festa linguística. Eu teria feito isso em qualquer outra língua e seria melhor se esse princípio se mantivesse.

3. Procuro fazer arranjos de maneira que a língua perca um pouco de sua vaidade e sua certeza, seu academicismo formal. Quero senti-la tremular, sentir sua acessibilidade a todas as outras línguas do mundo. Quero que ela pare de se comportar como se fosse a única capaz de expressar o mundo, mas que seja relativizada, informada das esplêndidas possibilidades de outras línguas, que estão no mesmo plano. Quero que a língua seja “aberta”.

4. Sacrifico tudo em favor da musicalidade da frase.

Obrigado e boa sorte!

Patrick Chamoiseau¹⁴⁴

¹⁴⁴ Carta enviada por Chamoiseau aos tradutores de sua obra *Texaco*. Extraída de “Translator’s Note”. In: CHAMOISEAU, Patrick. *Childhood* (Trad. Carol Volk). London: Granta Books, 1999 (tradução nossa).